



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Maria Helena Röhe Salomon

O projeto editorial de guias de arquitetura

Rio de Janeiro

2022

Maria Helena Röhe Salomon

O projeto editorial de guias de arquitetura



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design

Orientadora: Prof.^a Dra. Helena de Barros

Rio de Janeiro
2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/G

S174 Salomon, Maria Helena Röhe
O projeto editorial de guias de arquitetura / Maria Helena Röhe Salomon. – 2022.
179 f.: il.

Orientadora: Helena de Barros.
Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior em Desenho Industrial.

1. Arquitetura - Teses. 2. Desenho industrial - Teses. 3. Cultura material - Teses. I. Barros, Helena de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escola Superior em Desenho Industrial. III. Título.

CDU 7.05+72

Albert Vaz CRB-7 / 6033 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Helena Röhe Salomon

O projeto editorial de guias de arquitetura

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design

Aprovada em 29 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Helena de Barros (Orientadora)
Escola Superior de Desenho Industrial — UERJ

Prof. Dr. Carlos Feferman
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Almir Mirabeau
Escola Superior de Desenho Industrial — UERJ

Rio de Janeiro
2022

AGRADECIMENTOS

Ao professor Washington Dias Lessa que, numa conversa no outono de 2019, incentivando o desenvolvimento do projeto de pesquisa para ingresso no PPDESDI, mostrou-me os autores Edward Tufte e Richard Wurman. Posteriormente, como orientador inicial deste trabalho, sugeriu o recorte temático com o qual tinha familiaridade: foi um privilégio e grande aprendizado rever, com outros olhos, aqueles guias de arquitetura.

A professora Helena de Barros que me acolheu como sua orientanda e como participante nas aulas do estágio docente; lamentamos apenas o ensino remoto. Agradeço pelas diretrizes e pela leitura das várias versões deste trabalho.

A professora Virgínia Pereira Cavalcanti, da UFPE, pela orientação na disciplina Design e Cultura Material, realizada remotamente.

A Maria Pace Chiavari que me apresentou ao professor Jean-Philippe Garric e por meio dele me aventurei no tema do *Le livre et l'architecte*.

Ao professor Gustavo Rocha-Peixoto que me recomendou a leitura de *Uma anatomia do livro de arquitetura*, de André Tavares, e de *Architecture in the age of printing*, de Mario Carpo, que fizeram o contraponto oportuno às leituras do campo do design.

A José Simões de Belmont Pessôa, pelo empréstimo de exemplares de guias de arquitetura que tornaram possível a ampliação da análise.

Aos professores Suzana Valladares (PUC-Rio) e Gabriel Schvarsberg (Esd) pelas recomendações na banca de qualificação.

Aos colegas de mestrado Gabriela De Laurentis, “sobrevivente” da única semana de aula presencial, a quem agradeço o apoio fraterno e as trocas acadêmicas e Marcelo Fonseca da Rocha, que me indicou estudos sobre os mapeamentos não rígidos.

A Rosalina Gouveia pela revisão dos textos.

RESUMO

SALOMON, Maria Helena Röhe. *O projeto editorial de guias de arquitetura*. 2022. 179f. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Estudo sobre a natureza editorial e o design gráfico dos guias de arquitetura, que são artefatos editoriais voltados para o conhecimento do patrimônio edificado de uma cidade ou região, a fim de compreender a organização e a edição da informação sobre a arquitetura. O levantamento histórico demonstra que desde o século XVI circulam impressos com o propósito de comunicar sobre as formas, os usos e a beleza contidos em edifícios, incentivando os passeios e as viagens para ver arquitetura. Os métodos descritivo e analítico do campo de estudo da cultura material possibilitaram a compreensão dos aspectos singulares e das equivalências encontrados em publicações nacionais e estrangeiras, produzidas entre 1986 e 2020 que integram o *corpus* de pesquisa. Além das qualidades materiais e do caráter instrumental que singulariza esse gênero editorial, sua finalidade é identificada como actante, inserindo os guias de arquitetura numa rede de relações culturais e sociais que são mediadas por esses artefatos.

Palavras-chave: Cultura material. Design da informação. Design e arquitetura. Guia de arquitetura. Projeto editorial.

ABSTRACT

SALOMON, Maria Helena Röhe. *The editorial design of architectural guides*. 2022. 179f. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This study is of the editorial nature and graphic design of architectural guidebooks, which are publishing artifacts designed to transmit knowledge on the built heritage of a town/city or region, in order to understand how published information on architecture is organized and edited. The historical review shows that since the sixteenth century material was printed and circulated with a view to communicating information on the forms, uses, and beauty of buildings with a view to encouraging trips and voyages to view their architecture. The use of descriptive and analytical methods from the field of material culture enables an understanding of the singularities and similarities encountered in publications from Brazil and elsewhere produced between 1986 and 2020 included in the research corpus. Alongside the material qualities and the instrumental nature that mark this publishing genre, its purpose is identified as an actant, with architecture guidebooks participating in a network of social and cultural relations that are mediated by these artifacts.

Keywords: Material culture. Information design. Design and architecture. Architectural guidebook. Publishing project.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação do projeto de pesquisa segundo o Diagrama de Hansen	17
Figura 2 – Esquema de conciliação das abordagens da linguagem na visão de linguistas e de designers gráficos.....	18
Figura 3 – Diagrama da classificação sistemática da representação em arquitetura	20
Figura 4 – Dois desenhos de representação do Museu de Arte Moderna Rio	23
Figura 5 – Tratado de Andrea Palladio.....	34
Figura 6 – <i>Orbis sensualium pictus</i> , 1672	35
Figura 7 – Gravura da série <i>Vedute</i> realizada por Giovanni Battista Piranesi.....	36
Figura 8 – Exemplo do gênero viagem pitoresca	37
Figura 9 – Curva da produção de publicações do gênero de viagens pitorescas entre 1770 e 1850	38
Figura 10 – <i>Journal of a Voyage to Brazil</i> , de Maria Graham.....	39
Figura 11 – Grand Tour: mapeamento das rotas em dois períodos distintos	40
Figura 12 – Grandjean de Montigny <i>Architecture toscane</i>	41
Figura 13 – Le Corbusier e Lucio Costa cadernos de desenhos	42
Figura 14 – Panorama Circular do Rio de Janeiro, visível do morro de Santo Antônio	44
Figura 15 – Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife	45
Figura 16 – Rio de Janeiro: Guia Turístico-Histórico-Sentimental da Cidade mais Bonita do Mundo	47
Figura 17 – Guia Access Nova York	49
Figura 18 – Rio de Janeiro Central Monumental	51
Figura 19 – Guia de Turismo Michelin Rio de Janeiro: Cidade e Estado	52
Figura 20 – Representação da organização de um guia de arquitetura	53
Figura 21 – Guia Art Déco e Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro mapa geral	54
Figura 22 – Representação da relação entre roteiros e mapas.....	55
Figura 23 – Pevsner Architectural Guides.....	59
Figura 24 – Guias editados pela Reimer Verlag.....	60
Figura 25 – Guias editados pela Birkhäuser	62
Figura 26 – Guias editados pela NAI010 Publishing	62
Figura 27 – Guias editados pela Braun Publishing.....	63

Figura 28 – Guias editados pela Electa.....	63
Figura 29 – Guias editados pela Chronicle Books.....	64
Figura 30 – Guias editados pela Ellipsis Könemann	65
Figura 31 – Guias da coleção Stella Polare editados pela Clup.....	65
Figura 32 – Guias da coleção On the Road City editados pela Forma.....	66
Figura 33 – Guias editados pela DOM	66
Figura 34 – Guias das séries Architects Guides e 101 Architetture da Vedere.....	68
Figura 35 – Guia da Arquitetura Modernista de Cataguases e Brasília: Roteiro de Arquitetura	70
Figura 36 – Guia editados pela Viana e Mosley	72
Figura 37 – Guia da Arquitetura Contemporânea da editora Viana e Mosley	73
Figura 38 – Representação cartográfica nos guias da editora DOM.....	74
Figura 39 – Guias da editora DOM: Veneza e Viena páginas no formato aberto	75
Figura 40 – Guida all’Architettura: Venezia índice cromático lateral.....	76
Figura 41 – Architekturführer: Wien boxes com informações complementares.....	77
Figura 42 – Recorte de página com um verbete no Guia de Veneza.....	78
Figura 43 – Canton Ticino: architetture recenti capa e páginas internas.....	79
Figura 44 – AIA Guide to New York City capa, mapa, página de miolo.....	81
Figura 45 – AIA Guide to New York City duas páginas no formato aberto	82
Figura 46 – AIA Guide to Chicago capa, mapa, página de miolo	83
Figura 47 – AIA Guide to Chicago lateral do livro.....	83
Figura 48 – AIA Guide to Chicago duas páginas no formato aberto.....	84
Figura 49 – Distribuição geográfica das instituições e imagem da coleção	85
Figura 50 – The Campus Guide capa e página de abertura de roteiro.....	85
Figura 51 – The Campus Guide aspecto da estrutura visual interna.....	86
Figura 52 – The Campus Guide índice dos roteiros	86
Figura 53 – Buenos Aires Recorridos capa, mapa e página no formato aberto	88
Figura 54 – Buenos Aires Recorridos página aberta da seção de verbetes.....	89
Figura 55 – Catálogo Guía Ciudad de México capa e mapa	90
Figura 56 – Catálogo Guía Ciudad de México páginas internas no formato aberto	91
Figura 57 – Guia Arquitectónica de Quito capa e páginas no formato aberto	92
Figura 58 – Guia Arquitectónica de Quito aspecto visual dos mapas.....	93
Figura 59 – Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa capa e página no formato aberto	94

Figura 60 – Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa detalhe do verbete	95
Figura 61 – Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa representação cartográfica e sistema de localização.....	96
Figura 62 – Guia de São Luís capa, mapa e página de verbete.....	97
Figura 63 – Guia de São Luís recursos visuais para tratamento da informação	98
Figura 64 – Um Guia de Arquitetura de São Paulo capa e mapa.....	99
Figura 65 – Um Guia de Arquitetura de São Paulo duas páginas de miolo.....	99
Figura 66 – Architectural Guide Brazil da editora DOM páginas internas.....	101
Figura 67 – Coleção Rioarte.....	102
Figura 68 –Coleção Rioarte páginas no formato aberto	103
Figura 69 – I Seminário do Art Déco na América Latina peças gráficas	105
Figura 70 – Guia da Arquitetura Art Déco páginas internas com mapa desdobrável.....	106
Figura 71 –Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro	107
Figura 72 – Guia da Arquitetura Colonial e Guia da Arquitetura Moderna páginas internas	108
Figura 73 – Rio Metropolitano aspecto visual da ilustração de um verbete.....	110
Figura 74 – Rio Metropolitano codificação por índice de desempenho metropolitano.....	110
Figura 75 – Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro	112
Figura 76 – Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro verbetes especiais.....	113
Figura 77 – Made in Tokyo capa, mapa geral e formato aberto do verbete	115
Figura 78 – Guida alla Venezia Minore capa, mapas e páginas internas.....	117
Figura 79 – Informal rooting: an open atlas página no formato aberto	119
Figura 80 – Desenhos de representação de construções na favela Dona Marta	119
Figura 81 – Paris Visite Guidée e São Paulo Cidade e Arquitetura: Um Guia	121
Figura 82 – Paris Visite Guidée mapa interno e legenda.....	121
Figura 83 – Paris Visite Guidée duas páginas no formato aberto.....	122
Figura 84 – São Paulo: cidade e arquitetura página de abertura de capítulo	122
Figura 85 – Detalhes das pranchas do Tallis’s London Street View.....	125
Figura 86 – Itinerario: revista Domus Oud e a Holanda.....	128
Figura 87 – Arquitetura moderna no Rio de Janeiro.....	129
Figura 88 – Folhetos guia Perambulation aspectos gerais do impresso	130
Figura 89 – Folhetos guia Perambulation estrutura visual do impresso	130
Figura 90 – Folhetos Focus Royan capa e aspecto visual interno	132

Figura 91 – Les années 1950: Royan (França)	133
Figura 92 – New York City Walks: Architecture aspectos do impresso	134
Figura 93 – Visitas Monitoradas aos Prédios da Universidade Federal de Pelotas	136
Figura 94 – Guia de Arquitetura de Porto Alegre	137
Figura 95 – ArqPOA capturas da tela do site	137
Figura 96 – Guia Arquitetônico de Belo Horizonte capa da versão impressa e digital	139
Figura 97 – Guia Arquitetônico de Belo Horizonte aspecto gráfico da versão digital	139
Figura 98 – Guia da Arquitetura Moderna em Salvador – anos 30/80	141
Figura 99 – Aplicativo A'18 City Map.....	142
Figura 100 – Plataforma ArchDaily Roma	143
Figura 101 – QR Code em mosaico de pedra portuguesa	144
Figura 102 – Aplicativo Patrimônio Carioca.....	145
Figura 103 – Características relativas à portabilidade e ao manuseio	148
Figura 104 – AIA Guide to New York codificação por meio de símbolos.....	149
Figura 105 – Guia Rio Metropolitano sumário das codificações aplicadas aos verbetes.....	150
Figura 106 – DOM Publishers detalhe do QR Code.....	151
Figura 107 – Guia Michelin e AIA Chicago recorte de mapas	153
Figura 108 – AIA Guide to New York e Guia do Rio de Janeiro mapa de um roteiro	154
Figura 109 – Paris Visite Guidée trecho do mapa	155
Figura 110 – Guia Art Déco e Guía Ciudad de México uso da cor	156
Figura 111 – Architekturführer: Wien e Guida all'Architettura: Venezia imagens fotográficas	157
Figura 112 – Coleção Guias da Arquitetura do Rio de Janeiro e exemplares da editora DOM	158
Figura 113 – Guida all'Architettura: Venezia, AIA Chicago e The Campus Guide ..	158
Figura 114 – Exemplos da seção “modo de usar”	159
Figura 115 – Exemplos de desenhos de representação da arquitetura	160
Figura 116 – Guiarquitetura Brasília duas páginas no formato aberto	161
Figura 117 – AIA Guide to New York duas páginas no formato aberto	162
Figura 118 – Guia da Arquitetura de Lisboa página no formato aberto	163
Figura 119 – Guia da Arquitetura Eclética e Guia de São Luís páginas no formato aberto	164

Figura 120 – AIA Guide to New York e Guia da Arquitetura Art *Déco* | mancha gráfica.....165

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Classificação dos livros do <i>corpus</i> de pesquisa, em que os roteiros são organizados por tipologia, cronologia e localização	30
--	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	OS GUIAS DE ARQUITETURA	33
1.1.	Antecedentes	33
1.1.1.	Os arquitetos viajantes e as viagens para ver arquitetura	39
1.1.2.	Os panoramas — o viajante imóvel	43
1.1.3.	Antecedentes no Brasil.....	45
1.1.4.	Os guias de turismo e viagem	47
1.2	Modo de usar: a estrutura funcional do objeto	53
1.2.1	Parâmetros para uma tipologia editorial: estrutura dos capítulos e verbetes	52
1.3.	Um panorama de guias de arquitetura contemporâneos	56
1.3.1.	Panorama internacional: um levantamento das principais editoras	58
1.3.2.	Panorama nacional.....	69
2.	UMA AMOSTRAGEM DE CATEGORIAS EDITORIAIS	71
2.1	A produção seriada	71
2.1.1.	Editora DOM: Veneza e Viena.....	73
2.1.2.	Canton Ticino: architetture recenti	78
2.1.3.	AIA GUIDE TO: New York e Chicago.	80
2.1.4.	The Campus Guide: Harvard University	84
2.2.	Publicações autônomas	87
2.2.1.	Buenos Aires Recorridos	88
2.2.2.	Catálogo Guía de Arquitectura Contemporánea Ciudad de México	89
2.2.3.	Guia Arquitectónica de Quito	91
2.2.4.	Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa.....	93
2.2.5.	São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara.....	96
2.2.6.	Um Guia de Arquitetura de São Paulo.....	98
2.3.	Leituras sobre uma mesma cidade: os guias do Rio de Janeiro	101
2.3.1.	Coleção Rio: Guia para uma história urbana.....	102
2.3.2.	Coleção Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro	104
2.3.3.	Guia Rio Metropolitano	109

2.3.4.	Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro.....	111
2.4.	Abordagens originais	114
2.4.1.	Made in Tokyo	114
2.4.2.	Guida alla Venezia Minore.....	116
2.4.3.	A representação da cidade cinética Informal Rooting: an open atlas	118
2.5.	Arquitetura e urbanismo	120
3.	EFÊMEROS, PERIÓDICOS E FORMATOS DIGITAIS	124
3.1	Os encartes de revistas especializadas	127
3.2	Os folhetos	129
3.3	Os formatos digitais e ferramentas colaborativas	135
4.	ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS GRÁFICAS E EDITORIAIS	147
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
	REFERÊNCIAS	170
	ANEXO A - Capas dos exemplares do corpus de pesquisa	178
	ANEXO B - Características físicas dos exemplares do corpus de pesquisa.....	179

INTRODUÇÃO

A relação entre livro e construção não era simples metáfora: ambos deveriam ter como ambição enriquecer a experiência da vida para além da elementar resposta funcional.

André Tavares

Esta investigação trata do guia de arquitetura e seu desdobramento em produtos editoriais, que estabelece o diálogo entre projeto editorial e projeto gráfico do livro e a vivência da arquitetura na cidade. Visa, por meio da descrição e análise de exemplos, definir o gênero editorial guias de arquitetura, que integra a cultura literária e visual responsável pela circulação de ideias e de pessoas ao redor do mundo.

Das categorias editoriais existentes para livros de arquitetura que abordam temas variados, como história, teoria e percursos profissionais, os guias de arquitetura, relativos a edificações que merecem destaque em um contexto urbano específico, são artefatos que reúnem grande volume de informações localizadas espacialmente e as dispõem de forma organizada. Um guia se coloca entre um recurso de promoção turística, um registro do patrimônio cultural e uma coletânea da produção da arquitetura de um determinado local. A eles se atribui um propósito comunicacional – que podemos assumir como um caráter utilitário – devido a uma inerente função cultural, diferente das outras publicações mencionadas. Segundo Paiva,

[...] os guias de arquitetura são instrumentos instrutivos que orientam pesquisadores e visitantes sobre aspectos fundamentais da produção da arquitetura de um determinado lugar, ao oferecer condições mínimas de conhecimento do patrimônio edificado e proporcionar possibilidades distintas de informação e interpretação da obra, assim como sua inserção espacial e temporal (PAIVA et al., 2013).

Os estudos coordenados pelo Prof. Ricardo Paiva (DAU-UFC) – realizados entre 2012 e 2013 e que resultaram nas publicações *Guia da Arquitetura (Proto)Moderna de Fortaleza* (1932 e 1960) e *Guia da Arquitetura Moderna de Fortaleza* (1960-1982)¹ – estão relacionados à instituição de programas de pós-graduação e de linhas de pesquisa para a realização de levantamentos sistemáticos, criação de bancos de dados

¹ Disponível em: <<https://guiaarquiteturamodernafortaleza.blogspot.com/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

e elaboração de inventários da produção arquitetônica que, na década de 1990, também ampliaram a ação de órgãos de tutela e de preservação com o registro de bens, não apenas dedicados aos tipos de relevância cultural e histórica.

A edição de guias de bens tombados (ou preservados), iniciativa da administração pública, é considerada uma das formas de preservação do patrimônio arquitetônico. Através da difusão das listas atualizadas e classificadas segundo tipologia de edifício, uso original e adaptado e período histórico de construção, essas publicações cumprem com a função documental do que é valorizado: um bem comum de todos.

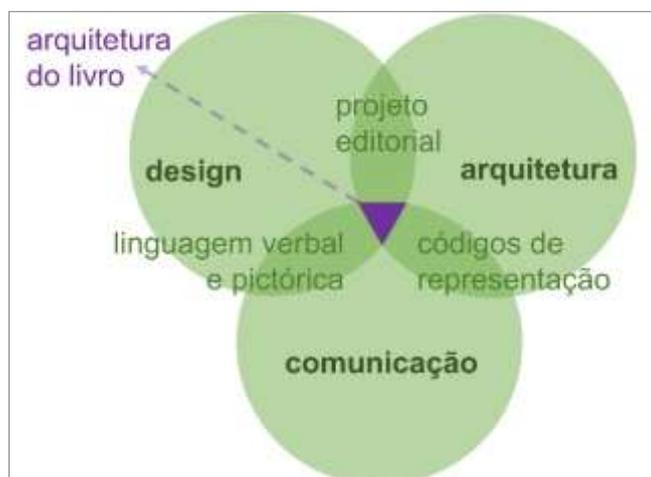
Porém, não foram identificados nas bases acadêmicas trabalhos que se ocupassem das características de design desse gênero editorial. A expressão “guia da arquitetura” aparece em cerca de 340 resultados no Google Acadêmico. A mesma base de dados recupera 532 produtos, entre citações e artigos, com o termo guia de arquitetura. A publicação *Quando o Brasil era moderno. Guia de arquitetura (1928-1960)*² aparece citada 90 vezes e, em número aproximadamente igual, a soma dos exemplares da coleção *Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro (2000)*. Dos resultados constam também nomes de outras cidades que foram objeto de guias: Cataguases (MG), Teresina (PI), Porto Alegre (RS), Petrópolis (RJ), entre outras poucas no Brasil. Nada foi encontrado na base Capes com as expressões mencionadas. Verifica-se que os guias são citados como referência bibliográfica, contribuindo como fonte de informação e para o entendimento do patrimônio construído nas cidades.

Diante dessa constatação, percebe-se uma lacuna e uma oportunidade de investigar questões editoriais e gráficas, identificando os elementos típicos de um guia de arquitetura a fim de caracterizar seu gênero editorial.

O esquema a seguir sintetiza o projeto de pesquisa identificando as áreas de conhecimento e, no modo como estão entrelaçadas, revelam os tópicos de aporte teórico e que guiaram a escrita. Tais matérias têm em comum a arquitetura da informação como um fenômeno da comunicação por se referir a algo (o edifício), cumprir um propósito (instruir um passeio) e assumir um usuário em relação com aquele algo.

² CAVALCANTI, Lauro (Org.). *Quando o Brasil era moderno: guia da arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. Os capítulos são organizados segundo autores/arquitetos e abrange todo o território nacional. Suas características físicas e gráficas (o projeto gráfico é do designer Victor Burton) o aproximam de uma publicação para fins de leitura e consulta.

Figura 1 – Representação do projeto de pesquisa segundo o Diagrama de Hansen



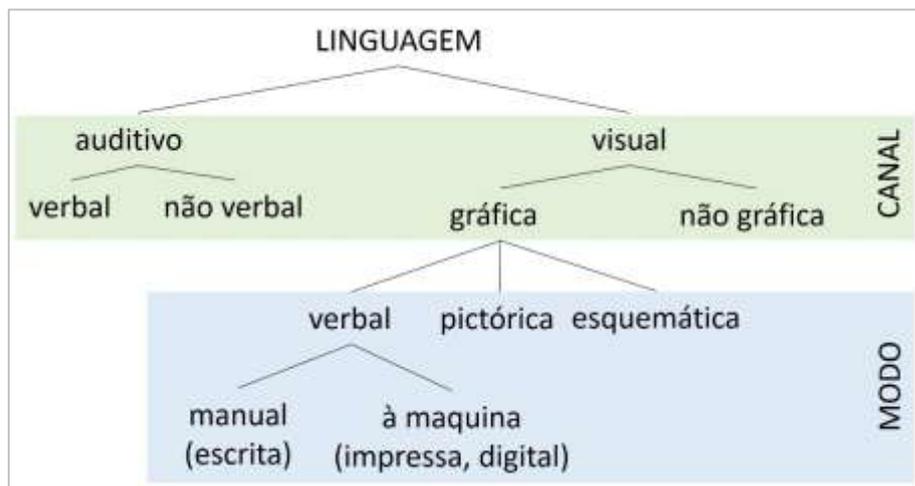
Legenda: O diagrama de Hansen³ sintetiza a inter-relação (ou pontos de encontro) de três círculos conceituais – design, arquitetura e comunicação. Ao centro, a questão da pesquisa que é elucidar a relação entre os artefatos culturais.

Fonte: A autora, 2021.

Twyman (1985) argumenta que o modelo linguístico tradicional divide a linguagem em oral e escrita (verbal e não verbal) e, tradicionalmente, não considera as imagens, ou seja, não inclui a linguagem gráfica e o modo pictórico, essenciais, entretanto, para a linguagem e comunicação visual. No esquema abaixo, esse autor amplia o gráfico conceitual para a inclusão da linguagem verbal, pictórica e esquemática (TWYMAN, 1985, p. 246-247). Pode-se ter em conta que todas essas categorias de texto e imagens são incluídas num guia de arquitetura.

³ Diagrama de Hansen (HANSEN, Y. M. Graphic tools for thinking, planning, and problem solving. In: JACOBSON, R. (ed.). *Information design*. MIT, 1999). Apud MORAES, Reinaldo Pereira de. Design da informação: mapeamento de informação e diagramas na representação de um projeto de pesquisa. *DAT Journal*, v. 4, n.1, 2019.

Figura 2 – Esquema de conciliação das abordagens da linguagem na visão de linguistas e de designers gráficos⁴



Legenda: Twyman propõe um desdobramento do modelo da linguagem (oral e visual), defendido por linguistas, para conter palavras e imagens. O canal de percepção da informação – auditivo ou visual – contém a palavra e atende a maioria dos contextos de comunicação. Para conter a imagem, subdivide o modo visual entre gráfico e não gráfico (paralinguagem). Em cada uma das categorias gráficas – verbal, pictórico ou esquemático – tem-se o modo de execução à mão ou por intermédio de uma máquina.

Fonte: A autora calcada em TWYMAN, 1985.

Conceitos básicos utilizados

No esquema que representa as grandes áreas temáticas envolvidas na presente investigação (Figura 1) – arquitetura, design e comunicação –, foi atribuído às intercessões dos círculos temas que auxiliam na compreensão do objeto de estudo: os guias de arquitetura. Os temas são descritos a seguir.

a. A arquitetura da informação

O tema do design da informação será abordado levando em consideração a contribuição do arquiteto e designer americano, Richard Wurman (1935-), sobre a organização da informação e o trabalho de torná-la acessível: “[...] estou preocupado com o acesso do público à experiência e à informação, em oferecer às pessoas novas formas de olhar para seu ambiente e sua vida” (WURMAN, 1991 [1989], p. 51).

⁴ O trecho correspondente na tradução é: *Model devised to accommodate the approaches to language of linguistic scientist and graphic designers.*

Na década de 1970, Wurman cunhou o termo “arquitetura da informação” (AI – *architectural information*) ao proferir uma conferência no encontro anual do American Institute of Architects (AIA) e, atualmente, é utilizado para definir as práticas e configuração de uma estrutura *web*. Tem se dedicado, desde então e por meio de publicações e conferências, a tornar a informação compreensível. A ele é atribuída a reinvenção dos guias de viagens editando a série *Access Guides*.⁵ No livro *A ansiedade da informação*, desenvolveu sua tese sobre quanta informação é essencial e/ou desejável. Neste ponto, vale ressaltar que os guias de arquitetura se utilizam muito das conquistas da área de arquitetura de informação. São artefatos altamente indexados, com grande número de referências cruzadas, com as quais se pode saltar de um tópico a outro, valendo-se de uma complexa estrutura de organização e de codificações internas a fim de se estabelecer conexões rápidas e dinâmicas nas consultas.

b. A representação em arquitetura

A transposição de um objeto tridimensional para duas dimensões foi a principal questão enfrentada nos primórdios dos livros de arquitetura e foi descrita por Mario Carpo no livro *Architecture in the age of printing* (CARPO, 2011). Historiador e crítico de arquitetura, ele resgata nessa publicação a história da influência da tecnologia da comunicação na teoria da arquitetura ocidental, percorrendo “a mudança do manuscrito para a impressão, e dos desenhos feitos à mão para imagens reproduzidas mecanicamente”. A reflexão proposta pelo autor considera que a arquitetura entrou na era da impressão com a aquisição de códigos de representação visual – plano, elevação e seção – e não só com o texto escrito, o que permitiu a difusão, a reprodução de modelos, a confecção de manuais de construção e a elaboração de teorias e de tratados de arquitetura.

⁵ Sobre os guias *Access*, ver tópico 1.1.4 – Os guias de turismo e viagem. Richard Wurman é também um dos criadores do famoso TED — Technology, Entertainment and Design (1984), ciclo de palestras que têm duração máxima de 18 minutos.

O filósofo e estudioso da ciência da informação, Pierre Lévy (1993), ao analisar as inovações técnicas introduzidas pela imprensa de tipos móveis de Gutenberg (Johannes Gutenberg, 1396-1468), percebeu o surgimento de um novo modelo cognitivo, transformado pela forma de transmissão dos saberes.⁶

Na época do manuscrito, era no mínimo arriscado transmitir graficamente a estrutura de uma flor, a curva de uma costa ou qualquer elemento da anatomia humana. Mesmo supondo que o autor tivesse sido um desenhista excepcional, era pouco provável que o próximo copista também o fosse. O mais comum era que, após duas ou três gerações de cópias, a imagem obtida não se parecesse nem um pouco com a do original. A impressão transforma esta situação. A arte do desenhista pode ser colocada a serviço de um conhecimento rigoroso das formas (LÉVY, 1993, p. 60).

A proposição elaborada por Cattani (2011) sobre uma taxonomia⁷ da representação em arquitetura é comentada por Vieira (2012) para situar a fotografia como um recurso nesse sistema de representação que, primordialmente, estrutura o processo de comunicação. A figura 3 ilustra tal enunciado, que procura dar conta de todas as possibilidades, e que, no capítulo 4, serão identificadas quais as mais adequadas para as finalidades de um guia de arquitetura (VIEIRA, 2012, p. 220).

Figura 3 – Diagrama da classificação sistemática da representação em arquitetura

⁶ O argumento da invenção da prensa tipográfica como marco de uma nova era de formação social também foi defendido por Santaella (2003) e Chartier (1994).

⁷ “Taxonomia é, por definição, classificação, sistemática e está sendo conceituadas [sic] no âmbito da Ciência da Informação como ferramenta de organização intelectual. [...] O resgate da taxonomia nos sistemas de informação considera a unidade sistemática (taxon) não mais família, gênero, espécie, mas conceitos. Aqui, as classes se apresentam segundo uma ordem lógica, apoiada igualmente em princípios classificatórios”. Disponível em: <<https://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--101.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2022.



Fonte: A autora baseada em CATTANI, 2011 (apud VIEIRA, 2012).

Como identificado por Twyman (1985), as convenções de desenho e de registro de imagem são estratégicas no design de comunicação e se adequam ao propósito, ao conteúdo da informação, à identificação de usuários, às circunstâncias de uso e recursos financeiros disponíveis, podendo variar muito entre desenhos, fotografias, ilustrações, perspectivas, esquemas, infográficos, mapas etc., cada um atendendo à determinada finalidade (TWYMAN, 1985, p. 248-249 e 278). A arquitetura e a engenharia utilizam convenções e símbolos de desenho técnico para comunicar as intenções do projeto e as instruções de execução. No caso brasileiro, normas e padrões técnicos são estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).⁸ Tipo e espessura de linhas (contínua, tracejada, traço e ponto); caligrafia e escala; e o grau de elaboração dos desenhos (estudo preliminar, projeto e projeto executivo), por exemplo, são pactuados visando à legibilidade e à uniformidade do exercício profissional.

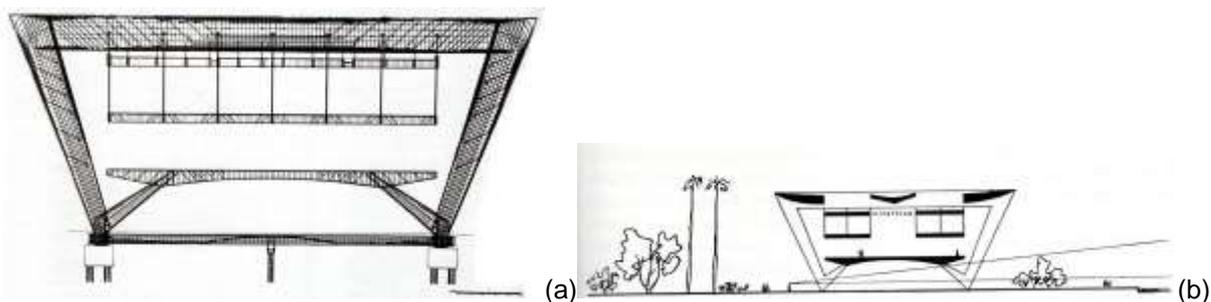
Além do fato gerador, o desenho é também uma modalidade pela qual a arquitetura se exprime, seja como investigação projetual, antes de obter a sua materialidade ou comunicar, *a posteriori*, a síntese ou justificativa para as soluções adotadas, e como instrumento de construção, nos desenhos técnicos. Para o edifício do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, de autoria de Affonso Eduardo Reidy (1954-1967), dois desenhos em corte costumam ilustrar a maior parte dos textos sobre o

⁸ A ABNT é uma entidade privada, sem fins lucrativos e de utilidade pública, fundada em 1940. No desenho técnico, as principais normas e diretrizes são: NBR 6492 – Representação de projetos, e NBR 10067 – Princípios gerais de representação em desenho técnico.

edifício: ora pelo detalhamento das armaduras dos elementos estruturais (Figura 4), ora pela demonstração da permeabilidade visual e integração com a paisagem – o cone de visão alcança o Pão de Açúcar (Figura 4b). Além da dimensão física do objeto, tais representações revelam uma dimensão política por meio de valores e de circunstâncias intrínsecos à construção: quais escolhas tecnológicas e culturais, respectivamente.⁹

⁹ Ver D'AGIOUT, Guglielmo Thomas. La rappresentazione progettuale dell'architettura. Disponível em: <<https://independent.academia.edu/ThomasdAgiout?swp=tc-au-11055259>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

Figura 4 – Dois desenhos de representação do Museu de Arte Moderna Rio



Fonte: (a) CZAJKOWSKI, 2000; (b) CAVALCANTI, 2001.

O desenho, entretanto, não é o único elemento da linguagem visual para representar a arquitetura. A impressão fotográfica, difundida a partir de 1860, que substituiu o daguerreótipo, apresentada na França em 1839, impulsionou novas percepções da arquitetura: “perspectivas de contexto e pormenores detalhados eram combinados para constituir personificações fotográficas eficazes” (TAVARES, 2016, p. 45 e 50). Transitando entre o registro científico, a documentação e a composição artística, a fotografia contribuiu para a disseminação de informações e construção de expedientes capazes de compartilhar os anseios de variados meios de comunicação.

O tema é bastante amplo e, no caso deste estudo, deverá se restringir aos propósitos e ao caráter instrumental do guia de arquitetura. Ou seja, as imagens utilizadas nas publicações ilustram ou compõem em si uma narrativa. São intermediárias de uma relação com o objeto arquitetônico, organizando a leitura no espaço do livro e no espaço da cidade. Tais escolhas não estão restritas ao campo editorial, mas dependente também de uma questão autoral, de tradução (ou interpretação do objeto), e de relação entre fotógrafo e aparelho:¹⁰ “buscar a fotografia *no* edifício e não a fotografia *do* edifício” (HERBST, 2017, p. 90).

c. Estudos da cultura material

A formulação do projeto de pesquisa que deu origem aos estudos desenvolvidos para a presente dissertação de mestrado utilizou métodos e algumas das teorias

¹⁰ Hélio Herbst, ao elucidar as questões das imagens que ilustram a publicação/exposição *Brazil Builds* (GOODWIN, Philip L., 1943), recorre ao filósofo checo-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) examinando a relação entre o autor das imagens e os dispositivos (caixa-preta) utilizados para retratar tanto a arquitetura vernacular quanto a produção moderna brasileira que, a partir daquele momento, iria se mostrar ao mundo.

em construção ou já consolidadas da cultura material (MENESES, 1998 e 2009; REDE, 1996; RIBEIRO, 1986; WOODWARD, 2007; FARIAS e BRAGA, 2018). Integram este campo de estudo: a compreensão dos atributos físicos dos objetos e a interpretação da informação nele contida. O historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (1936-)¹¹ alerta que nenhum atributo de sentido (funcional, histórico ou simbólico) é intrínseco aos artefatos pois apenas as “propriedades de natureza físico-químicas: forma geométrica, peso, cor, textura” lhes são inerentes. Segundo o autor, todo o conteúdo do discurso sobre os objetos que escapa à descrição objetiva de características materiais é dedutivo,¹² e necessita de suporte de informação e documentação externa a eles (MENESES, 1998, p. 91-92). Essa ressalva ao objeto inerte, formulada por Ulpiano Meneses, é acolhida numa categoria de análise que implica o conceito de mediação técnica, forjado por Bruno Latour (1994) e de “actante – isto é, aquele que faz o outro fazer” (SANTAELLA & CARDOSO, 2015).¹³ Woodward (2007) afirma que:

[...] conhecida como teoria actante-rede, os objetos são produzidos por redes particulares de discursos culturais e políticos e, em conjunto com humanos, agem para reproduzir tais relações. [...] Em outras palavras, objetos existem porque as forças políticas, culturais e políticas os definem como objetos dentro de sistemas de relações com outros objetos.¹⁴

Assim, os guias de arquitetura atuam como mediadores de relações. São promovidos por uma rede de historiadores e pesquisadores em arquitetura e mobilizam outros interessados, sejam arquitetos, estudantes, cidadãos, turistas ou simplesmente curiosos, que, numa leitura não passiva, são estimulados a passear pela cidade a fim de conhecer mais profundamente seu patrimônio edificado.

O método de pesquisa da cultura material se utiliza dessa descrição polissêmica dos artefatos como ponto de partida e, por meio da análise comparativa, como

¹¹ Professor, museólogo, arqueólogo e historiador do Departamento de História na Universidade de São Paulo.

¹² Dedução é o termo utilizado pelo autor para definir as narrativas construídas e, portanto, externas ao objeto de análise. Não será desenvolvida neste estudo a oposição do termo dedução à indução que, por definição, tem por objetivo analisar padrões e definir regras gerais aplicáveis.

¹³ Tim Ingold argumenta que o “problema da agência” é, “na melhor das hipóteses, uma figura de linguagem, imposta por nós [...] pela estrutura de uma linguagem que exige de todo verbo de ação um sujeito nominal” e que a teoria do ator-rede é atribuir aos objetos “uma agência fetichizada” (INGOLD, 2012, p. 34).

¹⁴ O trecho correspondente na tradução é: “known as actant-network theory, objects are produced by particular networks of cultural and political discourses and, in conjunction with humans, act to reproduce such relations” e “In other words, objects exist because social, cultural and political forces define them as objects within systems of relations with other objects” (WOODWARD, 2007, p. 12 e 16).

propõe Berta Ribeiro (1986),¹⁵ realiza agrupamentos por categorias, segundo critérios de semelhança ou diferença. Esse procedimento formulado para tratar coleções etnográficas estudadas por ela e seus interlocutores, com suas várias justificativas e óbices metodológicos, é útil na presente investigação por propor hipóteses (ou modelos) de classificação de acordo com o conteúdo histórico, funcional e simbólico dos artefatos.

Farias e Braga (2018) afirmam que as pesquisas nesse campo se dão inicialmente em caráter exploratório e, apenas, posteriormente, as questões de pesquisa serão formuladas. Para os autores, os critérios utilizados nessa linha de pesquisa são:

resgatar e preservar os artefatos; classificar, registrar e organizar acervos físicos e/ou digitais destes artefatos; interpretar significados; analisar elementos da linguagem visual, processos de criação, suportes materiais e meios de produção (aspectos técnicos e tecnológicos relacionados à configuração, composição e reprodução); e buscar entender a inserção social e cultural dos artefatos estudados nas sociedades em que circulou (FARIAS e BRAGA, 2018, p. 23).

Eles argumentam que o compartilhamento de interesse e métodos da cultura material com a cultura visual, a cultura impressa ou cultura da impressão (*print culture*), pode revelar duas particularidades contidas nos artefatos que se combinam, dando pistas sobre a “dimensão material da cultura de uma população”. A linguagem gráfica e visual pode “nos dizer algo sobre repertórios, tendências, gosto e sua circulação [...] e revelar o estado da arte da tecnologia gráfica” (FARIAS e BRAGA, 2018, p. 16).¹⁶ É certo que pesquisas recentes modificam a percepção dos fatos históricos recontextualizando interesses sociais, econômicos ou políticos e a forma como são transmitidos, como também é dado que o território de produção gráfica não é mais circunscrito às regiões onde o conteúdo é elaborado: livros editados no Rio de Janeiro são impressos no Rio Grande do Sul ou na Lituânia ou na China, como as publicações da editora alemã DOM.

¹⁵ Doutora em antropologia social pela USP e professora do Museu Nacional e da Escola de Belas Artes, a romena Berta Gleizer Ribeiro (1924-1997) foi antropóloga, etnóloga e museóloga brasileira, autoridade em cultura material dos povos indígenas do Brasil.

¹⁶ “Antes do Macintosh solucionar problemas de designer gráfico, significava recorrer quase o tempo todo a diferentes fontes externas: manuscritos eram enviados ao compositor, fotografias – selecionadas em folhas de contato – eram ampliadas em laboratório e retocadas por um técnico [...] o processo de trabalho exigia dos designers, a cada passo, um planejamento meticuloso” (LUPTON; PHILLIPS, 2015, p. 10). O computador Macintosh produzido pela Apple foi lançado em janeiro de 1984.

Motivação e percurso de pesquisa

O desenvolvimento do tema – o design gráfico e editorial de guias de arquitetura – tem uma motivação pessoal que remonta à década de 1990, quando já trabalhava na Prefeitura do Rio de Janeiro como arquiteta e pesquisadora da história da arquitetura e do urbanismo cariocas. Nessa época, foi proposta a produção de um guia descritivo do patrimônio construído na cidade entre 1920 e 1940. A expressão artística desse período, denominado *art déco*, seria tema de um seminário internacional em preparação e, naquela ocasião, eram poucas as publicações que poderiam ser usadas como referência para o projeto daquele guia, mas hoje diferentes propostas e promotores contribuem para a produção desse gênero editorial. A edição do *Guia da Arquitetura Art Déco do Rio de Janeiro* (1996) foi o resultado dessa iniciativa que encorajou, como desdobramento, a complementação da ideia por meio da produção de uma coleção de guias de arquitetura para a cidade (2000) e do *Guia da Arquitetura no Rio de Janeiro* (2016), este último editado fora do âmbito institucional.

Como consequência daquela experiência reveladora, esta pesquisa foi ancorada no campo disciplinar do design com o seguinte desafio: compreender a natureza estratégica da página do livro e das condições de sua realização. Vislumbravam-se as relações transversais entre arquitetura e o design gráfico: se o livro de arquitetura contribui para o debate disciplinar, o contrário também é verdadeiro: a cultura do livro é fomentada pelo tema da arquitetura. As prateleiras de uma livraria na seção de arquitetura mostram o quanto diferentes abordagens são produzidas e ampliam a compreensão e a existência – em tempo e espaço – de um edifício.

Arquitetura e design gráfico também se caracterizam como disciplinas de projeto e de planejamento, de decisões e escolhas – elementos físicos e materiais, padrões construtivos e proporções –; de relações interdisciplinares e de contexto, além da ação de agentes responsáveis pela existência material – editores, patrocinadores, clientes etc.

Nesse percurso foi necessário desconstruir o olhar da realizadora e, em seu lugar, desenvolver aquele da pesquisadora¹⁷ para articular questões relacionadas aos

¹⁷ Observação do Prof. Gabriel Schvarsberg, presente na banca de qualificação, adotada aqui como contribuição para o desenvolvimento do texto final da dissertação.

livros de arquitetura. Do campo do design foram utilizados estudos da cultura material e da arquitetura da informação, e do campo da arquitetura, as pesquisas relacionadas aos livros de arquitetura e às dimensões práticas das políticas de patrimonialização¹⁸ cultural, a partir da década de 1980.

Tal empreendimento se tornou forçosamente limitado com a pandemia do novo coronavírus, que coincidiu com o ingresso no mestrado, no início de 2020. O lugar de interlocução acadêmica, por exemplo, com os pares não habituais, foi restrito ao ambiente virtual. Dúvidas permearam os discursos sobre o futuro das cidades que, diante das necessárias medidas sanitárias, demandaram a revisão dos modos de trabalho e de convivência social. Passear, sair para ver arquitetura, ainda seria possível? E era preciso reunir exemplares de guias de arquitetura, definindo um *corpus* tangível para investigação. Queria observar, pelo manuseio, as propriedades relativas à portabilidade e facilidade de uso; sentir a textura, a escala, o peso, o volume. O meu acervo de guias, apesar de diversificado em formatos, não era suficiente. Com a aquisição de novas publicações e o empréstimo de amigos próximos, foi possível escolher entre guias, brasileiros e estrangeiros, aqueles que exemplificam diferentes estratégias editoriais e soluções gráficas.

Com cerca de 25 guias de arquitetura em mãos, teve início a primeira etapa da investigação. Foi realizada a pesquisa bibliográfica, a revisão de literatura e a redação compilatória que forneceram as referências históricas e parâmetros projetuais.

Encontrei uma afinidade entre os guias e os primeiros livros produzidos no século XVI. Considerando a imobilidade como característica inerente à arquitetura, esses primeiros impressos tinham como propósito a reprodução, na forma de imagem, das formas de construir. Viajar para estudar e registrar, viajar para conhecer tais registros e consumir essas publicações tornou-se um hábito para nobres e intelectuais nos séculos XVII e XVIII. Mas que, com a ampliação das redes ferroviárias e de novas formas de deslocamentos, fez-se acessível para outras parcelas da população, contribuindo para a criação de um segmento na atividade turística que é o turismo cultural.

¹⁸ “Atribuição do estatuto de património a um bem material ou imaterial, reconhecendo-lhe interesse (cultural, histórico etc.) para determinada região, país ou conjunto de países, com o objetivo de garantir a sua preservação, divulgação etc.”. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/patrimonializa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 31 maio 2022.

As viagens de estudo integram também a formação de arquitetos, desde a instituição da academia francesa no século XVIII. E, para boa parte dos arquitetos, conhecer um determinado centro histórico ou o novo museu em Bilbao, por exemplo, é o motivo de deslocamentos e viagens. O guia de arquitetura é, portanto, um instrumento actante que media relações de pesquisa e conhecimento ao mesmo tempo em que promove uma circulação informada pelas cidades.

Objetivos da investigação

O objetivo da presente investigação é descrever as características, em termos de design gráfico e editorial, presentes nos exemplos que compõem a amostra selecionada, que contribuem para a legibilidade da informação sobre arquitetura e estrutura o artefato destinado a promover a experiência de apreciação dos edifícios nas cidades. São objetivos específicos estão listados a seguir.

- Caracterizar o gênero editorial “guia de arquitetura”;
- Mapear a produção nacional e internacional de guias de arquitetura;
- Identificar, com base nos exemplares selecionados como amostra, as diferentes abordagens editoriais; e
- Descrever como elementos de representação gráfica organizam e enriquecem a percepção e a compreensão dos edifícios.

Organização metodológica e estrutural do trabalho

A metodologia aplicada neste estudo, adaptada ao período de restrições decorrentes da pandemia do novo coronavírus,¹⁹ foi a exploratória-descritiva, que proporciona uma visão panorâmica do fenômeno e a enumeração das características e estrutura do objeto pesquisado, apresentados na tabela incluída no Apêndice 1. A “visão panorâmica”, conforme o enunciado, abrangeu tanto a investigação sobre os primórdios das manifestações gráficas do livro de arquitetura em si quanto a coleta de infor-

¹⁹ Considero tal ressalva necessária para caracterizar uma restrição imposta ao projeto de pesquisa no momento da sua concepção: o acesso a um número maior de livros físicos (questão exploratória) e o contato com interlocutores no campo do design (problema descritivo).

mações nos meios digitais sobre a produção atual de guias de arquitetura. Já a “descrição” ocorreu observando-se um *corpus* físico cujo recorte temporal foi definido em função da primeira data encontrada entre as publicações coletadas (1983-2021).²⁰

Para a análise da estrutura do impresso foi necessário criar categorias e, num primeiro momento, utilizamos o argumento de Richard Wurman (1991 [1989]) sobre as formas de organização da informação. Entendendo que um guia de arquitetura é um conteúdo indexado vinculado a um mapa, algumas soluções poderiam ser reveladas para dar forma à divisão dos capítulos nas publicações do *corpus*.

Wurman (1991 [1989]) afirma que são limitadas as formas de organização das informações: tipologia, tempo, localização, sequência e alfabeto. Segundo ele: “a escolha será determinada pela história que quer contar” (p. 65-66). O método “alfabeto”, como num dicionário, não é uma escolha adequada para estruturar um guia de arquitetura: o título de um verbete pode ser o nome do edifício – Palácio Gustavo Capanema – ou seu nome original – Antigo edifício do Ministério de Educação e Saúde, que, apesar de revelar o uso para o qual foi projetado, traria dificuldades ao leitor para acesso à informação. A disposição sequencial que, segundo o autor, refere-se à disposição por ordem de grandeza (e importância) dos dados pode ser entendida como uma escolha editorial de atribuição de um juízo de valor explícito aos edifícios ou pelo “fluxo de informações que se desloca sequencialmente por diversos tópicos” (p. 69). Observamos essa estrutura nos guias de cidade mais antigos, das décadas de 1940 a 1960, em que o nome do edifício é um tópico que pontua uma visita sugerida pela cidade. A narrativa não é quebrada pelo feitiço de um verbete (ficha técnica, códigos etc.) adotado nas publicações contemporâneas desse gênero editorial.

²⁰ Não foram desprezados, entretanto, comentários necessários sobre guias editados antes do período estabelecido como o *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade de Recife*, de Gilberto Freyre (1942), e o *Rio de Janeiro: Guia Turístico-Histórico-Sentimental da Cidade mais Bonita do Mundo* (1945).

TABELA 1 – Classificação dos livros do *corpus* de pesquisa, em que os roteiros são organizados por tipologia, cronologia e localização

TIPOLOGIA ²¹	TEMPO / CRONOLOGIA	LOCALIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Architekturführer Wien • Buenos Aires Guia Art Déco • Coleção Guia para uma História Urbana – Rioarte • Coleção Guias da Arquitetura do Rio de Janeiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Catálogo Arquitectura Contemporânea Ciudad de México • São Paulo: Cidade e Arquitectura • Paris Visite Guidée 	<ul style="list-style-type: none"> • Guida all'Architettura: Venezia • AIA Chicago • AIA New York • São Luís: Ilha do Maranhão e Alcântara • Buenos Aires Recorridos • Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa • Guia da Arquitetura de Lisboa • Guía Arquitectónica de Quito • Guida alla Venezia minore • Rio de Janeiro: Guia de Arquitectura Contemporânea • Rio Metropolitano: Guia para uma Arquitetura • Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro • São Paulo: cidade e arquitetura • Um Guia de Arquitetura de São Paulo • Guias Konemann/ Ellipsis

Fonte: A autora, 2022.

A tabela revela que a escolha editorial para organização dos capítulos por localização é a mais frequente entre os exemplares; essa classificação define critérios muito amplos, que não se adequariam para a proposta geral analítica deste estudo.

Seguindo os métodos de pesquisa da cultura material, experimentamos classificar por outras categorias e, ampliando a descrição das propriedades físicas dos objetos, recorreremos a fontes externas para verificar os atributos de sentido (funcional,

²¹ Nas coleções Guia para uma História Urbana, da Rioarte (1986) e de Guias da Arquitetura do Rio de Janeiro (2000), onde cada volume representa um período histórico ou estilo, a ordenação dos capítulos segue o critério de itinerários com proximidade geográfica entre os edifícios. No guia de Viena, os roteiros são temáticos e relativos à história da cidade, já o guia de Buenos Aires é organizado pelo programa físico-funcional dos edifícios: cultura, educação, habitação coletiva, entre outros.

histórico ou simbólico) que permitissem encontrar descritores mais coerentes e objetivos. As categorias foram determinadas pelas características da comunicação²² ou propósito comunicacional: ora pela natureza do promotor (ou editor), ora pelo local de circulação, ora pelo conteúdo, ora pelas peculiaridades do artefato, estabelecendo regras claras para inclusão de um objeto do *corpus* nos grupos determinados, permitindo a comparação entre as propostas.

A organização dos resultados das pesquisas segue a estrutura de um guia de arquitetura. Como um metaguia, a divisão e sequência dos capítulos, inspirada nas seções que definem esse gênero editorial (ensaio histórico, mapa geral, modo de usar e roteiros/verbetes), pretende conduzir à compreensão do território cultural onde esses artefatos são produzidos e circulam e as possibilidades de agrupamento, por categoria, das diferentes expressões formais e opções editoriais.

As observações e indicações de ajustes registradas na banca de qualificação foram acolhidas e incorporadas, tais quais: a ênfase aos aspectos históricos, a verificação de abordagens digitais e contemporâneas, o deslocamento dos fundamentos de design para o campo ampliado da cultura material. Esses aspectos traduzem a sistematização, ora necessária, e a proposta de uma abordagem original de um “guia do guia”.

O primeiro capítulo corresponde à apresentação e um breve histórico no qual busca-se recuperar os antecedentes do surgimento desse artefato. A produção e a circulação de impressos com o propósito de comunicar sobre formas, usos e a beleza contidos em edifícios. Há observações sobre o fenômeno das viagens para ver a arquitetura e sobre os panoramas, artefatos cenográficos com imagens de paisagens urbanas ou naturais que criavam a experiência da imersão.

Ainda nesse capítulo, são exploradas as seções “modo de usar”, com a estrutura funcional dos guias de arquitetura e “mapa geral” que tece o panorama nacional e internacional, comentando sobre os diferentes promotores, que revelam as intenções sociais, políticas e econômicas que impulsionam esse gênero editorial.

No segundo capítulo, são apresentados, de forma descritiva, os exemplos do *corpus* de pesquisa que se enquadram em cada uma das cinco categorias, agrupados

²² Ver CARLOMAGNO, M. C; ROCHA, L. C. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, [S.l.], v. 7, n. 1, jul. 2016. ISSN 2236-451X. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

por semelhança para, no terceiro capítulo, apresentar os artefatos que não se enquadram na categoria de livro impresso: os efêmeros (impressos ou digitais) que complementam, com outras abordagens ou funcionalidades, os guias descritos no capítulo anterior. São eles: os encartes de revistas especializadas, os folhetos e os formatos digitais. Por fim, no quarto capítulo, estão as análises comparativas com as quais, por dedução e em coerência com o método da cultura material, procura-se evidenciar o que representa uma escolha editorial ou uma solução gráfica.

1 OS GUIAS DE ARQUITETURA

Este capítulo aborda três aspectos que contribuem para a caracterização do gênero editorial guias de arquitetura: os antecedentes, a estrutura funcional do artefato e um panorama de edições nacionais e internacionais.

A Prof^a Adriana Magalhães (2006), ao analisar a natureza editorial dos guias de viagem, afirma que esses “[são] obras escritas de caráter utilitário que reúnem informações sobre determinado local – cidade, região, país ou continente – com o objetivo de instruir os turistas que visitam este mesmo local”. A autora alerta que tais publicações se diferem de outras destinadas à atividade turística e organizam as informações de tal forma a torná-las acessíveis, “facilitando o trabalho de busca por um dado especial” (p. 87).

Podemos afirmar, com base nesses conceitos, que o guia de arquitetura, por similaridade, contém um volume grande de informações dispostas de forma organizada e sistemática. No caso dos guias de arquitetura, eles outorgam ao leitor (ou usuário) a combinação de um percurso físico (inserção espacial) às narrativas históricas (inserção temporal) e aos itinerários relacionados aos estilos ou às funções dos edifícios.

1.1. Antecedentes

A intenção de recuperar a história sobre o surgimento deste artefato encontrou vestígios nos primeiros livros de arquitetura editados no século XVI, no propósito dos viajantes do século XVIII, assim como na construção de panoramas que, na Europa do século XIX, promoviam a experiência da imersão em paisagens tanto exóticas quanto distantes. Esses fragmentos – acessíveis no mundo virtual –, relatados neste documento, não exaurem a pesquisa no tema, mas visam mapear alguns antecedentes que configuram esta categoria editorial.

Andrea Palladio (1508-1580) realizou algumas viagens de investigação a Roma e, antes da edição de *Os quatro livros da arquitetura*, de 1570, publicou alguns textos que, nas palavras de Joubert Lancha (2009),

são livros que se constituem como “guias arqueológicos” da cidade, dedicados a peregrinos e viajantes, e considerados os responsáveis por formar, nos viajantes, ao longo de duzentos anos, a ideia da Roma Antiga, estabelecendo-se como referência para o desenvolvimento, até o século XVIII, da maior parte dos guias de viagem da cidade (p. XI).

Figura 5 – Tratado de Andrea Palladio



Legenda: As informações que descrevem este edifício – Templo de Vesta (Roma, Itália) – estão distribuídas em três páginas. Ilustram o verbete a planta cotada, uma elevação dividida pelo eixo vertical que mostra metade da fachada e metade em corte, com legendas; e detalhes dos elementos decorativos (coluna, capitel e cornija) também com as medidas.

Fonte: PALLADIO, 2009 [1580].

O arquiteto veneziano planejou o Livro Quarto, “no qual se descrevem e se relatam os templos antigos, que há em Roma, e alguns outros que há na Itália, e fora na Itália” (PALLADIO, [1570] 2009, p.198), fundamentado na apreciação, medição e investigação realizadas nas ruínas encontradas nos locais visitados. Considerado um dos mais belos livros de arquitetura do Renascimento, a publicação de Palladio tem uma estrutura simples como observado nas páginas que registram o Templo de Vesta (Figura 5). A distribuição dos elementos verbais e visuais contribui para o entendimento do edifício: o texto indica a posição na cidade, a origem da construção e complementa o que o desenho, mesmo que elaborado com apuro, não dá conta.²³

²³ Aqui reside uma questão fundamental para a história da arquitetura que foi a aquisição de códigos de representação visual “na mudança do manuscrito para a impressão e dos desenhos feitos à mão para imagens reproduzidas mecanicamente” (TAVARES, p. 19).

Figura 6 – *Orbis sensualium pictus*, 1672



Legenda: Gravura do século XVII mostra o interior de uma livraria. Os códices eram comercializados em fascículos (canto inferior direito da imagem) e depois encadernados. Os impressos geravam tanto interesse quanto os globos terrestres, ao centro da imagem.

Fonte: COMENIUS em: <<https://otago.ourheritage.ac.nz/items/show/7296>>.

Outro arquiteto italiano, também veneziano, Giovanni Battista Piranesi (1720-1778), dedicou-se a produzir gravuras de suas observações e interpretações sobre construções, em ruínas, realizadas durante as várias viagens que fez a Roma. Após a sua transferência definitiva para a cidade, em 1748, executou a série de gravuras *Vedute* registrando edificações, comercializadas como *souvenirs* para turistas, intelectuais e aristocratas. Cada imagem contém um pequeno texto explicativo do monumento retratado e sua localização.²⁴

Sobre as gravuras de Piranesi, afirma-se:

o termo “veduta” se aplica à pintura, desenho ou gravura que representa uma cidade, um monumento ou um lugar com concepção acentuadamente topográfica. As “vedute” têm sua origem nas peregrinações a Roma no século XVIII, no tempo de redescoberta da Antiguidade: Herculano, em 1719, e Pompeia, em 1748²⁵ (BIBLIOTECA NACIONAL).

²⁴ Entre setembro e outubro de 1999, o Centro de Arquitetura e Urbanismo da Prefeitura do Rio realizou uma exposição “Piranesi: ruínas e fantasias”, no âmbito da Mostra Rio Gravura que mobilizou 50 instituições, museus e centros culturais em torno da gravura. O acervo Giovanni Battista Piranesi, da Biblioteca Nacional, possui 1.600 gravuras, encadernadas em 29 volumes, provenientes, na maior parte, da Real Biblioteca, trazida por D. João VI em 1808.

²⁵ Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/mestres-da-gravura/giovanni-battista-piranesi/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Figura 7 – Gravura da série *Vedute* realizada por Giovanni Battista Piranesi



Legenda: Le Antichità romane, 1750–3. Giovanni Battista Piranesi, tomo III, prancha LI. água-forte, 39,9 x 60,5 cm.²⁶

Fonte: <<https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/mestres-da-gravura/giovanni-battista-piranesi/>>.

A análise dos artefatos gráficos, ilustrados, denominados “viagens pitorescas”, foi desenvolvida por Caroline Jeanjean-Becker no artigo “Les récits illustrés de Voyages pittoresques: une mode éditoriale”,²⁷ tratando-os do ponto de vista da circulação de um gênero editorial. Como as gravuras de Piranesi, esses diários de viagens impressos em grande formato, que foram moda entre 1770 e 1850, foram destinados a uma elite aristocrática e se relacionam ao movimento romântico, ou seja, à divulgação de conceitos e de uma nova sensibilidade a partir de 1770, explorando “a relação entre pintura e escrita”, nas palavras da autora. Em consideração à divisão de fases no período estudado Jeanjean-Becker comenta que:

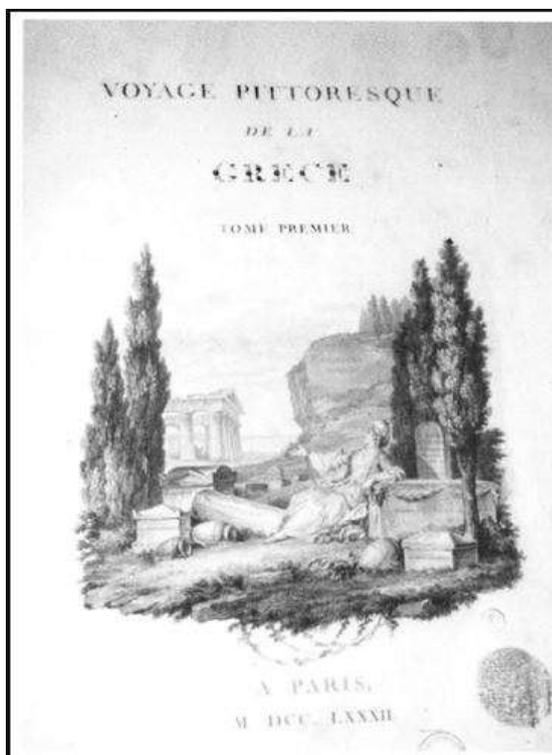
[...] de 1770 a 1800, os viajantes exploraram o mundo e foram para longe de casa; de 1800 a 1820, o âmbito geográfico coberto foi restrito à Europa (particularmente Suíça e Itália); de 1820 a 1835, eles exploram seu próprio país;

²⁶ Legenda da figura 7: *VEDUTA del lato posteriore del Mausoleo di Cecilia Metella, comunemente dett; Capo di Bove, eretto sopra l'antica Via Appia poco lungi dalla Chiesa di S. Sebastiano fuori delle mura. Egli non solo fu spogliato dei suoi ornamenti, ma eziandio fu demolito in buona parte e [poscia] ne' tempi miserabili delle discordie tralle principali Famiglie Romane convertito in Rocca con un Castello accanto. 1 Muro co'merli fabbricatto ne' tempi [basi]. 2 Parte del Recinto esterno del contiguo Castello. Piranesi Archi. Dis et inc.*

²⁷ JEANJEAN-BECKER, Caroline. Les récits illustrés de voyages pittoresques : une mode éditoriale. In: BOUVIER Béatrice, LENIAUD Jean-Michel (dir.). *Le livre d'architecture, XVe-XXe siècle*. Edition, représentations et bibliothèques. Actes des Journées internationales d'étude, 8-9 novembre 2001, Collège de France, sous la dir. de Jean-Michel Leniaud et Béatrice Bouvier. Paris: École des Chartes, 2002, p. 23-51.

de 1835 a 1850, eles descobriram o Oriente (JEANJEAN-BECKER, 2002, tradução nossa).²⁸

Figura 8 – Exemplo do gênero viagem pitoresca



Legenda: Frontispício da publicação *Voyage pittoresque de la Grèce du comte de Choiseul-Gouffier*, 1778. Primeiro volume (desenho de Marsan et Voiron, água-forte de Choffard).

Fonte: <<http://books.openedition.org/enc/docannexe/image/1120/img-1.jpg>>.

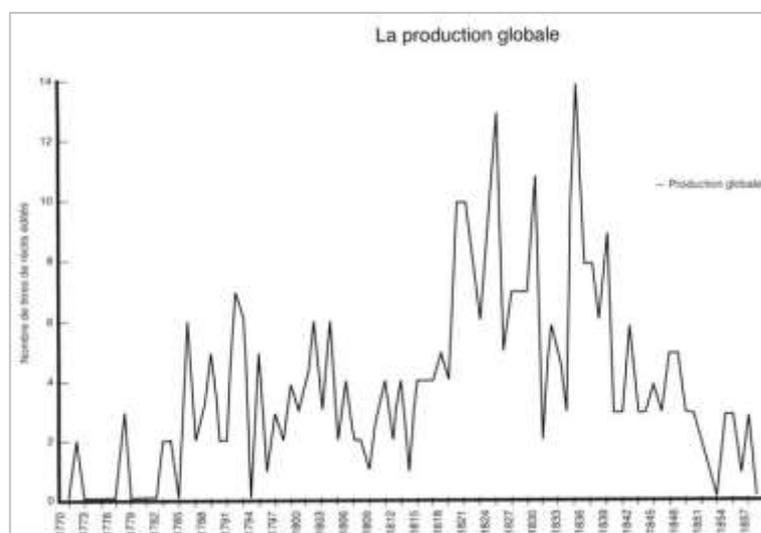
O pitoresco é um artifício pictórico para entreter o leitor, entretanto, a autora argumenta a contribuição, ou efeito, de tais publicações para a noção de patrimônio, como um inventário de obras já que “[...] o que importa já não é apenas o valor estético do monumento, é sobretudo o seu valor histórico” (JEANJEAN-BECKER, 2002). Destaca o papel do editor que coordena diversas atividades do livro: financia as despesas das viagens, remunera os artistas (gravadores e designers), estrutura a rede de comercialização e de assinaturas, capta os recursos por meio de publicidade.

²⁸ O trecho correspondente na tradução é: “De 1770 à 1800, les voyageurs explorent le monde et partent loin de chez eux ; de 1800 à 1820, le champ géographique parcouru se restreint à l’Europe (particulièrement la Suisse et l’Italie); de 1820 à 1835, ils explorent leur propre pays; de 1835 à 1850, ils découvrent l’Orient”.

Eles falam da arquitetura, mas também da evolução da percepção que temos dela e do lugar que lhe é atribuído. Eles contribuíram muito para a difusão de uma ampla cultura arquitetônica (JEANJEAN-BECKER, 2002).²⁹

O levantamento realizado por Jeanjean-Becker para as publicações do gênero editorial viagem pitoresca apontou, conforme o gráfico a seguir (Figura 9), um incremento quantitativo de publicações nas primeiras décadas de 1800. A expansão da malha ferroviária na Europa colaborou na difusão desse gênero. Para guias de arquitetura, o levantamento apontou que durante as décadas de 1980 a 2000, algumas editoras colocaram em seus catálogos, guias de arquitetura.

Figura 9 – Curva da produção de publicações do gênero de viagens pitorescas entre 1770 e 1850



Legenda: Jeanjean Becker alerta sobre a impossibilidade de contabilizar quantos exemplares foram publicados por edição, mas no gráfico (elaborado por ela) é possível distinguir quatro fases na produção editorial com auge entre os anos 1820 e 1835.

Fonte: JEANJEAN BECKER, 2002.

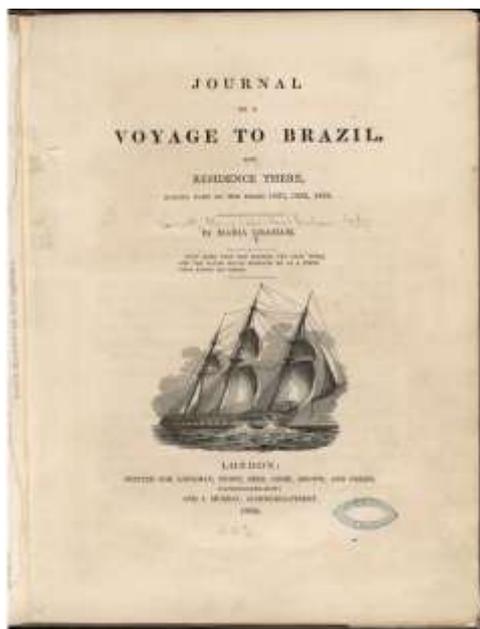
Nas primeiras décadas do século XIX surgiu o interesse por paisagens da América do Sul e suas representações. A escritora e ilustradora inglesa Maria Dundas Graham Callcott (1785-1842) esteve no Brasil em três períodos entre 1821 e 1825, visitando Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Suas observações,³⁰ em forma de diário, colaboram para o entendimento do país no período próximo à Independência.

²⁹ O trecho correspondente na tradução é: "Ils racontent l'architecture mais aussi l'évolution de la perception que l'on en a et de la place qui lui est attribuée. Ils ont fortement contribué à la diffusion d'une culture architecturale étendue".

³⁰ Mais disponível em: <<http://www.scielo.br/abb>>

São “descrições da vida em sociedade, de fatos políticos da época e outros assuntos, descrições de paisagens, algumas notas e informações botânicas” (PEIXOTO; FILGUEIRAS, 2008).

Figura 10 – Journal of a Voyage to Brazil, de Maria Graham



Fonte: GRAHAM, 1824.³¹

1.1.1. Os arquitetos viajantes e as viagens para ver arquitetura

Nos séculos XVIII e XIX, um fenômeno social despertou interesse pela visualização da arte e da arquitetura da Antiguidade, estabelecendo fluxos de viagem, relatos e guias: o Grand Tour. Salgueiro (2002) afirma que “constituem matrizes remotas dos fluxos de turismo de lazer e cultural do nosso tempo atual”, mas, para outro estudioso do tema, John Towner,³² o circuito era “realizado principalmente, mas não exclusivamente, para educação e prazer”. Essa definição, sugerida por esse autor,

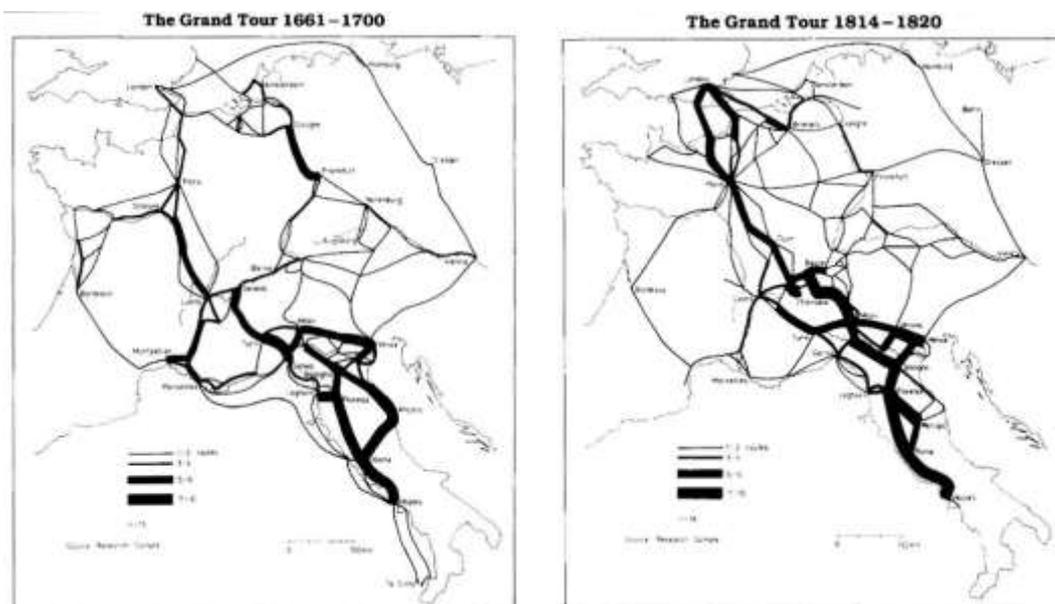
³¹ A íntegra do livro de Maria Graham pode ser vista em: <<https://shortest.link/3xVo>>. Acesso em: 6 maio 2022.

³² Não foi possível recuperar dados biográficos do autor da publicação *The European grand tour*. Birmingham: University of Birmingham, Centre for Urban and Regional Studies, 1981.

amplia a usual analogia dos *grand tourists* a um único *status* social dos viajantes: a do jovem bem-nascido e de grande fortuna.

[...] embora a classe social do turista no passeio tenha mudado ao longo do tempo, o itinerário distinto do passeio permaneceu basicamente o mesmo: uma visita a Paris e à corte de Versalhes, depois às antiguidades clássicas do vale do baixo rio Ródano, seguida de um passeio pelo as cidades do norte da Itália, incluindo Turim, Milão e Veneza. Florença, Roma e Nápoles formaram o clímax da turnê e o retorno à Grã-Bretanha foi geralmente feito pela Alemanha, pelo Reno e pelos Países Baixos (TOWNER 1985, p. 301).³³

Figura 11 – Grand Tour: mapeamento das rotas em dois períodos distintos



Legenda: As figuras mostram intensidades de rotas e regiões visitadas, e se distinguem pelo incremento dos meios de transporte que facilitavam os deslocamentos. Segundo o autor, lugares como Portugal, Grécia e o “Oriente Próximo” (em torno do Mediterrâneo) deveriam constar desse mapeamento caso tais viagens fossem realizadas apenas por aristocratas.

Fonte: TOWER, 1985.

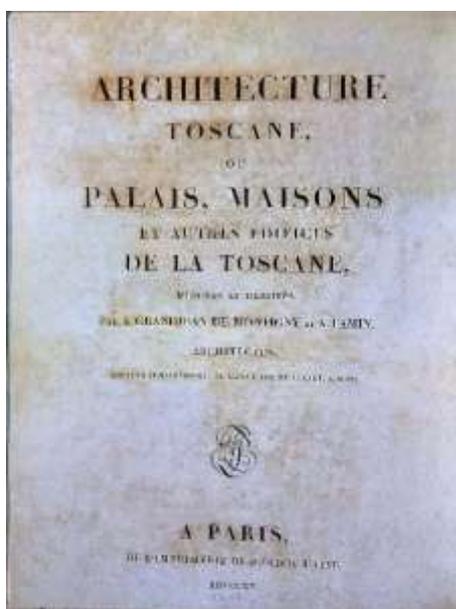
Em tais destinos começaram a surgir guias locais que ofereciam o serviço de hospedagem e acompanhamento dos viajantes, e guias impressos dirigidos a eles: “*Roma antica e moderna*, de Francini, editada em 1660 [...] e *Guide du voyageur par Anglatere et l’Hollande*, de 1786” entre outros que, aos poucos, foram “abandonando o estilo literário erudito em benefício de uma linguagem mais concisa, impessoal e

³³ O trecho correspondente na tradução é: *Although the social class of the tourist on the tour changed over time, the distinct tour itinerary remained broadly the same: a visit to Paris and the court at Versailles, then to the classical antiquities of the lower Rhone valley followed by a tour of the cities of northern Italy, including Turin, Milan, and Venice. Florence, Rome, and Naples formed the climax to the tour and the return to Britain was generally made through Germany, down the Rhine, and across the Low Countries.* Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/0160-7383\(85\)90002-7](https://doi.org/10.1016/0160-7383(85)90002-7)>.

acessível” e assumindo um caráter prático e coerente a necessidades dos turistas (MAGALHÃES, 2006, p. 65-67).

As viagens para ver e estudar os monumentos antigos também faziam parte da formação de arquitetos desde o reinado de Luís XVI, da França, que instituiu, em 1633, o Prix de Rome. Na época, o governo francês concedia uma bolsa de estudos na Academia Francesa de Roma que permitia manter, por quatro anos, “um pintor, um escultor e um arquiteto [escolhidos por concurso] estudando antiguidades romanas e obras da renascença” (SCHLEE, 2016). O arquiteto Grandjean de Montigny (Paris, 1776 – Rio de Janeiro, 1850), que integrou a Missão Artística Francesa ao Rio de Janeiro em 1816, venceu o Prix de Rome em 1799 no Institut de France, onde estudou. Viveu em Roma entre 1801 e 1805 e, ao retornar a Paris, publicou em fascículos (junto com Augustin Famin, que também recebera o Prix de Rome) desenhos de monumentos e paisagens da península itálica produzidos no período, posteriormente reunidos numa publicação (Figura 12). Os desenhos produzidos durante o período de estudo em Roma hoje integram o acervo do Museu Nacional de Belas Artes.³⁴

Figura 12 – Grandjean de Montigny | Architecture toscane



Legenda: *Architecture Toscane ou palais, maisons et autres edifices de La Toscane, mesurés et dessinés*. Paris: Didot, 1815. Coleção da Biblioteca do Museu Dom João VI / Escola de Belas Artes/ UFRJ.

Fonte: BANDEIRA, 2003.

³⁴ Dazzi (2018) descreve o regulamento para o concurso do Prêmio de Viagem à Europa após a transformação da Academia de Belas Artes em Escola, ocorrida em 1890.

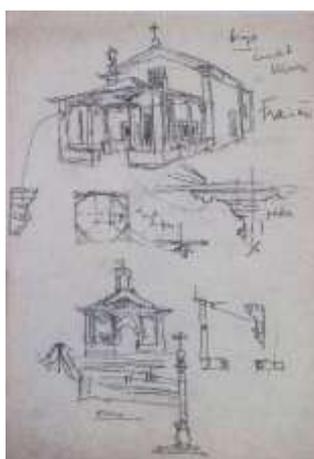
A pesquisa e a guarda dos cadernos de viagem confeccionados por arquitetos – *sketchbook* – configuram também um campo de interesse de instituições e de estudiosos. Documentam um momento de análise e mediam a experiência da viagem com a apreensão de conhecimento e reflexão, como nos desenhos (Figura 13) de Charles-Edouard Jeanneret (Le Corbusier, 1887-1965) e de Lucio Costa (1902-1998).

Le Corbusier esteve em Veneza em 1963 para realizar estudos para um projeto. Percorreu a cidade com um bloco de notas registrando, em poucos e precisos traços, o que lhe chamava a atenção (Figura 13a), enquanto Lucio Costa, em 1952, registrou, em croquis no bloco suíço, presente de sua filha, seu percurso do Minho ao Algarve.

Figura 13 – Le Corbusier e Lucio Costa | cadernos de desenhos



(a)



(b)



(c)

Legenda: (a) Sketchbook T70. Arsenal e Praça de São Marcos, Veneza.1963. Lápis e tinta sobre papel (11 x 36 cm). Fundação Le Corbusier, Paris. (b) Capela de Braga, Fraião e (c) espiçeiros em S. João de Longos Vales, Concelho de Monção, ambos de Lucio Costa.

Fonte: (a) COHEN, 2013; (b, c) PESSOA, J. COSTA, E. (Org.), 2012.

1.1.2. Os panoramas – o viajante imóvel

Os panoramas foram um meio visual de 360° patenteado pelo artista britânico Robert Barker em 1787. Tratava-se de grandes pinturas circulares acomodadas numa estrutura arquitetônica própria, chamada de “rotunda”, que visava dar ao espectador a experiência imersiva de estar virtualmente presente na cena retratada, fosse uma paisagem, cidade, batalha ou outro evento histórico. Serviram como entretenimento de massa, educação popular e propaganda. Visitá-los era como ir ao teatro ou à ópera, mais do que a uma galeria de arte. Depois de um sucesso inicial, até 1830, caíram em esquecimento até a década de 1880, em Paris, e tiveram seu auge nas exposições universais de 1889 e 1900. Mais tarde, as técnicas de distorção e fusão em 360° foram adaptadas para a imagem fotográfica.

No século XIX, os panoramas circulares se desdobram em aparelhos óticos como o estereograma e o ciclorama.³⁵ Proporcionaram uma visão panorâmica de uma cidade ou paisagem e se opunham ao olhar deambulatório ou ao do passeador intencional. As características desse artefato técnico³⁶ remetem ao conhecimento da vista das cidades e, nos interessa também os efeitos da circulação dessas imagens, de paisagens às vezes remotas, como o panorama do Rio de Janeiro de Robert Burford, exibida em Londres entre os anos de 1827 e 1828.

Segundo Carla Hermann (2016, p. 93-94),

Vistas impressas, mapas e panoramas de bolso, gravuras de paisagens urbanas [...] compoem uma verdadeira economia visual de viagem e, com o avançar das décadas, de turismo. [...] Essas mídias ajudaram a criar a noção de que uma forma de viajar estava ao alcance de todos. Não só no sentido socioeconômico, mas também na ideia de que o conhecimento de outros lugares não era mais restrito a uma experiência direta e pessoal com eles: podia-se conhecer um lugar sem jamais ter estado lá. A viagem, portanto, nesse caso, não é real. É virtual.

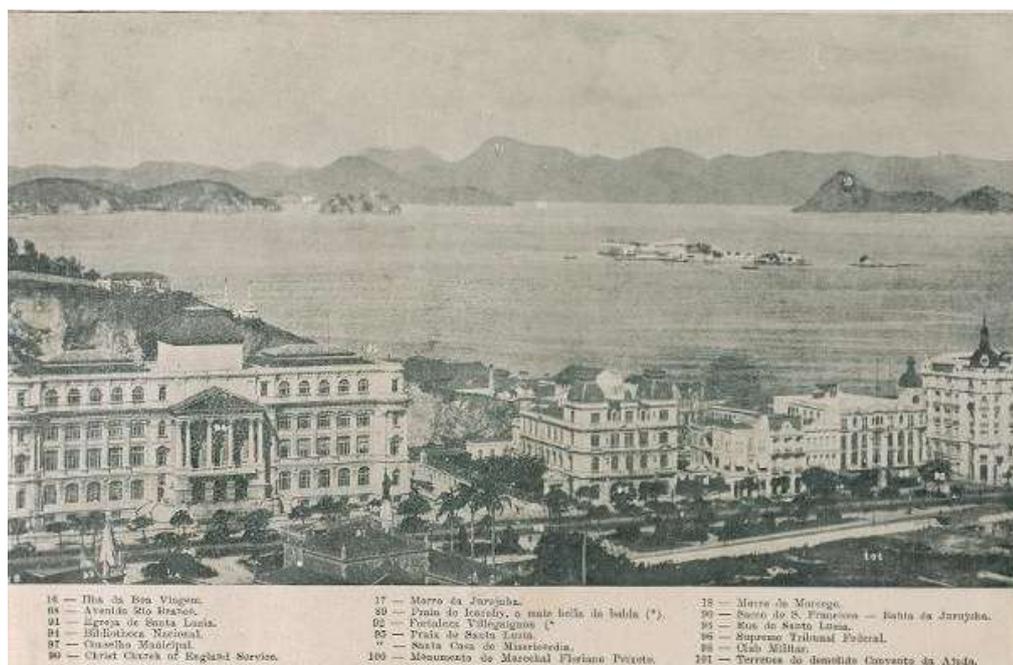
³⁵ Estereograma: par de fotografias de um mesmo objeto tiradas de diferentes ângulos, as quais, por meio de um estereoscópio, são vistas como uma única imagem aparentemente tendo profundidade ou três dimensões. Disponível em: <<https://terminologiaarquivistica.blogspot.com/2011/04/estereograma.html>>. Acesso em: 27 maio 2022. Ciclorama – Tela ou parede de cor clara situada no fundo do palco, geralmente côncava. Ganhou popularidade no cinema alemão do século XIX e são utilizados para criar a ilusão de profundidade extra, como um céu, horizonte ou um fundo infinito. Disponível em: <<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/o-que-e-ciclorama>>. Acesso em: 27 maio 2022.

³⁶ Sobre o tema ver: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=panorama-circular>>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Figura 14 – Panorama Circular do Rio de Janeiro, visível do morro de Santo Antônio



(a)



(b)



(c)

Legenda: (a) *Panorama circular do Rio de Janeiro, visível do morro de Santo Antônio*, publicado em 1917. O artefato horizontal, medindo 26 x 316 cm, atribui numeração a cada um dos edifícios da imagem. A legenda informa que, em alguns dos prédios, funcionam as empresas anunciantes presentes na parte inferior da prancha. (b) Detalhe do impresso: sobre imagem fotográfica é inserida a numeração correspondente à legenda. (c) Esquema para montagem do panorama circular.

Fonte: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=panorama-circular>>.

1.1.3. Antecedentes no Brasil

O Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife, de Gilberto Freyre (1900-1987), é considerado o primeiro guia turístico para cidades publicado no Brasil. Sua primeira edição, em 1934, pela The Propagandist, com 105 exemplares, foi ilustrada com duas pequenas aquarelas e gravuras (Figura 15), vinhetas e capitulares coloridas de autoria de Luís Jardim (1901-1987) e um mapa impresso em cores feito por Rosa Maria. Foram consultadas as edições de 1942 e 2007. Esta última, 5ª edição revista e atualizada, foi reformulada pelo Prof. Antônio Paulo Rezende que reordenou os capítulos, reunindo em blocos os assuntos relacionados. Na apresentação, Rezende destaca:

Gilberto Freyre aguçou todos os sentidos para experimentar a cidade. Sons, cheiros, cores destacadas neste guia compõem o Recife e evidenciam que sua criação não é monopólio de arquitetos e geógrafos. Ao contar histórias corriqueiras, o sociólogo nos ensina que os habitantes, e visitantes de uma cidade, ao praticarem seus espaços, ao inverterem e produzirem sentidos ao traçado urbano, além daqueles definidos pelos urbanistas, arquitetam uma outra cidade, delineiam fronteiras, antes inexistentes, [...] (FREYRE, 2007 (1935), p. 65).

Figura 15 – Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife



(a)



(b)

Legenda: (a) Imagem de gravura em metal de Luís Jardim que ilustra a 1ª edição de 1934. (b) Imagem da edição consultada, de 1942.

Fonte: (a) <<https://biblioo.info/guia-pratico/>>. (b) FREYRE, 1942, p. 94-95.

Publicado apenas dois anos após *Casa grande e senzala* (1933) e um ano antes de *Sobrados e mucambos* (1936), o *Guia Prático, Histórico e Sentimental da*

Cidade do Recife traz do escritor e cientista social, Gilberto Freyre, a escrita sedutora, capaz de suscitar afetos indicando seu itinerário amoroso por sua cidade natal dos anos 1920-1930. Texto e imagem são complementares na descrição de cenas urbanas cotidianas, a arquitetura de igrejas, fortalezas, casas geminadas; entretanto Freyre é nostálgico ao falar das transformações urbanas.³⁷

Outro recifense, o poeta Manuel Bandeira (1886-1968), editou em 1938 o *Guia de Ouro Preto*, realizado sob os auspícios da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e ilustrado pelo mesmo artista plástico que colaborou com Gilberto Freyre no Guia de Recife, Luís Jardim. A edição consultada, a terceira,³⁸ contou com a colaboração de Carlos Drummond de Andrade.

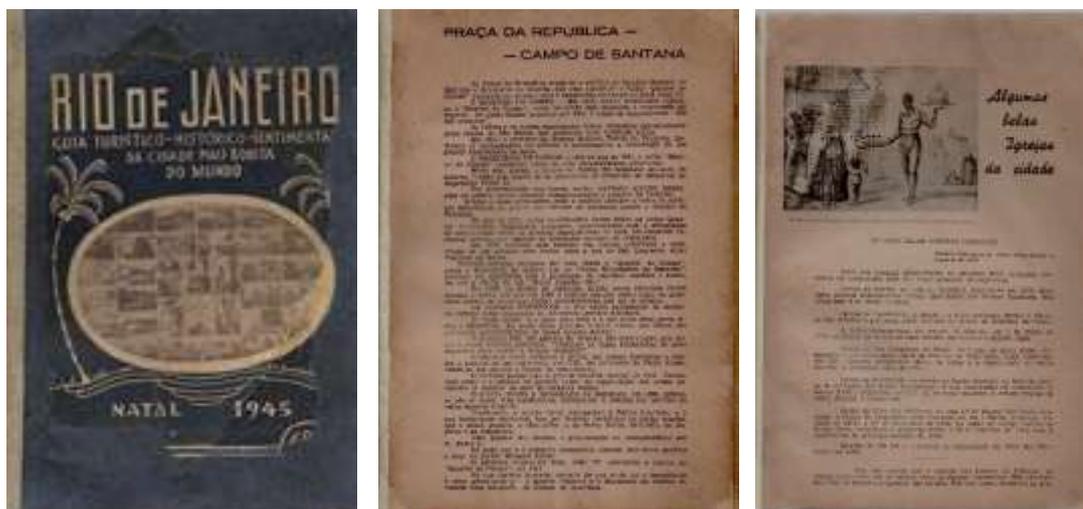
Rio de Janeiro: Guia Turístico-Histórico-Sentimental da Cidade mais Bonita do Mundo (Figura 16), de Sérgio Macedo, visou, em suas palavras, “orientar o visitante da cidade ou o passeante para os sítios mais pitorescos [...] narrando com sentimento e verdade a história do que vai se mostrando”. Infelizmente não foi possível encontrar qualquer referência ao autor e às condições de sua realização e circulação. Publicado em 1946 por Ferdinand Brigueit,³⁹ contém algumas propagandas e informações turísticas úteis como os horários de funcionamento dos bondes para o Corcovado. Os verbetes ocupam uma ou duas páginas e descrevem fatos históricos, a biografia de autores (e eventuais ocupantes), os elementos decorativos dos edifícios, obras de arte e mobiliário, quando existente. Impresso num papel pouco encorpado (papel jornal?), o que causou danos ao longo dos anos pela acidez excessiva, é ilustrado com gravuras e fotogravuras. Observando a aparência visual do impresso, registramos a ausência de uma padronização tipográfica nos títulos dos verbetes e unidade visual entre as partes.

³⁷ Em 1939, Gilberto Freyre publica *Olinda: segundo Guia Prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. O autor teve a intenção de publicar outros guias de cidades – Salvador, Belém e Rio de Janeiro, mas não teve êxito. PEIXOTO, Fernanda. A cidade e seus duplos: os guias de Gilberto Freyre. In: *Dossiê/História Social da Cultura (América Latina) • Tempo soc.* 17(1). Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000100007>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

³⁸ BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. São Paulo: Casa do Estudante do Brasil, 1957. A segunda edição, em francês, teve tradução de Michel Simon.

³⁹ Ferdinand Brigueit comprou e abriu a Livraria Brigueit-Garnier em 1934 na rua do Ouvidor. Durou até 1951, quando foi vendida para a editora Difel. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/historia-do-livro-a-livraria-e-editora-garnier/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

Figura 16 – Rio de Janeiro: Guia Turístico-Histórico-Sentimental da Cidade mais Bonita do Mundo



Legenda: Capa (restaurada) e aspecto visual de duas páginas do impresso.

Fonte: MACEDO, 1946, p. 43 e 45.

1.1.4. Os guias de turismo e viagem

O consumo do espaço da cidade relacionado às práticas turísticas é tema de políticas públicas, por meio de planos, projetos e ações de incentivo e de difusão cultural, e uma atividade editorial categorizada como guias de turismo e viagem.

Os poucos estudos na área da produção editorial e turismo dão conta de descrever a natureza editorial e análise da linguagem em guias de viagens. Com foco no propósito comunicacional, tais estudos investigam as características e funcionalidades desse gênero editorial voltado para um público consumidor específico e que, de certa forma, diferencia-se de outras publicações voltadas para o turismo.

Magalhães (2006), afirma que os guias de viagem são “obras escritas de caráter utilitário que reúnem informações sobre determinado local – cidade, região, país ou continente – com o objetivo de instruir os turistas que visitam este mesmo local”, e o fazem de forma organizada para torná-las acessíveis, “facilitando o trabalho de busca por um dado especial”.

Os guias de viagem são incluídos na chamada “literatura de viagens turística” e, em geral, considerados “mais pobres” que as narrativas de viagens, pois ancorados num objetivo pragmático: fornecer ao viajante informações práticas e itinerários precisos.

Na perspectiva histórica, destacamos a atuação do Touring Club, fundado na Inglaterra em 1875, e da empresa Michelin, fundada em 1889, em Clermont-Ferrand, na França. Foram as responsáveis pela organização de inventários de monumentos e lugares pitorescos, edição de atlas, guias turísticos, boletins, livros e mapas rodoviários de referência para várias gerações no continente europeu e americano. Nota-se que, em Paris há a especialíssima *Bibliothèque du Tourisme et des Voyages*,⁴⁰ que guarda um acervo de cerca de 22.000 documentos, grande parte proveniente do fundo Touring Clube da França.

A empresa Michelin atua no mercado editorial de mapas e guias turísticos desde o ano de 1900, quando lançou o *Manual do Pneumático* e o *Guia Prático do Viajante*. Desde então, duas séries compõem o catálogo da editora: o Guia Vermelho Michelin com indicações de gastronomia e de hospedagem, e o Guia Verde Michelin, de caráter turístico e cultural,⁴¹ que será exemplificado, mais adiante, com a edição para o Rio de Janeiro.

A partir de 1980, uma série de guias de turismo – Access, editada pelo arquiteto e designer americano Richard Wurman – foi saudada pela imprensa americana pelo seu caráter inovador.⁴² No seu livro *Ansiedade da informação* (1991 [1989]), Wurman explica a concepção da série de guias iniciada com o volume para a cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos.

O editor demonstra, com ênfase, “como são entrelaçadas as partes dentro de um todo coeso” (WURMAN, [1989] 1991, p. 153). Ao contrário dos guias de turismo que são organizados segundo as categorias de serviços, os guias Access partem da setorização da cidade, aproximando-se da estrutura dos guias de arquitetura, conforme este estudo procurou demonstrar. Cada capítulo corresponde a uma região da cidade, que é apresentada com um mapa e um pequeno texto explicativo (Figura 17a).

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.paris.fr/equipements/bibliotheque-du-tourisme-et-des-voyages-germaine-tillion-btv-2880#presentation>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

⁴¹ Atualmente, as informações estão acessíveis numa plataforma na internet (<<https://www.viamichelin.pt/web/Sitios-Turisticos>>), que lista 254 pontos de interesse no Brasil.

⁴² Segundo matéria publicada na revista *Time* em 1984, com o título “Access reinvents the guidebook”, ao abandonar a divisão das seções por categorias, tradicionalmente utilizada nos guias de viagem – museu, restaurantes etc. –, Wurman traz o leitor (ou usuário) para o chão da cidade, “quarteirão por quarteirão, porta a porta”. Disponível em: <Living: Access Reinvents the Guidebook - TIME>. O guia para a cidade de Los Angeles já está na 13ª edição, assim como o guia para a cidade de Nova York. No total, foram publicados livros como esse para 18 cidades, alguns já fora de catálogo: Los Angeles, San Francisco, Hawaii, Tokyo, Washington D.C., Las Vegas, Boston, London, Paris, Rome, Venice, Florence, Barcelona, San Diego, New York City, Wine Country, Philadelphia e Chicago.

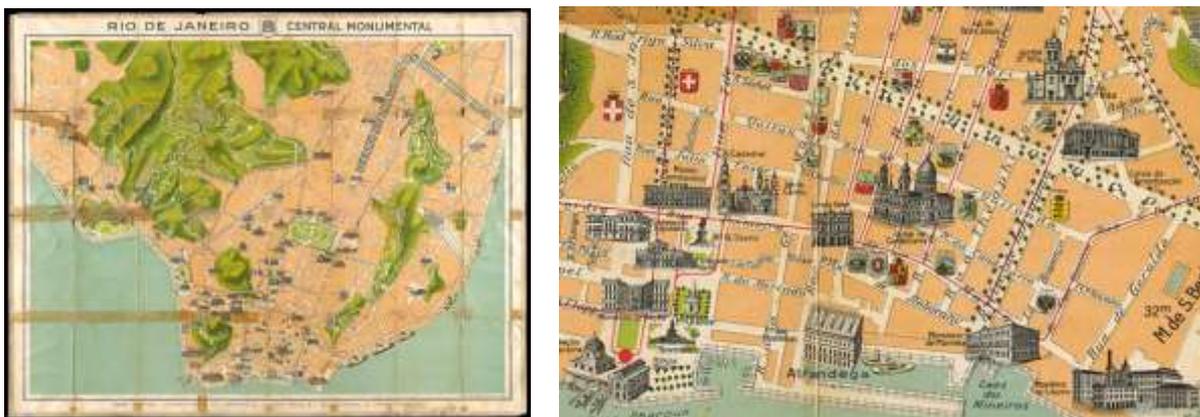
estrangeiros sobre o Brasil são escritos em forma de relato [...] acaba(m) por veicular as vozes do imaginário estrangeiro”, apesar da representação neutra acordada. Os resultados dessa pesquisa podem ser confrontados com as afirmações de Isabella Perrotta no artigo “A construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro a partir de seus primeiros guias para viajantes”, no qual são examinados 16 guias de turismo editados entre 1873 e 1937 pertencentes ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Sem que fosse possível o contato com tais publicações, pode-se assumir como uma questão a ser aprofundada: o destaque dos atrativos da cidade que refletiam, naqueles exemplos, o modelo de civilização europeia. Segundo Perrotta, antes da fruição das belezas naturais, as edições demonstravam interesse histórico nos monumentos e estabelecimentos notáveis e afirma que:

[...] ainda que no seu disperso conjunto esses monumentos não representassem um fantástico patrimônio em relação aos países europeus, era a partir deles que a cidade mostrava o seu melhor, enquanto corte imperial e enquanto cidade civilizada e progressista (PERROTA, 2011, p. 8).

Uma publicação disponível para consulta digital é *Rio de Janeiro Central Monumental*,⁴³ de 1914, que se propõe um “guia prático organizado especialmente para estrangeiros”. Coordenado e desenhado por Carlos Aenishänslin e impresso na Suíça, por Art. Grav. A. Trüb & Cia, AARAU, o livro tem 46 páginas e traz dois mapas encartados e desdobráveis. Um dos mapas Cidades de Rio de Janeiro e Nictheroy (Figura 18) representa, em destaque, os edifícios representados em perspectiva tridimensional (3D).

⁴³ Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1195318/cart1195318.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020. A parte textual, com versão em inglês, francês e alemão, é composta por listas com endereços de edifícios e repartições públicas, consulados, bancos, empresas de navegação, sede de jornais e revistas, teatros, equipamentos dedicados às práticas esportivas na cidade: automobilismo, *foot-ball*, *gymnastica*, *rowing* e turfe, além de recomendação de passeios.

Figura 18 – Rio de Janeiro | Central Monumental



Legenda: O mapa abrange as áreas litorâneas até o início de Ipanema e, a norte, a Serra do Engenho Novo e o bairro de Vila Isabel. Na planta estão representadas as linhas férreas, de bondes urbanos e as linhas marítimas para Niterói, Paquetá e Ilha do Governador. No destaque, à direita, estão desenhados os emblemas de países (representação diplomática ou comercial?) e “edifícios públicos e particulares importantes”. Tais construções figuram em perspectiva, identificadas pelo nome ou sua função.

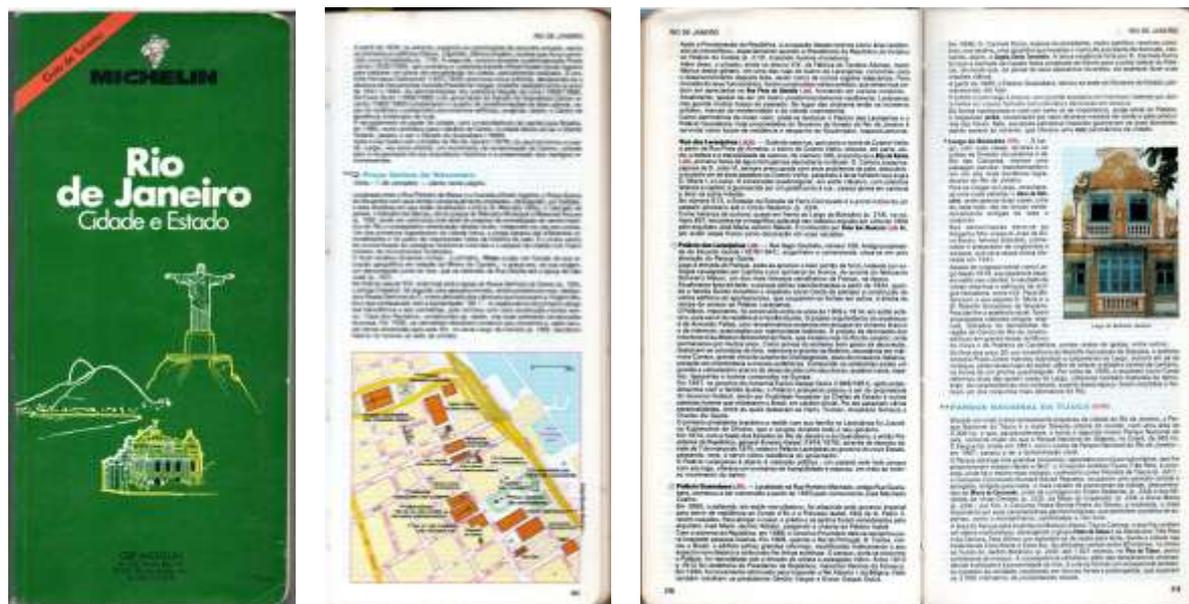
Fonte: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1195318/cart1195318.pdf>.

O *Guia de Turismo Michelin Rio de Janeiro: Cidade e Estado* (Guia Verde) está entre os 100 títulos editados em francês e em outros idiomas, e entre os cinco editados exclusivamente para uma cidade.⁴⁴ Até meados da década de 1990, os guias dessa série eram os preferidos para viagens: mapas de grande legibilidade, qualidade visual e gráfica, portabilidade. No aspecto narrativo, não analisado neste trabalho, os verbetes levam em conta várias condições – sociais, históricas, artísticas e ambientais – descritas para a compreensão dos itens.

Das 312 páginas do livro, 115 são dedicadas à cidade do Rio de Janeiro (Figura 19). O aspecto visual da página é composto por texto, em bloco e hifenizado, e poucas imagens. A localização dos itens no mapa é auxiliada por coordenada, ou seja, os verbetes não são codificados, e no texto são utilizados recursos de destaque tipográfico (itálico ou negrito) para os pontos de interesse e referências cruzadas. Há indicação do tempo de visita para cada um dos itens, e um capítulo denominado “Informações práticas” fornece as condições de visita, esclarecimentos sobre a prática esportiva e lazer, e facilidades nos deslocamentos na cidade. O formato alongado e o corte dos cantos, arredondado, garantem durabilidade ao impresso, evitando as dobras causadas pelo transporte.

⁴⁴ As outras cidades são Nova York, Roma, Paris e Londres.

Figura 19 – Guia de Turismo Michelin | Rio de Janeiro: Cidade e Estado



Legenda: Capa, página com mapa assinalando os edifícios do roteiro e página dupla no formato aberto. Destaca-se o mapa onde o fundo rebaixado assegura a legibilidade das informações sobrepostas com os nomes dos edifícios do roteiro.

Fonte: GUIA DE TURISMO MICHELIN, 1990.

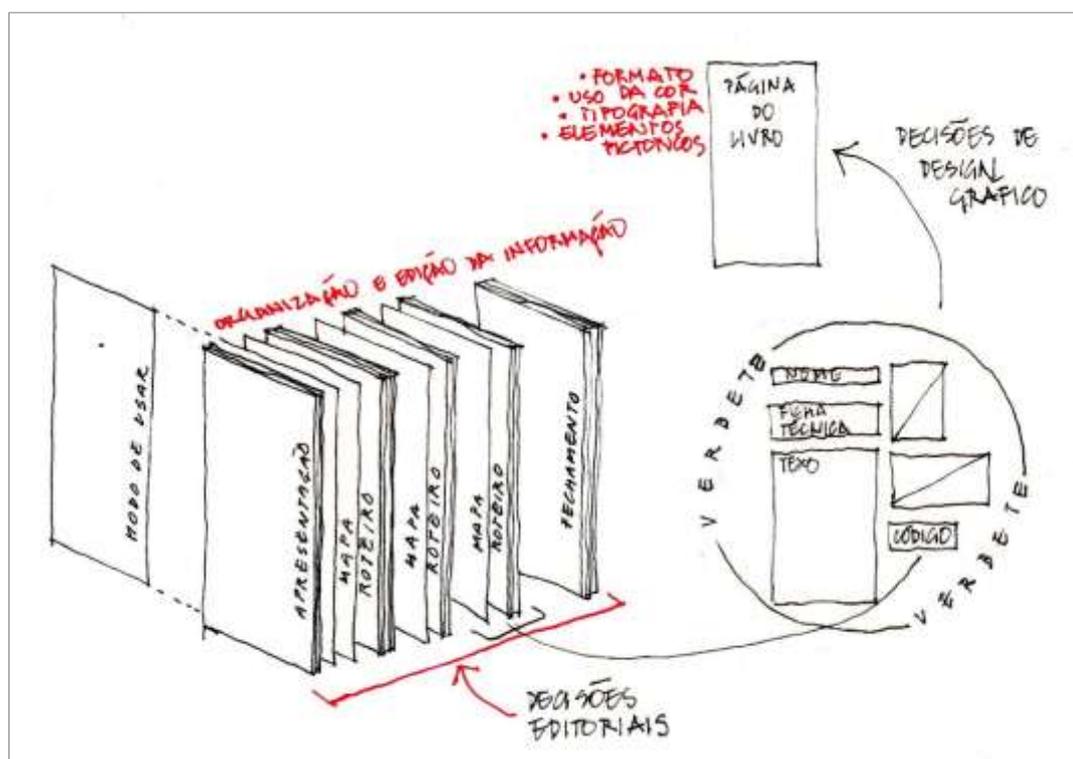
Os espaços públicos e os edifícios de uma cidade podem ser considerados atrativos turísticos⁴⁵ – seja pela arquitetura ou pela função que desempenham, mas as publicações categorizadas como guias de turismo e viagem não tem o enfoque, nem a linguagem textual e visual, de um guia de arquitetura como os que serão analisados neste trabalho.

⁴⁵ O livro *Turismo, arquitetura e cidade* é considerado um estudo pioneiro sobre as relações entre arquitetura, urbanismo e a atividade turística. Na coletânea de textos que o integram, são analisadas algumas questões contemporâneas como a arquitetura dos museus, dos megaeventos e do entretenimento. VARGAS, H.C.; PAIVA, R.A.; CASTELLO, L. *Turismo, arquitetura e cidade*. Barueri: Manole, 2016.

1.2. Modo de usar: a estrutura funcional do objeto

O caráter instrumental dos guias de arquitetura é reiterado pela seção “modo de usar” presente na maioria das publicações do gênero editorial (ver p. 155-156). A Figura 20 elucida, esquematicamente, as decisões de design editorial, ou seja, a forma de organização dos capítulos/roteiros e o conteúdo textual e pictórico e aquelas referentes às definições de design gráfico: os recursos que relacionam o conteúdo indexado ao mapa correspondente, facilitando o acesso ao edifício no espaço da cidade, os códigos visuais ou alfanuméricos (utilizados na ficha técnica) que auxiliam a navegação na publicação, a organização dos elementos informacionais no espaço da página. A arquitetura da informação, como disciplina, fundamenta os propósitos comunicacionais: seja na definição da quantidade e qualidade dos dados (técnicos, textuais e pictóricos) quanto na maneira de dispor tais mensagens na página do livro, colaborando com a funcionalidade do artefato.

Figura 20 – Representação da organização de um guia de arquitetura

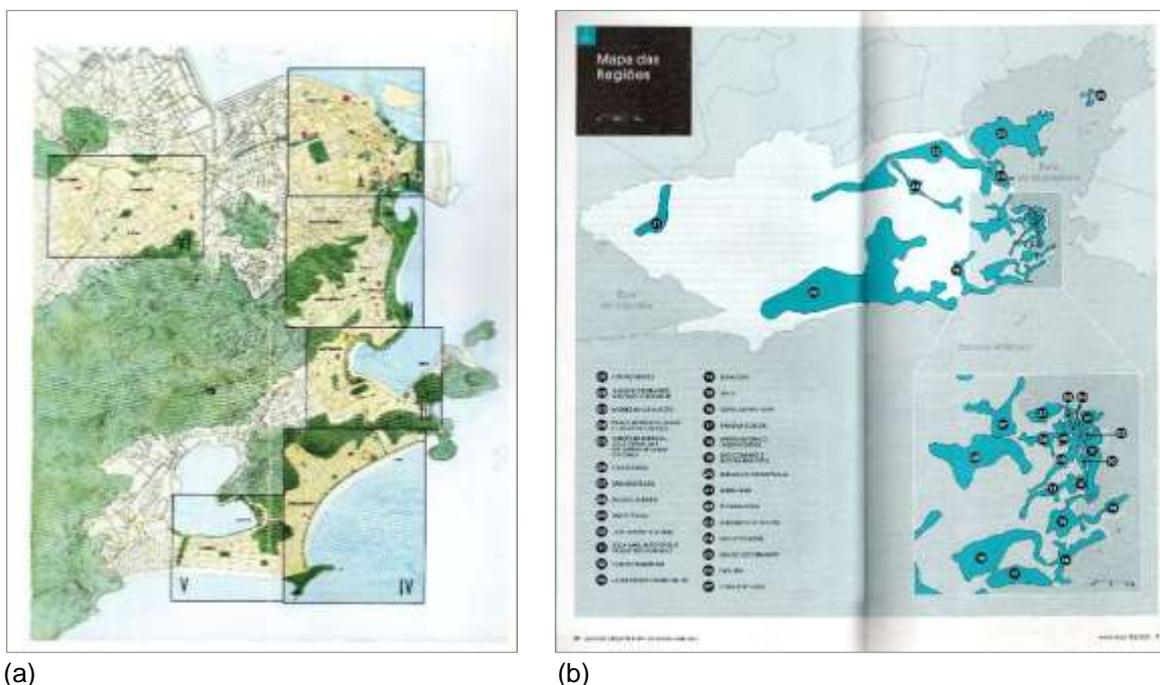


Fonte: A autora, 2021.

1.2.1. Parâmetros para uma tipologia editorial: estrutura dos capítulos e verbetes

Em um guia de arquitetura, o mapa é o suporte informacional para outras categorias – narrativas, estilos históricos, períodos – e reflete a organização dos capítulos. Um mapa geral funciona como um sumário para o conteúdo (Figura 21) e, nesse tipo de organização, os roteiros/capítulos são precedidos da representação cartográfica correspondente com a localização dos verbetes (Figura 22a).

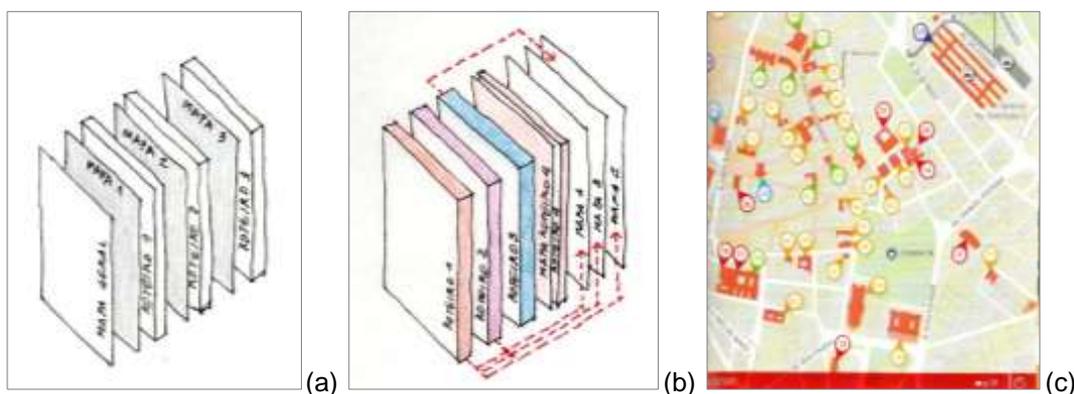
Figura 21 – Guia Art Déco e Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro | mapa geral



Fonte: (a) CZAJKOWSKI, 2000c; (b) GUIA DA ARQUITETURA..., 2016.

Quando os capítulos são organizados por tipologias ou compõem narrativas autônomas, os verbetes são numerados sequencialmente e codificados (cor e número), adicionando-se a referência do mapa onde se localizam.

Figura 22 – Representação da relação entre roteiros e mapas



Legenda: (a) e (b) Os dois modos de organização de conteúdo. (c) Exemplifica a segunda opção: os roteiros são codificados por cor e lançados sobre a base cartográfica.

Fonte: (a) e (b) A autora, 2022; (c) BASSANI, 2014.

A segunda opção está presente em exemplares do *corpus* de pesquisa, como o *Guia de Viena*, da editora DOM (organizado por capítulos temáticos) e o guia *São Paulo: Cidade de Arquitetura* (organizado por períodos da evolução da cidade). No guia *Paris Visite Guidée*, num único mapa estão rotulados todos os edifícios indicados para visita, numerados e codificados, o que permite várias leituras e camadas de informação em uma mesma representação cartográfica (ver capítulo 2.5, p. 118 e Figura 109, p. 152).

Constatamos a importância da organização e hierarquia das informações de cada verbete e que recursos tipográficos – dimensionamento e estilo – contribuem para a legibilidade do que é comunicado. Em algumas das publicações do *corpus*, um pequeno texto ou esquema explicativo dos códigos visuais ou alfanuméricos utilizados na ficha técnica auxilia a navegação na publicação. Tais seções, denominadas “modos de usar” (Figura 114), também podem sugerir como programar a visita aos lugares, reiterando o caráter instrutivo desse gênero editorial.

O termo “verbetes” aparece no *Aulete Digital* como “cada uma das entradas (palavras listadas) de um dicionário, enciclopédia etc., que contém informações sobre um assunto”.⁴⁶ É também cada um dos termos de um glossário, acompanhado da explicação dos significados das palavras ou da descrição da matéria. Nos guias de arqui-

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/verbetes>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

tetura, o nome de cada edifício identifica um verbete sendo, portanto, a unidade mínima de comunicação para esse gênero editorial, em que elementos visuais interagem com o texto: fotografias, plantas ou croquis dos edifícios e símbolos.

Cada um desses recursos visuais dá conta de um aspecto da representação da arquitetura. Na concepção editorial, a variedade e a quantidade de informações – necessária ou suficiente para documentar o edifício – irão determinar o padrão para a ficha técnica do edifício. Além do título, podem ser acrescentados o nome original ou como ele é conhecido; autores e datas (do projeto, da construção, reformas ou restauro); e a localização e tipologia edilícia ou programa de uso. Mais raramente observamos os dados sobre o meio de transporte para o acesso.

Da análise das formas de composição dos verbetes podemos extrair a maioria dos tópicos que configuram os elementos de linguagem: o uso da cor, a tipografia, a codificação e o uso de recursos interativos que colaboram para a legibilidade da informação. O artifício da realidade virtual e da realidade aumentada foi observado na edição de livros de arquitetura,⁴⁷ porém, na abrangência do tema de estudo não registramos nenhum caso. Tal recurso possibilitaria a visualização de uma fotografia de um edifício na sua forma tridimensional ou de vídeos sobre o imóvel em questão, dependendo de equipamentos e de sistemas ainda em desenvolvimento.

1.3. Um panorama de guias de arquitetura contemporâneos

Neste estudo será considerada como primeira data para edição de um guia de arquitetura contemporâneo aquela referente à edição de uma série dirigida pelo historiador de arquitetura de origem alemã, Sir Nikolaus Pevsner (1902-1983), e iniciada com a publicação, em 1951, do volume sobre os condados (*counties*) de Cornwall, Middlesex e Nottinghamshire. Para caracterizar um panorama nacional e internacional

⁴⁷ Na publicação *Presença estrangeira*, lançada em 2018, o leitor poderia simular a visita externa a um edifício, por meio de um aplicativo instalado no *smartphone*. Tal função, entretanto, foi descontinuada. O hiperdocumento é tema de estudo do Prof. Rodrigo Cury Paraizo, um dos autores do livro, citado nas referências bibliográficas.

de guias de arquitetura, constituídos, portanto, a partir da década de 1950, confrontamos os resultados encontrados entre *websites* de vendas *online*, como os da Amazon, Book Depository, Open Library ou AbeBooks, *websites* de arquivos ou bibliotecas públicas, como o Centro Canadense de Arquitetura, no Canadá; a Bibliothèque du Tourisme et des Voyages, na França, e a Open Library,⁴⁸ usando como descritores “guia de” e “guia da arquitetura” também nos idiomas: inglês, francês e italiano. A partir de uma lista de títulos consultamos os *websites* das editoras e nos catálogos, quando disponíveis, para ampliar a pesquisa. Dessa forma foi possível elencar nomes de cidades, edições, datas de publicação e outras informações sobre as publicações disponíveis em catálogos internacionais. Para as publicações editadas no Brasil, partiu-se da lista de livros coletados no site da Biblioteca Nacional⁴⁹ – e não acessíveis fisicamente por conta das restrições sanitárias (em vigor no período da pesquisa, entre 2020 e 2021) –, realizando o mesmo cruzamento de informações de modo a tornar tal levantamento abrangente.

Um dos primeiros aspectos observado ao manusear livros de arquitetura é o nome do editor ou do promotor, além de observar o aspecto físico da publicação.⁵⁰ Tal procedimento parte de uma premissa identificada no capítulo 1.1 (p. 31) e reiterada na definição de Emanuel Araújo (1986) para quem, de uma forma geral, o editor é o profissional que trabalha nas empresas editoriais e prepara os originais e é quem exerce influência na concepção e estruturação da obra como um livro.

Em relação ao promotor, a sua identificação é um critério adotado para tipificar a forma como o projeto foi viabilizado, mas nem sempre foi possível identificar a motivação ou o propósito de cada edição: o que pode ocorrer por ocasião de um congresso de arquitetura, por exemplo, quando vários profissionais e estudiosos estão instalados na cidade.

⁴⁸ O site *openlibrary* recupera informações de 80.451 trabalhos com o descritor “guidebooks”, disponível em: <<https://openlibrary.org/subjects/guidebooks>>. A página do Centro Canadense de Arquitetura, coletou 123 resultados com o termo *City Guide*. Disponível em: <<https://shortest.link/3dET>>. Acesso em: 3 mar. 2022.

⁴⁹ O catálogo *online* da Biblioteca Nacional não foi o único consultado. Considerou-se, entretanto, esse o mais relevante por conta da Lei de Depósito Legal. O site do Centro Canadense de Arquitetura, reportou 2.918 resultados para o descritor “architectural guide”.

⁵⁰ Tal procedimento acompanha minha vida profissional. Após folhear a publicação, verifico as fichas catalográfica e técnica: nomes de autores e responsáveis pelo design gráfico.

Com esse levantamento foi evidenciado uma relação de promotores desse gênero editorial: universidades, órgãos de tutela, associações de classe, agentes privados e instituições públicas. Nas universidades, a pesquisa e a cultura do projeto fomentam a produção acadêmica; os órgãos de tutela têm por atribuição a difusão dos bens preservados; os órgãos de classe viabilizam edições por meio de editais (no caso brasileiro) e por meio da mobilização de profissionais; os agentes privados são empresas ou instituições privadas que se especializaram nessa categoria editorial encontrando uma finalidade comercial lucrativa, seja para promover a cultura ou o turismo e, por fim, temos os agentes ou instituições públicas, relacionadas ao poder do Estado, em que a produção está amparada nas atribuições legais conferidas de difusão ou animação cultural.

1.3.1. Panorama Internacional: um levantamento das principais editoras

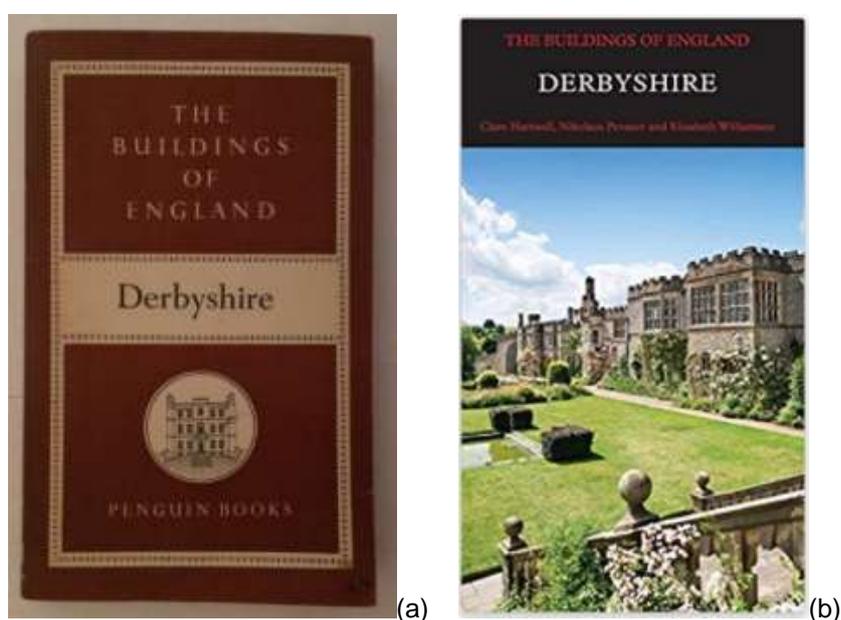
No cenário internacional listamos algumas associações de profissionais de arquitetura como o American Institute of Architects (AIA), o Royal Institute of British Architects (Riba), atuante na Inglaterra, o Edinburgh Architectural Association (EAA), na Escócia e no Brasil, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU). O Riba e o EAA têm um catálogo próprio de edições sobre arquitetura, urbanismo e temas relacionados à prática profissional; o CAU, por meio de editais de fomento, contribui para a realização de iniciativas editoriais. No território americano, cinco guias de arquitetura já foram editados sob a chancela do AIA, em parceria com universidades locais.

Localizamos o Estonian Museum of Architecture, sediado em Talin, capital da Estônia, com cerca de 70 publicações editadas, entre elas o recente *Tallinn Architecture 1900–2020: Architecture Guide*,⁵¹ indicando que instituições para fins culturais – museus e *urban centers* – também colaboram com a oferta de guias de arquitetura como é o caso do Pavillon de L’Arsenal, de Paris, assunto tratado no capítulo 2.5 (p. 117)

⁵¹ Disponível em: <<https://arhitektuurimuuseum.ee/en/raamatud/tallinn-architecture-guide/>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

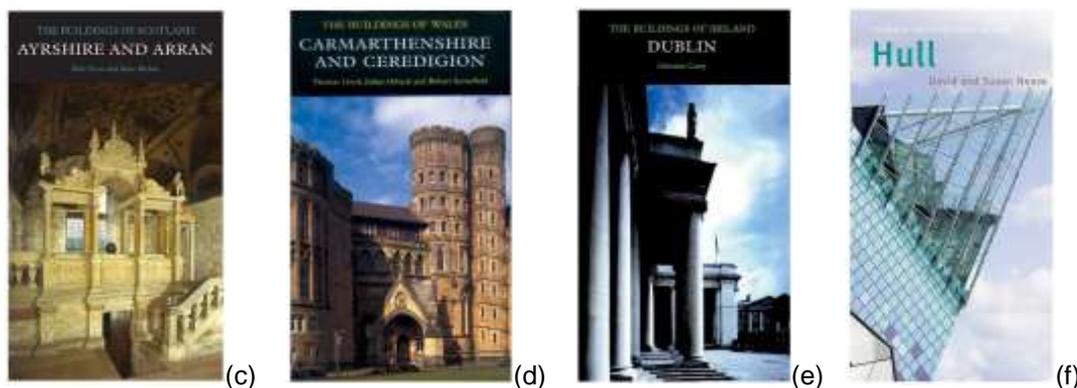
Como já citado (ver p. 54), a coleção Pevsner Architectural Guides publicada pela Yale University Press desde a década de 1950, preparada por Nikolaus Pevsner⁵² e seus colaboradores, ganha novas edições, revistas e ampliadas. Está dividida em duas séries: a Pevsner City Guides com 10 títulos e a Buildings of England que abrange a Inglaterra (50 títulos), Irlanda (cinco títulos), País de Gales (sete títulos) e Escócia (12 títulos), sendo o volume mais recente, de 2022, o que trata das regiões de Birmingham e Black Country, na Inglaterra.⁵³

Figura 23 – Pevsner Architectural Guides



⁵² Segundo o site do Warwickshire County Council: [...] *the guides do not provide a comprehensive list and only describe a building as it was when seen by Pevsner or one of the more recent writers. The descriptions are also sometimes highly subjective and idiosyncratic. Pevsner was mainly interested in polite architecture, whilst much vernacular architecture is ignored completely. The guides also tend to be written from an architectural rather than historical or archaeological point of view. Further research may be needed on specific buildings, but the Pevsner guides, like other secondary sources, provide a useful starting point when researching local history.* Disponível em: <<https://timetrail.warwickshire.gov.uk/toolkitview.aspx?tid=2&page=14>>. Acesso em: 3 mar. 2022.

⁵³ Disponível em: <<https://yalebooks.yale.edu/series/pevsner-architectural-guides%3A-buildings-of-england>> e <<https://yalebooks.co.uk/pevsner>>. Acesso em: 3 mar. 2022.



Legenda: (a) Edição de 1953 para o condado de Derbyshire, com 282 páginas; (b) capa da publicação de 2016, com 800 páginas; (c) capa da edição de Ayrshire and Arran, na Escócia (2012); (d) Carmarthenshire and Ceredigion, no País de Gales (2006); (e) Dublin, na Irlanda (2005) e (f) Hull, (2010).

Fonte: Catálogo digital da editora.

A **Reimer Verlag** (<<http://www.reimer-mann-verlag.de/reimer/verlag/>>), sediada em Berlim, foi fundada em 1845 com intuito de publicar obras cartográficas relacionadas à área da geografia. Atualmente tem em catálogo cerca de 1.000 publicações em várias áreas científicas. Editou uma série de guias de arquitetura de cidades alemãs: Berlim, Potsdam, Munique, Colônia, Bonn, Düsseldorf, Dresden que, segundo informações no site da editora, foram as primeiras publicações do gênero no mercado alemão. Porém, no catálogo digital atual, constam apenas disponíveis os volumes para Hannover (2001); Kassel (2002); Munique (2007 e 2016); para a área do (rio) Ruhr (*Architekturführer Ruhrgebiet*), de 2010.

Figura 24 – Guias editados pela Reimer Verlag



Fonte: Sites de vendas *online*.

A editora **Birkhäuser** (<<https://birkhauser.com/>>), sediada em Basel (Basileia), aparece com seis publicações em seu catálogo. As mais antigas são: *20th Century*

Architectural Guide – Germany (1996); *Birkhäuser Architectural Guide Switzerland 20th Century* (1997); *Birkhäuser Architectural Guide Benelux 20th Century* e *Birkhäuser Architectural Guide Spain: 1920-99*, ambas de 1998; *Architectural Guide France 20th Century* (2000); e *Architectural Guide Zurich 1990-2005* (2005). O guia da cidade de Basel (*Architectural Guide Basel: New Buildings in the Trinational City Since 1980*), de 2014, aparece como a 4ª edição revista e ampliada.⁵⁴

⁵⁴ Os guias para a Suíça e para o Japão, de autoria de Sergio Polano, são versões da edição italiana Electa.

Figura 25 – Guias editados pela Birkhäuser



Fonte: Sites de vendas *online*.

A **NAI010 Publisher** é resultado da fusão da editora comercial 010 com o Instituto de Arquitetura Holandês (NAI), desde 2012, tornando-se a maior editora holandesa nos campos da arquitetura, arte, fotografia e design.⁵⁵ No catálogo aparecem três publicações editadas em 2013: duas sobre a arquitetura holandesa – de 1900-2000 e de 1980–2000 e o guia da cidade de Haia – *Architectural Guide to the Hague*. O guia de Rotterdam consta como fora de estoque; sua edição data de 2007, anterior à fusão das editoras.

Figura 26 – Guias editados pela NAI010 Publishing



Fonte: Sites de vendas *online* e catálogo da editora.

A editora suíça **Braun**⁵⁶ é especializada em livros de arquitetura, design, paisagismo e desenvolvimento urbano, que são publicados em inglês e alemão. No catálogo digital da editora constam os exemplares para as cidades de Viena (2007),

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.artbook.com/naipublishers.html>>.

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.braun-publishing.ch/#>>.

Paris (2009), Londres (2009), Praga (2013), Munique (2014) e Berlim (2015), integrantes das séries *The Architecture Guide* e a *The Architekturstadtplan*, esta última com quatro títulos editados apenas na língua alemã, e com um mapa desdobrável onde são assinalados edifícios significativos: Colônia (2002), Berlim (2002), Hamburgo (2004), Frankfurt (2007).

Figura 27 – Guias editados pela Braun Publishing



Fonte: Sites de vendas *online* e catálogo da editora.

A editora italiana **Electa**, pertencente ao grupo Mondadori de Milão, Itália, iniciou suas atividades em 1945 em Florença, com uma linha editorial dedicada a monografias e estudos científicos nas áreas das artes visuais, transferindo-se, nos anos 1950, para Milão. Em seu catálogo *online* constam alguns títulos das séries *Guida alla Architettura del Novecento* para as cidades de Suíça (1995), Japão (1995), Alemanha (1996), Espanha (1997), Viena, Budapeste e Praga (1998), Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo – Benelux (1998); e o *Guida all'Architettura Italiana del Novecento* (2004). Todas as publicações constam como esgotadas ou fora de catálogo.

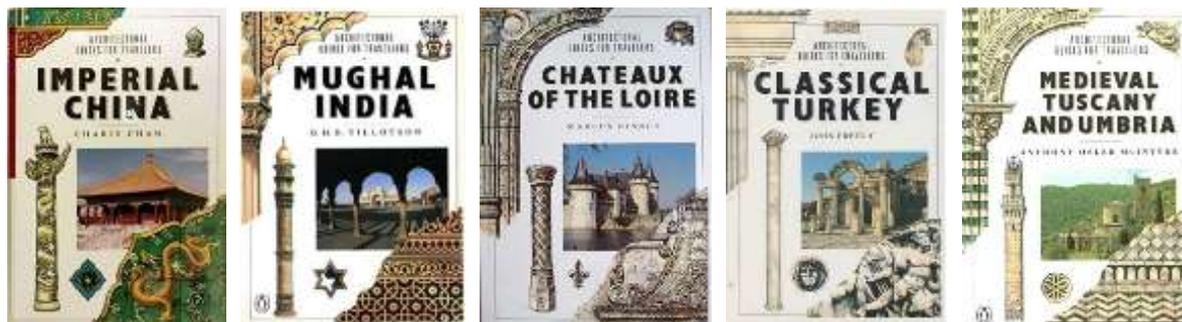
Figura 28 – Guias editados pela Electa



Fonte: Sites de vendas *online* e catálogo da editora.

A série *Architectural Guides for Travelers*, publicados entre 1990 e 1992 pela **Chronicle Books**, é um conjunto de guias de arquitetura com recorte temático sobre estilos arquitetônicos em diferentes partes do mundo. De acordo com as informações do catálogo, cada livro apresenta um levantamento detalhado fartamente ilustrado.

Figura 29 – Guias editados pela Chronicle Books



Fonte: Sites de vendas *online*.

Uma série de guias de arquitetura contemporânea foi editada, a partir de 1995, pela **Ellipsis** em parceria com a **Könemann**. A Ellipsis, que foi considerada uma das editoras de arquitetura mais inovadoras da Grã-Bretanha,⁵⁷ foi formada pelos designers ingleses Jonathan Moberly e Tom Neville, autores da publicação, e atualmente o nome aparece vinculado a uma agência de design criativo. A empresa Könemann, com sede na cidade de Colônia, Alemanha, é especializada na distribuição internacional de livros ilustrados sobre arte, arquitetura, música, viagens, entre outros temas, desde 1996 e ainda atuante no setor.

Foi possível recuperar 27 títulos: Chicago (1994), Tóquio (1995), São Francisco (1995), Praga (1996), Los Angeles (1996), Viena (1996), Nova York (1997), Budapeste (1997), Sydney (1997), Las Vegas (1997), Inglaterra (1997), Atenas (1998), Paris (1998), Milão (1998), Berlim (1998), Holanda (1998), Madri (1998), Budapeste (1998), Istambul (1998), Lisboa (1999), Dublin (1999), Moscou (1999), África do Sul (1999), Hong Kong (1999), Londres (4ª ed. 2000) e Noruega (2002).

⁵⁷ Disponível em: <<https://archive.gyford.com/1997/wired-uk/1.04/features/architects.html>>. Acesso em: 19 maio 2022.

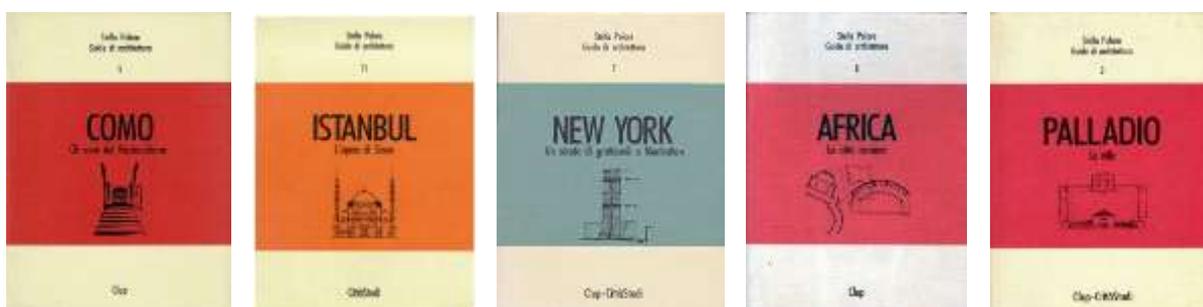
Figura 30 – Guias editados pela Ellipsis Könemann



Fonte: Sites de vendas *online*.

A coleção **Stella Polare**, editada a partir de 1990 por Alberto Ferlenga e Luca Ortelli para a Cooperativa Libreria Universitaria do Politécnico de Milão (Clup), foi proposta para evidenciar correspondências existentes entre lugares e nome de arquitetos, regiões a uma tendência. No tópico 2.1.2 (p. 76), as características gráficas e editoriais são detalhadas com base em um exemplar do *corpus* de pesquisa.

Figura 31 – Guias da coleção Stella Polare editados pela Clup



Fonte: Sites de vendas *online*.

A editora **FORMA** (Edizioni per l'arte e l'architettura), sediada em Florença, na Itália, tem em seu catálogo (<<https://formaedizioni.it/>>) livros de arquitetura, arte e design, como a coleção On the Road City para Londres, Hamburgo, Moscou, Barcelona, Nova York, Berlim, Florença, Nápoles, Roma, Milão com edição bilingue em inglês e italiano.

Figura 32 – Guias da coleção On the Road City editados pela Forma



Fonte: Sites de vendas *online* e catálogo da editora.

A editora **DOM**, cujos proprietários são os arquitetos Philipp Meuser e Natascha Meuser, da Meuser Architekten, foi criada em 2005 na cidade de Berlim, na Alemanha. O site da editora (<<https://dom-publishers.com/>>⁵⁸ permite acessar a versão em alemão, inglês e russo e tem, como subtítulo, o lema: *books made by architects*. A editora tem em seu catálogo 135 títulos⁵⁹ de guias de arquitetura para cidades como Aarhus, na Dinamarca, e Yerevan, capital da Armênia, e inclui uma publicação de 2019 que examina os artefatos construídos ao longo dos 50 anos das missões espaciais à Lua. Duas publicações da série serão analisadas no capítulo 2.1.1 (p. 71).

Figura 33 – Guias editados pela DOM



⁵⁸ Na linha editorial, registram-se guias de arquitetura, manuais e monografias em arquitetura, planejamento urbano e design; o periódico digital *DOM magazine* pode ser baixado gratuitamente.

⁵⁹ No início desta pesquisa, em 2019, constavam 123 títulos no site da editora. Dados atuais (maio de 2022) contabilizam 135 publicações, incluindo três em pré-lançamento, um deles sobre os mosaicos monumentais em Moscou. Tais dados superam qualquer outra iniciativa para este gênero editorial.

Legenda: Cada um dos 135 volumes disponíveis no catálogo da editora DOM tem uma cor de capa específica, mesmo quando a alteração é do idioma da edição como no caso dos volumes para a Tunísia (ao centro, na linha inferior), editado em inglês e francês.

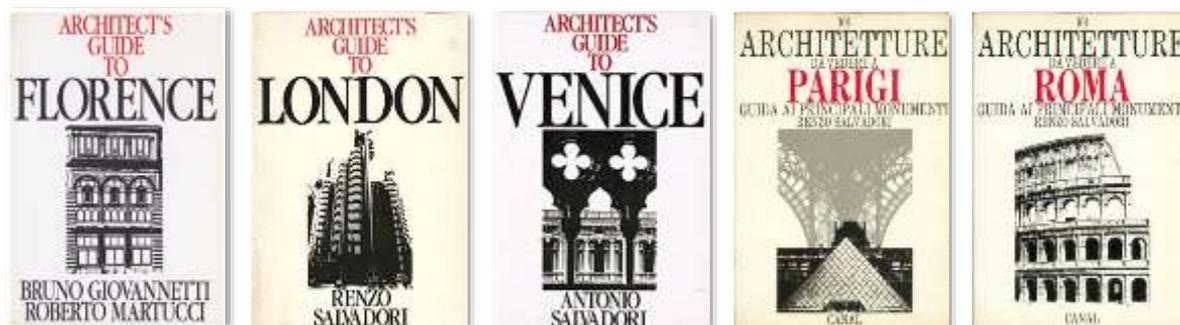
Fonte: <https://dom-publishers.com/collections/architekturfuhrer?sort_by=created-descending>.

Neste levantamento, também foram identificados dois curadores de livros desse gênero editorial, ambos italianos: Sergio Polano e Renzo Salvadori. Professor do Departamento de Projeto e Planejamento de Ambientes Complexos, da Universidade de Veneza, Sergio Polano (1950-)⁶⁰ escreveu e ilustrou guias de arquitetura para as editoras Arsenale, e Clup do Politécnico de Milão (guia sobre o arquiteto Plecnik em Lubiana, 1988), idealizou e projetou uma coleção para a editora Electa, que foi traduzida pela inglesa Phaidon e pela suíça Birkhäuser. Para a Electa, publicou o *Guida all'Architettura Italiana del Novecento* (1991, 1994, 2004) e o guia *I Padiglioni della Biennale* (1988; 1993; 1995), com Marco Mulazzani; além dos volumes para Budapeste e Praga (1994), Suíça (1995), Japão (1995), Alemanha (1996), Espanha (1997) e Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo, 1998). Para a revista *Domus*, nº 696 (1988) escreveu o “Itinerario 37” sobre a obra de Joze Plecnik na cidade eslovena de Lubiana, tratado no capítulo 3.1 (p. 124).

Renzo Salvadori realizou a curadoria dos guias de arquitetura das cidades italianas de Veneza (1990), Roma (1990) e Florença (1994), e Londres (1989) para a editora Butterworth Architecture da série Architects Guides e para a Edizioni del Canal, a coleção 101 Architetture da Vedere (Figura 34) com volumes para as cidades de Veneza (1989), Roma (1989), Paris (1972) e Londres (pela New York: Harper & Row. 1969). Editou também, em 1981, o *Guida alla Venezia Minore*, tratado no capítulo 2.4.2 (p. 114).

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.polano.eu/sp/architettura-a-civiale/>>.

Figura 34 – Guias das séries Architects Guides e 101 Architetture da Vedere



Fonte: Sites de vendas *online* e catálogo da editora.

Pode-se constatar, por meio deste levantamento, que as editoras internacionais encontram nos guias de arquitetura um segmento editorial estável e lucrativo, que se consolidou ao longo das últimas décadas, através de numerosas publicações, principalmente séries, tendo como foco as localidades de maior evidência cultural, histórica ou econômica do planeta. Pode-se notar ainda a discrepância de abordagens, ora adotando países como foco, ora cidades ou às vezes mesclando ambos no mesmo conjunto, como no caso da África ou África do Sul. Cada editora constrói um *know-how* na abordagem específica de conteúdos, que se manifesta por meio de um mesmo projeto gráfico, identificado pelo uso estruturado de sistemas gráficos, que regulam o uso da cor, tipografia e imagens, não só nas capas, mas também no miolo das publicações, no que podemos chamar de itens de uma mesma série. Isso fica bastante claro nas ilustrações deste tópico, pela disposição harmônica do conjunto de capas, facilitando a rápida identificação da procedência, o reconhecimento e a fidelização de determinado público-alvo de leitores. As editoras podem então ser encaradas como um critério qualitativo na aquisição de um guia, estimulando seus leitores, com perfil viajado, ilustrado e, muitas vezes, fluente em várias línguas, a adquirir não apenas um exemplar específico, mas promovendo o consumo de toda a série, como um item colecionável.

1.3.2. Panorama Nacional

Ao contrário das editoras estrangeiras, o panorama de editoras brasileiras que promovem a edição de guias de arquitetura é disperso: ou estão de certa forma vinculadas a algum ente público ou são pequenas editoras, sediadas na região da cidade retratada ou editados por empresas não tradicionais (algumas atreladas a projetos culturais beneficiados com patrocínio). A lista, elaborada fundamentada na pesquisa no site da Biblioteca Nacional, conta com: o *Guia dos Bens Imóveis Tombados em Goiás: Vila Boa* (v. 1), lançado por iniciativa do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), em 1999; o *Guia da Arquitetura Modernista de Cataguases*, organizado por Paulo Henrique Alonso, financiado pelo Programa Monumenta/Ministério da Cultura/Unesco, através de edital público para Elaboração e Implementação de Roteiros Turísticos e lançado pelo Instituto Cidade de Cataguases de 2012.⁶¹ A Fundação Athos Bulcão, de Brasília, promoveu o *Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília* (1997) e o *Guia do Recife: Arquitetura e Paisagismo* (2004), cuja edição é de sua autora, Edileusa da Rocha.

O *Guia da Arquitetura Moderna de Santa Maria 1950-1960* foi publicado em Curitiba pela editora CRV em 2017 e 2020. Esse trabalho é a complementação da dissertação de mestrado em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), realizada por Nabor Silva Ribeiro, autor do livro. O *Guia da Arquitetura de Porto Alegre* (2016), de Rodrigo Poltosi e Vlademir Roman, ambos docentes na UniRitter (instituição privada de ensino superior localizada na cidade de Porto Alegre, RS), foi editado nas versões digital e impressa. Enquanto uma única livraria localizada em Porto Alegre comercializa os últimos exemplares da edição, a versão digital tem sua estrutura comentada no capítulo 3. Registramos em 2021, a terceira edição do guia *Brasília: Roteiro de Arquitetura, Caderno de Notas*. Também conhecido por “Moskine Brasília” a primeira edição foi organizada, em 2011, pelos arquitetos e urbanistas Danilo Matoso Macedo e Élcio Gomes da Silva em complementação aos impressos elaborados para um congresso de arquitetura moderna realizado naquele

⁶¹ A primeira edição é de 2007 e a segunda, de 2012. A publicação está disponível para *download* em: <<https://sv2.fabricadofuturo.org.br/guiamodernista/>>. Acesso em: 31 maio 2022.

ano, na cidade. Segundo os editores, o artefato foi inspirado nos “Moleskine cities”: um caderno de notas e roteiros urbanos.

Figura 35 – Guia da Arquitetura Modernista de Cataguases e Brasília: Roteiro de Arquitetura



Fonte: <<https://www.archdaily.com.br/br/878801/cataguases-legado-da-modernidade>> e <<https://danilo.arq.br/2020/12/19/momoskine-terceira-edicao/>>.

A coleta de dados para o levantamento das editoras brasileiras foi limitada ao ambiente virtual dos sites que comercializam livros e ao catálogo digital da Biblioteca Nacional. Teve por intenção traçar um panorama já que a impossibilidade do acesso físico restringiu a análise. Do ponto de vista da caracterização do gênero editorial, não foi possível avaliar, entre um maior número de exemplares, as soluções adotadas, e eventualmente relacionadas ao perfil das cidades e aos promotores das publicações. Tal ação foi realizada apenas para São Luís (tópico 2.2.5, p. 94), São Paulo (tópicos 2.2.6, p. 96 e 2.5, p. 118) e Rio de Janeiro, com o maior número de exemplares coletados e descritos no item 2.3 (p. 99).

2. UMA AMOSTRAGEM DE CATEGORIAS EDITORIAIS

Este capítulo visa responder a seguinte questão-problema: quais são as opções editoriais para abordar a arquitetura de uma cidade e quais são os recursos gráficos que estruturam e dão corpo a este conteúdo? A discussão se dá com base nos exemplos do *corpus* de pesquisa que é circunstancial, ou seja, foi constituído a partir da seleção entre volumes da coleção particular existente, aquisição de novos títulos e de empréstimo de amigos próximos.⁶² E, seguindo os métodos de pesquisa da cultura material, os exemplares foram agrupados em cinco tipologias: a produção seriada e seu contraponto, a produção autônoma; as variadas leituras sobre uma única cidade, no caso, o Rio de Janeiro; as publicações que apresentavam abordagens originais e, por fim, os guias que mesclam a arquitetura e o urbanismo. Nos cinco tópicos deste capítulo, que correspondem aos grupos tipológicos, os exemplares são examinados nos aspectos decorrentes de decisões editoriais e/ou expedientes gráficos.

2.1 A produção seriada

Neste tópico serão descritas as iniciativas de produção seriada⁶³ de guias de arquitetura e inclui a análise física de quatro conjuntos desse gênero que se distinguem pelo proponente de cada uma das edições: a editora comercial, com dois exemplos, a instituição universitária e uma associação de classe profissional abrangendo,

⁶² A circunstância a que se refere é a restrição imposta pelas medidas sanitárias para evitar a disseminação do coronavírus (Covid 19) que, no período de pesquisa e coleta documental, acreditava-se propagar por meio de partículas aderidas aos objetos: livros ficavam em quarentena entre um usuário e outro. Só posteriormente, foi comprovado que a transmissão é feita por aerossóis menores que podem flutuar no ar.

⁶³ A distinção entre coleção e série não é clara: o antigo manual da Fundação Biblioteca Nacional para concessão do ISBN aos livros publicados no Brasil trazia essa definição, mas, a partir de março de 2021, a atribuição é da Câmara Brasileira do Livro cujo manual não reproduz as orientações anteriores. Portanto, para o termo coleção, adotamos neste estudo o significado de uma obra completa com determinado número de volumes, por exemplo: Coleção Guias da Arquitetura do Rio de Janeiro e, para série, um grupo indeterminado de volumes abrigados sobre um título comum, como: Guia da Arquitetura Contemporânea da editora Viana e Mosley.

dessa forma, três dos cinco tipos de empresas que impulsionam esse nicho editorial, como relatado no capítulo 1.3 (p. 54).

No mapa geral de guias de arquitetura, tratado neste capítulo, a pesquisa revelou conjuntos de guias para diferentes cidades ou regiões promovidos por editoras configurando as séries.

As séries tratam da elaboração de um conceito (editorial e gráfico) relacionado a um sistema de produção e reproduzido em cada um dos títulos: da mobilização de equipes aos métodos de trabalho e dos recursos e da tecnologia gráfica disponíveis. Este estudo se propôs ao entendimento da lógica apesar de perceber, em cada subconjunto estudado, possibilidades de individualização conforme a cidade retratada ou como a temática foi desenvolvida.

A única iniciativa conhecida de produção seriada no Brasil foi promovida pela editora carioca **Viana e Mosley**, atuante desde 2001 e hoje extinta, que, entre outros livros de arquitetura e design, editou três guias de arquitetura contemporânea para as cidades de Porto Alegre (2009), São Paulo (2005) e Rio de Janeiro (2005).

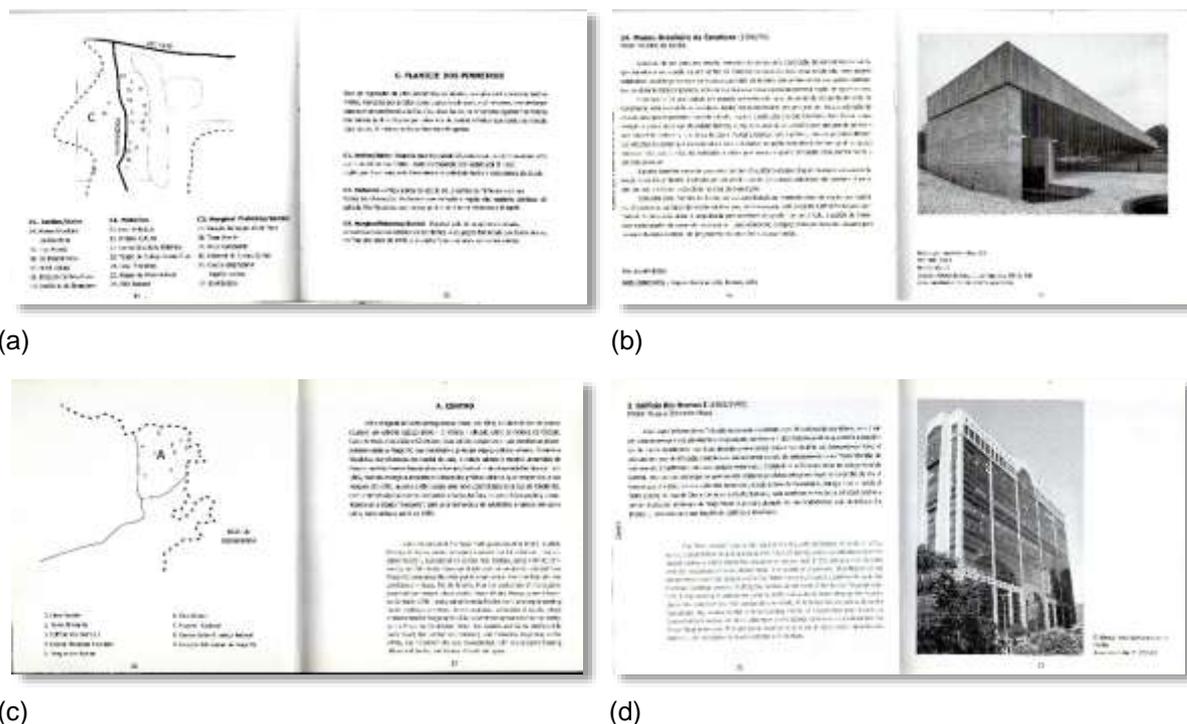
Figura 36 – Guia editados pela Viana e Mosley



Fonte: Sites de vendas *online*.

Sem acesso físico ao exemplar para a cidade de Curitiba, verificou-se, nos demais, que ambos seguem a mesma estrutura visual: ensaio autoral, mapa geral com a identificação dos roteiros e capítulos que começam com um texto apresentando a região retratada e mapa localizando os edifícios e os verbetes numerados em página dupla. O volume para a cidade de São Paulo inaugurou a série, e na publicação para o Rio de Janeiro foi acrescentada a versão em inglês, reduzindo o tamanho do texto do verbete (Figura 37) para que as versões em português e em inglês – diagramado com a cor de fonte rebaixada – fossem acomodadas na mesma página.

Figura 37 – Guia da Arquitetura Contemporânea da editora Viana e Mosley



Legenda: (a) (b) São Paulo e (c) (d), Rio de Janeiro. As páginas de abertura dos roteiros (a) e (c) apresentam um mapa índice genérico na página par e um texto de apresentação, na página ímpar. No miolo, figuras (b) e (d), as páginas pares contêm o nome do edifício com a data de sua realização, os autores do projeto e, na borda à esquerda, o nome que identifica o roteiro. O endereço e os detalhes técnicos da obra estão dispostos ao lado da fotografia, na página ímpar, à direita. A edição para o Rio de Janeiro conta com a versão em inglês inserida na página com ênfase tipográfica (itálico).

Fonte: (a) (b) SERAPIÃO (2005); (c) (d) SEGRE (2005).

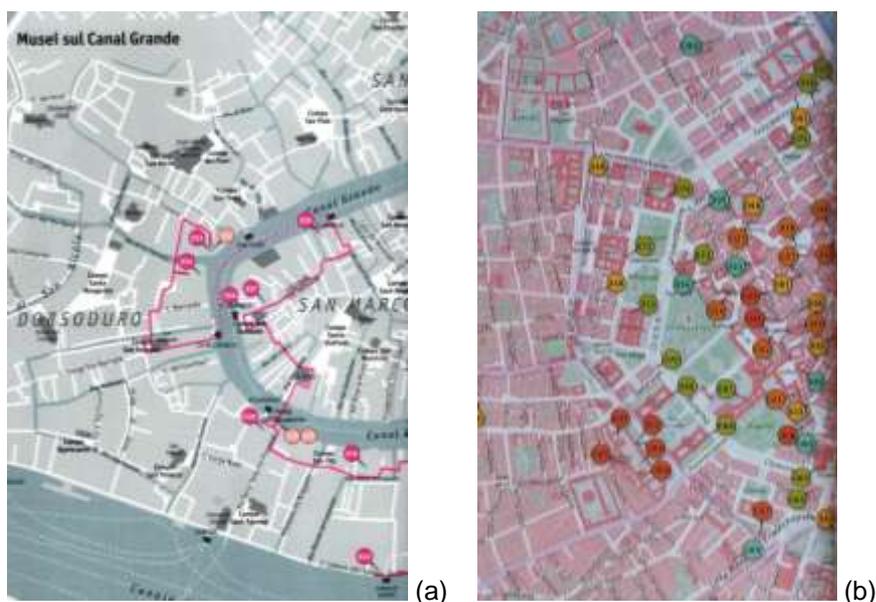
2.1.1. Editora DOM: Veneza e Viena

Os dois volumes examinados, para a cidade de Viena (versão em alemão) e Veneza (versão em italiano),⁶⁴ compartilham do projeto editorial e gráfico – que caracteriza a coleção. Ambos preconizam roteiros temáticos, independentemente da estrutura física da cidade. A publicação para a cidade de Veneza, que apresenta obras e projetos a partir de 1950, é dividida nos roteiros: 1) Por água ou por terra; 2) Morar e estudar a norte; 3) De Rialto a São Marcos; 4) Museus no Grande Canal; 5) A leste da cidade: Arsenal e Bienal; 6) Edifícia residencial na Giudecca; 7) Viver e morrer na

⁶⁴ O guia de Veneza foi publicado em alemão, italiano, francês, inglês e russo.

ilha de Veneza; 8) Do aeroporto à Piazzale Roma e 9) Projetos não realizados e efêmeros. Para a cidade de Viena, os percursos são: 1) Controvérsia vienense; 2) Viena no período medieval; 3) Viena sob Otto Wagner; 4) Ringstrasse; 5) Viena nos filmes; 6) O zoológico de Viena; 7) Vida vienense e 8) Viena 2030. O título de cada capítulo faz referência a um tema específico para a cidade que pode ser um recorte geográfico, uma tipologia de uso do edifício, um período da história da cidade. Mas, enquanto os mapas do guia de Veneza demarcam um único e sequencial percurso, os mapas de Viena assinalam cada edifício segundo a cor do roteiro correspondente (Figura 38). Assim, o traçado sobre o mapa de Veneza nos guia pelo labirinto no qual não é fácil movimentar-se, enquanto na planta de Viena, pelo menos na área central da cidade, é revelada a coexistência de camadas narrativas, resultado da escolha editorial de separação temática dos edifícios que integram o patrimônio edificado.

Figura 38 – Representação cartográfica nos guias da editora DOM



Legenda: O traçado sobre o mapa de Veneza, (a), é indicativo de um percurso enquanto na representação sobre o mapa de Viena, (b), a cor dos símbolos distingue a classificação temática dos edifícios.

Fonte: (a) KUSCH e GELHAAR, 2014; (b) VILLGRATTER, 2014.

Nem sempre é possível verificar a motivação para a publicação, porém, para o guia de Veneza, consta que a ideia surgiu durante um congresso sobre a arquitetura moderna realizado no Ateneo Veneto, em 2013, quando os organizadores lamentaram a inexistência de uma publicação que tratasse do tema. Os autores, ambos arquitetos formados pela escola de arquitetura da Universidade de Veneza (IUAV), contaram

com a colaboração de outros arquitetos e o apoio dos arquivos de projetos da IUAV e da Bauwelt,⁶⁵ revista de arquitetura e editora de livros em língua alemã, também sediada em Berlim.

A estrutura da página, em duas colunas, acomoda texto e imagem. As páginas ímpares têm uma faixa lateral que identifica a cor e o número do capítulo ou o roteiro tratado. Cada verbete é marcado por um bloco de informação com a denominação, em negrito, endereço, autoria e data. Do lado direito, uma caixa com o número do projeto e do mapa codificando o verbete. O *QR Code* está relacionado à plataforma *google maps* que possibilita, ao visitante, traçar rotas ou salvar o local para posterior consulta.

Figura 39 – Guias da editora DOM: Veneza e Viena | páginas no formato aberto



Legenda: As duas edições – *Guida all'Architettura: Venezia* (a) e *Architekturführer: Wien* (b) compartilham da mesma estrutura de página (*grid*) em duas colunas que organizam as informações textuais e pictóricas. No detalhe das fichas técnicas, (c) Veneza e (d) Viena, a quantidade de informações é reduzida ao mínimo.

Fonte: (a) KUSCH e GELHAAR, 2014; (b) (d) VILLGRATTER, 2014.

⁶⁵ Mundo da construção em tradução literal.

A cor é utilizada para identificar os capítulos/roteiros, aplicada na faixa lateral da página ímpar e no código alfanumérico de cada edifício. Os elementos pictóricos – desenhos, croquis, maquetes e fotografias – complementam a informação. Faixas de cor indicam um índice de acesso rápido na lateral do livro (Figura 40).

Figura 40 – Guida all’Architettura: Venezia | índice cromático lateral



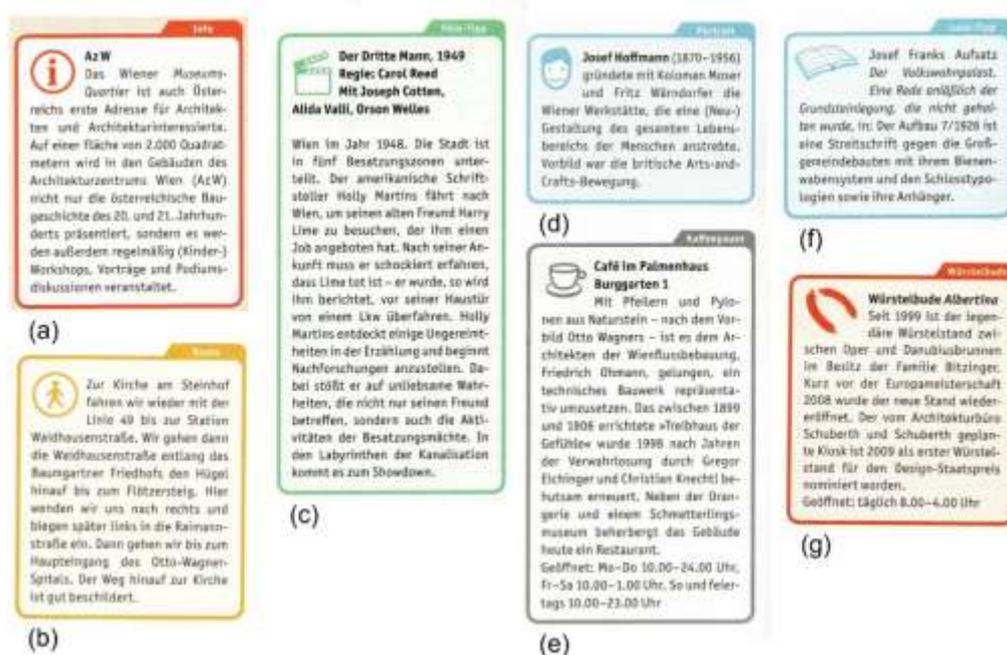
Legenda: Uma faixa lateral nas páginas ímpares, com 8 mm de largura interrompida por um espaço em branco, contém o número e a cor correspondente de cada um dos roteiros do livro. Quando vistos no volume, configuram um índice de acesso rápido.

Fonte: KUSCH e GELHAAR, 2014.

Uma característica marcante dessa série são as fotografias aéreas (inclinadas em relação ao solo), utilizadas logo após o mapa de cada roteiro proposto, onde são feitas indicações com setas dos principais marcos, orientando o leitor/passeador/visitante. Alguns edifícios também são registrados por foto aérea (possivelmente realizadas por drones), mas o que se constata é que todos os verbetes contêm ao menos uma foto – interna ou externa – de detalhe. Observando a falta de unidade gráfica na representação por meio de desenhos – plantas, perspectivas (isométricas ou explodidas) e maquetes eletrônicas –, conclui-se que são originárias de arquivos distintos. Porém, integram-se visualmente com os demais elementos da página.

O guia de Viena, com organização temática, apresenta uma novidade ao propor uma imersão, uma experiência na cidade, através de informações complementares dispostas em caixas, que oferecem uma contextualização mais abrangente. São indicados autores relacionados ao contexto, lugares para lanches nas imediações ou filmes ambientados no local (Figura 41).

Figura 41 – Architekturführer: Wien | boxes com informações complementares



Legenda: Inseridas em boxes, identificados pela cor do roteiro, as informações complementares, turísticas ou não, podem colaborar com a experiência do passeio e da imersão na cidade. São sete as categorias: “Info” (a) - tópicos de natureza histórica ou prática; “Route” (b) - sugestão de percurso; “Portrait” (d) - biografia de um autor citado no verbete. As dicas de leitura são apresentadas em “Lese-Tipp” (f), as de “Film-Tipp” (c) mostram o título e a resenha do filme que teve como cenário o local. Não faltam as duas referências tradicionais na cidade: “kaffeepause” (e) e “wüstebude” (g) que indicam, respectivamente, a cafeteria e o carrinho de salsicha mais próximos.

Fonte: VILLGRATTER, 2014.

Uma curiosidade no guia de Veneza, e que se destaca entre os edifícios de renomados arquitetos, é o verbete nº 26 do roteiro 3, que descreve um abrigo para gatos. De origem, data e autor desconhecidos, o abrigo acolhe a população de felinos que, segundo o texto, descendem dos antigos habitantes dos navios que circulavam pelo importante porto mediterrâneo (Figura 42).

Figura 42 – Recorte de página com um verbete no Guia de Veneza



Fonte: KUSCH e GELHAAR, 2014.

2.1.2. Canton Ticino: architetture recenti

Definida como coleção pelos editores, a Stella Polare – Guide di Architettura foi proposta no início dos anos noventa pela Cooperativa Libreria Universitaria do Politécnico de Milão (Clup), Itália. Além do volume examinado, *Canton Ticino: architetture recenti*, que descreve as obras realizadas “a partir de 1960 por um grupo de projetistas cuja fama se estendeu além dos confins da (antiga) Confederação Helvética”,⁶⁶ foi possível recuperar outros 14 títulos que integram a coleção. São eles: *Berlino: la nuova ricostruzione. IBA 1979-1987* (nº 1, 1988); *Palladio: le ville* (nº 2, 1988); *Parigi: Architetture tra purismo e beaux-arts 1919-1939* (nº 4, 1989); *Como: gli anni del razionalismo* (nº 5, 1990); *New York: un secolo di grattacieli a Manhattan* (nº 7, 1990); *Istanbul: l'opera di Sinan* (nº 11, 1990); *Africa: le città romane* (nº 8, 1991); *La scuola di Porto* (nº 9, 1991); *Francesco di Giorgio: architetture nel ducato di Urbino* (nº 10, 1991); *Provenza: monumenti e città del Rodano* (nº 12, 1992); *Barcellona: architetture e spazi urbani 1975-1992* (nº 13, 1992); *Lubiana: l'opera di Joze Plecnik* (1992); *Città*

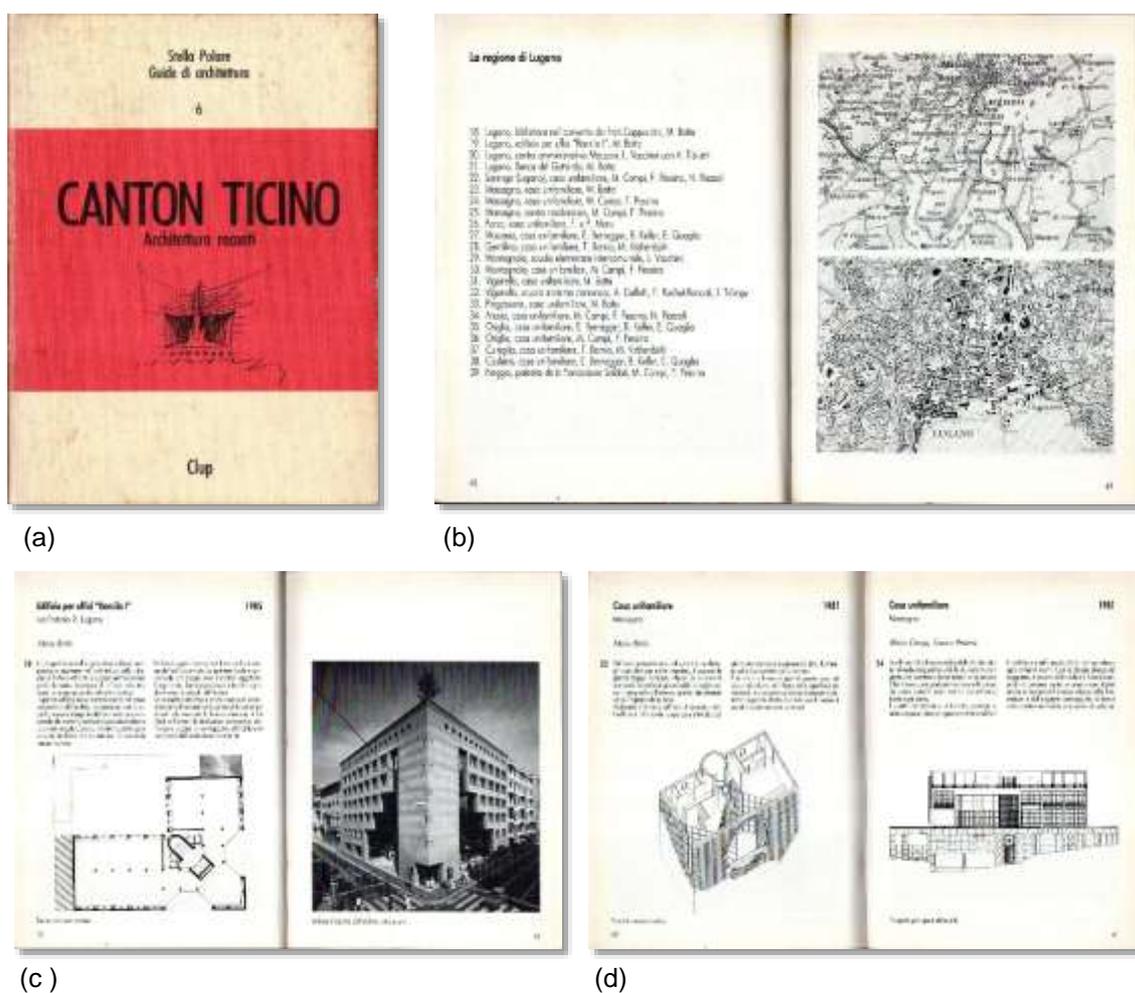
⁶⁶ O trecho correspondente na tradução é: *Gli itinerari di architettura tracciati in questa guida descrivono opere realizzate dal 1960 in poi da un gruppo di progettisti la cui fama è estesa oltre i confini della Confederazione Elvetica.*

dei Gonzaga: Sabbioneta, Guastalla, Gualtieri, Pomponesco (n. 14, 1993); *Bruxelles: l'art nouveau* (1994).

A proposta dos editores em cada publicação se detém a uma temática específica, evidenciando correspondências entre lugares e nomes de arquitetos; regiões a uma tendência artística ou intervenção urbana. E, pela diversidade geográfica dos títulos, reitera-se a proposta de uma leitura estratificada do território.

Os livros de pequeno formato, impressos em duas cores, têm um mapa geral dobrável encartado e abertura de capítulos com índice das obras e mapas da região (Figura 43). Na estrutura visual, cada verbete ocupa uma página ou página aberta com o título e ano da obra no topo, em negrito, e texto em duas colunas.

Figura 43 – Canton Ticino: architetture recenti | capa e páginas internas



Legenda: Capa e página dupla de abertura de roteiro (a) e (b) e duas páginas no formato aberto (c) e (d). Para as ilustrações, há uma equivalência entre fotografias e desenhos: plantas, fachada e a seção transversal explodida (*spaccato assonometrico*), que predominou como forma de representação na Itália no final dos anos 1980.

Fonte: FRANCHINI, 1990.

2.1.3. AIA GUIDE TO: New York e Chicago

A Associação de Arquitetos Norte-Americanos (American Institute of Architects — AIA),⁶⁷ fundada em 1857 e sediada em Washington, tem como principal atribuição a defesa dos valores relacionados ao exercício profissional de arquitetos norte-americanos. Entre as linhas de ação estão o apoio a iniciativas culturais, realização de seminários e conferências, organização de concursos de projetos e a oferta de passeios que, de acordo com a cidade, podem ser percursos a pé ou por barco e visitas técnicas a canteiros de obra, os *Building Tours*. Entre os títulos localizados estão: *AIA Guide to the Architecture of Atlanta* (University of Georgia Press, 1992); *AIA Guide to the Architecture of Washington* (Johns Hopkins University Press, 1994); *AIA Houston Architectural Guide* (Herring Pr, 1990); *AIA Detroit: The American Institute of Architects Guide to Detroit Architecture* (Wayne State University Press, 2002).⁶⁸ A principal característica desses livros é a forma como os volumes são viabilizados: seja pelo trabalho voluntário de pesquisadores e fotógrafos associados ao instituto, pela cooperação dos escritórios (também coligados) e por clientes na cessão de informações ou pelo vínculo com editoras universitárias localizadas nas cidades retratadas. Neste tópico serão analisados os exemplares editados para a cidade de Nova York e Chicago.

O guia de Nova York, considerado o *Bible-like* – “has been widely accepted as the definitive work of this kind” (texto de orelha) –, é, sem dúvida, o mais completo guia de cidade disponível. Foi editado originalmente em 1968, num formato diferente pela Macmillan Publishing, que também publicou a segunda edição em 1978. A terceira e quarta edição foram lançadas pela Harcourt Brace Publishing, em 1988, e pela Three Rivers Press, em 2000. O volume examinado, a quinta edição pela Oxford University Press (2016), tem aproximadamente 3.900 itens descritos e mapeados distribuídos em 1.064 páginas. Aborda o *boom* de novas construções de autoria de arquitetos da cena internacional – Frank Gehry, Norman Foster e Renzo Piano – além dos

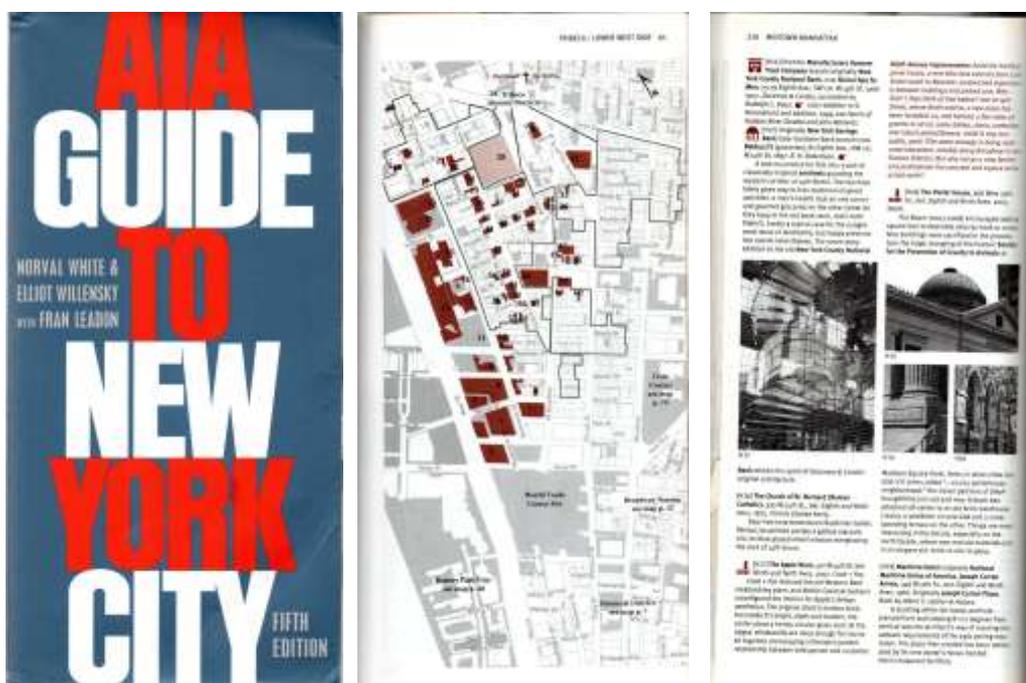
⁶⁷ Atualmente somam 94.000 associados distribuídos por 200 comitês regionais localizados também nos continentes europeu, asiático e no Oriente Médio.

⁶⁸ As datas das edições se referem àquelas encontradas em sites de compras *online*. A sexta edição do guia de Washington será lançada ainda no ano de 2022.

itens que constavam das edições anteriores, revistos para esse livro. Um verbete especial, de quatro páginas, dedica-se a mostrar as ações em curso para a área do World Trade Center em substituição às torres destruídas no atentado terrorista de 11 de Setembro de 2001.

Suas características gráficas – o tipo de papel,⁶⁹ encadernação, orelha alongada – facilitam o manuseio durante a consulta, apesar do peso de 1.200g. No aspecto visual, o uso de uma cor especial na impressão, com nível de contraste efetivo, garante a legibilidade dos textos e das informações lançadas nos mapas.

Figura 44 – AIA Guide to New York City | capa, mapa, página de miolo



Legenda: Capa, uma página com o mapa de abertura do roteiro, uma página que ilustra a utilização de recursos gráficos: cor especial e simbologia. A legenda das imagens corresponde ao verbete e sua posição no mapa.

Fonte: AIA GUIDE TO NYC, 2010.

⁶⁹ O papel tem gramatura, não é espesso, em torno de 60g, mas, conforme explicado pela orientadora, o alto grau de colagem o torna impermeável impedindo que a mancha gráfica seja percebida entre frente e verso.

Figura 45 – AIA Guide to New York City | duas páginas no formato aberto



Legenda: A cor especial é aplicada nos ícones que identificam o período histórico de algumas construções e sua relevância para o patrimônio da cidade, em alguns verbetes especiais – itens demolidos, em risco ou jamais construídos –, em comentários no roteiro, na retícula sobre a imagem de edifícios desaparecidos e nos mapas.

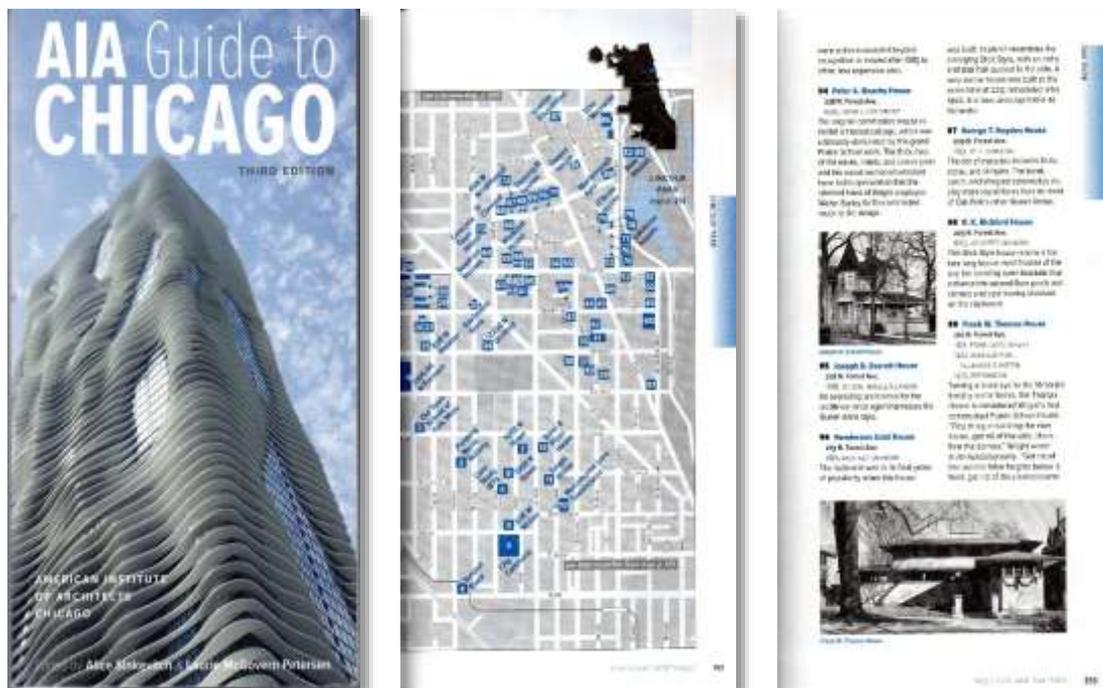
Fonte: AIA GUIDE TO NYC, 2010.

A publicação examinada para a cidade de Chicago é a terceira edição do guia originalmente lançado em 1993, como legado à realização do Congresso do AIA e da União Internacional de Arquitetos (UIA) que, naquele ano, aconteceu na cidade. O volume examinado contou com a colaboração da Chicago Architecture Foundation e com o Landmark Illinois que é uma organização sem fins lucrativos de promoção da vitalidade e visibilidade dos bens históricos desse estado americano. Como em vários guias de arquitetura análogos, o critério de inclusão dos edifícios está nas informações disponíveis sobre os edifícios que, no caso de Chicago, é decorrente do incêndio de grandes proporções que destruiu parte da cidade em 1871: os editores preferiram omitir os casos pouco documentados. Estão retratados edifícios históricos tanto quanto os de interesse arquitetônico. Entre os prédios projetados por Louis Sullivan, Daniel Burnham, Frank Lloyd Wright, Mies van der Rohe, conta também com uma categoria curiosa “what the heck is that”⁷⁰ para designar, como exemplo, o Chicago

⁷⁰ Em tradução livre: “que diabo é isso”. *AIA GUIDE TO CHICAGO*. Champaign (IL): University of Illinois, 2015, p. vii.

Metropolitan Correctional Center: um edifício triangular com janelas verticais com largura de 12,7cm (cinco polegadas).

Figura 46 – AIA Guide to Chicago | capa, mapa, página de miolo



Legenda: O mapa e uma página ilustram a utilização de cor especial para identificar o nome do edifício e aplicada numa faixa na borda lateral com o nome da região. A cor escolhida é próxima à cor do fundo da fotografia que ilustra a capa. Variações na tipografia são atribuídas aos itens das fichas técnicas.

Fonte: AIA GUIDE TO CHICAGO, 2015.

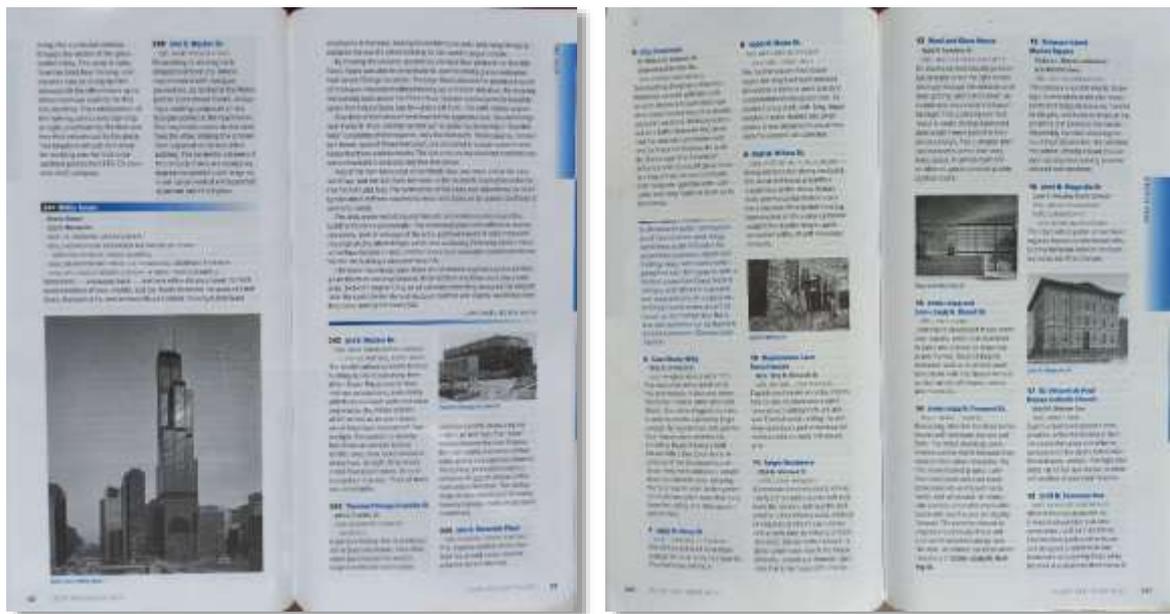
Figura 47 – AIA Guide to Chicago | lateral do livro



Legenda: Na borda lateral das páginas ímpares, uma faixa identifica o roteiro. Dispostas alternadamente, formam um desenho na lateral do livro que colabora para localizar o conteúdo desejado.

Fonte: AIA GUIDE TO CHICAGO, 2015.

Figura 48 – AIA Guide to Chicago | duas páginas no formato aberto



(a)

(b)

Legenda: *AIA Guide to Chicago* (2014). (a) página no formato aberto da página de abertura de capítulo com ensaio autoral assinado, em coluna única, e a sequência de verbetes em duas colunas. (b), destaque para um edifício importante com verbeta também assinado ocupando as duas colunas.

Fonte: AIA GUIDE TO CHICAGO, 2015.

2.1.4. The Campus Guide: Harvard University

A série, editada pela Princeton Architectural Press, conta com 33 títulos⁷¹ referentes a 27 faculdades, universidades e academias, de caráter privado, distribuídos principalmente na Costa Leste (Figura 49) e editados a partir de 1999. O guia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) também localizado em Cambridge, como Harvard, foi o único a lançar uma versão gratuita para aplicativo para *smartphone*, em junho de 2018.⁷²

⁷¹ Dados de novembro de 2019, conforme disponível em: <<https://twitter.com/papress/status/1199787279700631552>>.

⁷² Disponível para *download* em: <<https://appadvice.com/app/mit-campus-guide/1234068923>>. Acesso em: 22 maio 2022.

Figura 49 – Distribuição geográfica das instituições e imagem da coleção

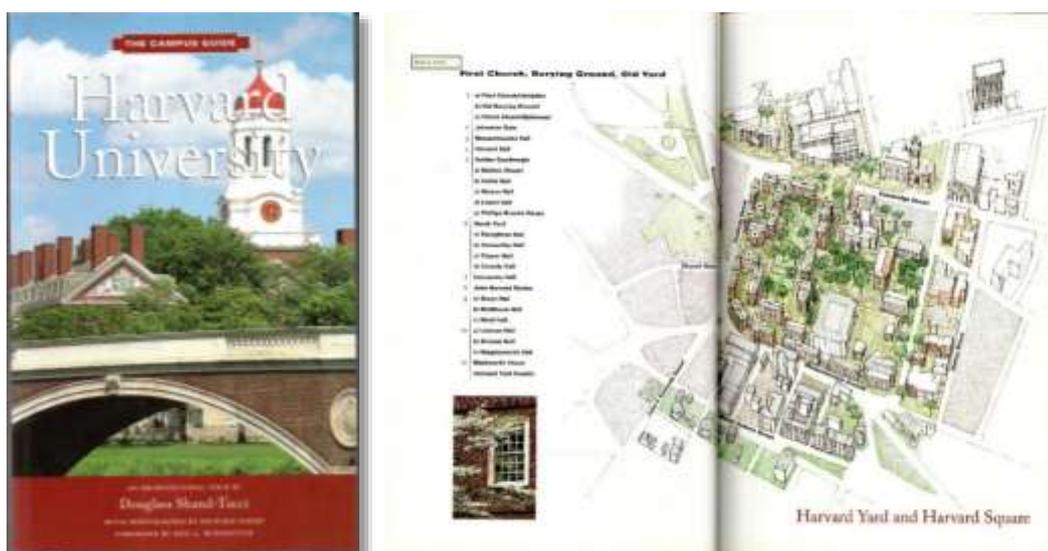


Legenda: Mapa dos EUA com a localização das instituições e abrangência da série. À direita, imagem das capas de divulgação da editora.

Fonte: (a) A autora, 2021, (b) <<https://twitter.com/papress/status/1199787279700631552>>.

O *campus* da Universidade de Harvard, localizado em Cambridge, nos arredores de Boston, é o mais antigo entre os demais instituídos a partir do século XVII. A definição de *campus* – um espaço delimitado, geralmente afastado do centro urbano, com características funcionais e simbólicas compartilhadas entre os edifícios – não é aplicada a essa instituição. Integram o “ambiente universitário” de Harvard conjuntos edificadas em ambas as margens do rio Charles e novas áreas de expansão, distribuídos em 12 roteiros.

Figura 50 – The Campus Guide | capa e página de abertura de roteiro



Legenda: A página de abertura dos roteiros tem um mapa em perspectiva, elaborado em desenho e aquarelado, e a lista das obras indexadas, à esquerda da página.

Fonte: THE CAMPUS GUIDE, 2001.

A estrutura visual do volume examinado tem página de abertura de roteiro com um mapa representado em desenho, os edifícios em perspectiva, rotulados com o número do verbete. Os textos dos verbetes são maiores que dos outros exemplares do *corpus* de pesquisa e abordam tanto o aspecto histórico quanto social. A aplicação de itálico ou negrito e diferente tamanho da fonte no texto da ficha técnica garante a legibilidade.

Figura 51 – The Campus Guide | aspecto da estrutura visual interna



Legenda: A ênfase tipográfica (tamanho de fonte, negrito e itálico) é aplicada nos elementos da ficha técnica, hierarquizando os dados. Na lateral direita da página ímpar, uma faixa indica o roteiro.

Fonte: THE CAMPUS GUIDE, 2001.

Figura 52 – The Campus Guide | índice dos roteiros



Legenda: Na borda lateral das páginas ímpares, uma faixa com cores diferentes para cada roteiro é percebida como um indexador do roteiro no volume.

Fonte: THE CAMPUS GUIDE, 2001.

A produção seriada configura um nicho de produção sistematizada tanto no aspecto da preparação de conteúdo, quanto no sequenciamento de atividades, na

mobilização de equipes de profissionais – designers, fotógrafos entre outros – compartilhando o mesmo projeto editorial e meios de execução gráfica. Cada cidade ou local, entretanto, tende a ganhar uma expressão própria, como visto nos exemplos examinados. Se tal empreendimento parece estar consolidado na Europa e na América do Norte, no Brasil ainda há muito o que fazer. O único exemplo, da editora Viana e Mosley, infelizmente descontinuado mesmo que modesto, hoje é um documento histórico.

2.2. Publicações autônomas

Neste tópico, serão descritas as características gráficas e editoriais de iniciativas realizadas de forma autônoma que compartilham a estrutura e alguns parâmetros projetuais, mas estão adequadas à individualidade das cidades retratadas e aos recursos disponíveis, diferentemente dos livros que integram séries tratadas no capítulo 2.1 (p. 69). Foram selecionadas para análise três publicações para cidades da América Latina — Cidade do México; Quito, no Equador, e Buenos Aires, na Argentina —, Lisboa, em Portugal e duas cidades brasileiras — São Luís, no Maranhão e a capital São Paulo.

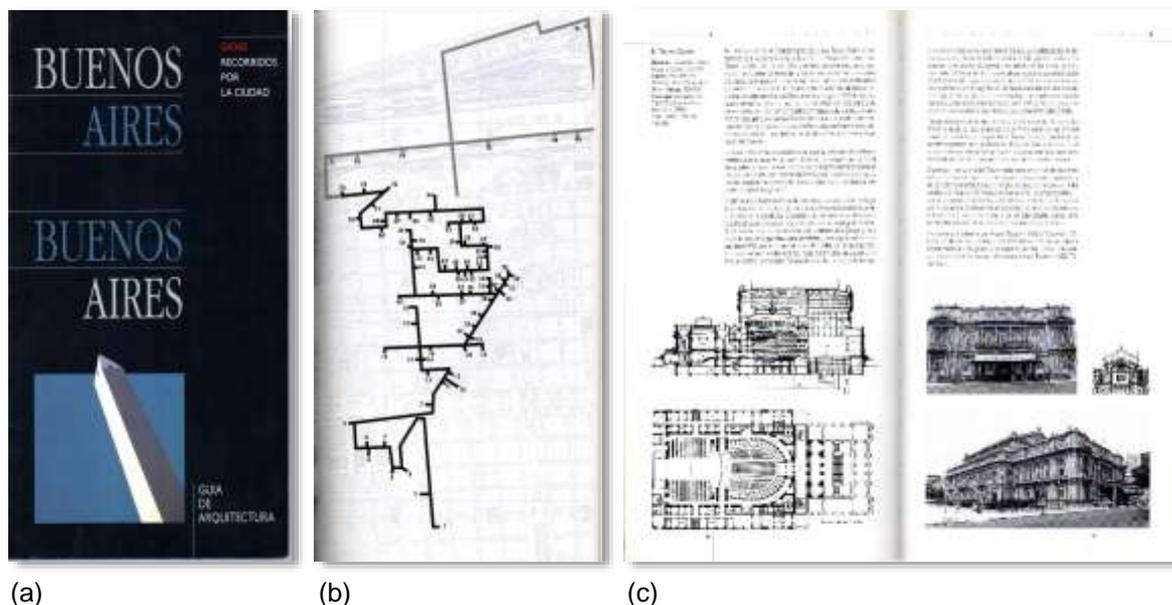
Os guias da arquitetura para as cidades de São Luís e Buenos Aires foram realizadas no âmbito de um programa de cooperação com a Junta da Andaluzia, na Espanha, mas tal fato não determinou qualquer semelhança entre as edições, como será explicitado a seguir. A editora comercial é a proponente dos guias para Quito, São Paulo e Brasília, enquanto o guia para a Cidade do México foi publicado sob os auspícios do fundo cultural do Banco Nacional do México, Banamex.⁷³

⁷³ O Fomento Cultural Banamex é uma organização sem fins lucrativos cuja missão é promover o investimento no desenvolvimento cultural, bem como promover, preservar e divulgar a cultura mexicana. Disponível em: <<https://fomentoculturalbanamex.org/quienes-somos/>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

2.2.1. Buenos Aires Recorridos

A publicação foi concebida em cooperação entre o governo da cidade de Buenos Aires e a Junta da Andaluzia – Conselho de Obras Públicas e Transporte; um intercâmbio de duas cidades portuárias: Sevilha e Buenos Aires. O volume examinado é a segunda edição e, segundo seus autores, não deve ser considerado um inventário ou um catálogo senão uma seleção de obras arquitetônicas portenhas, com obras que representam um período e um determinado lugar. O guia está dividido em oito passeios (*recorridos*), apresentados por um texto e um mapa que assinala o percurso sugerido com o número de cada verbete em sequência sobre a base cartográfica rebaixada. Concluindo cada capítulo, indicações turísticas como restaurantes, livrarias, galerias e centros culturais.

Figura 53 – Buenos Aires Recorridos | capa, mapa e página no formato aberto



Legenda: O verbete do Teatro Colon, um dos mais importantes edifícios da cidade, ocupa página dupla (c). Duas fotografias externas e desenhos (planta, cortes) complementam a informação textual.

Fonte: BUENOS AIRES, 1998.

Um aspecto relevante nessa publicação, que reflete uma escolha editorial e uma solução gráfica adequada, é que nem todos os edifícios elencados nos roteiros têm um verbete. A Figura 54 ilustra uma página no formato aberto que acomoda nas

colunas externas as fichas técnicas⁷⁴ numeradas sequencialmente, e nas colunas internas são distribuídas as informações textuais e ilustrações relativas apenas ao edifício identificado com realce de tonalidade.

Figura 54 – Buenos Aires Recorridos | página aberta da seção de verbetes



Legenda: Nas colunas laterais externas, o nome e a ficha técnica dos edifícios no roteiro. As três cores diferentes circundam os três verbetes deste exemplo, com informações textuais e ilustrações – fotografias e desenhos.

Fonte: BUENOS AIRES, 1998.

2.2.2. Catálogo Guía de Arquitectura Contemporánea: Ciudad de México

Publicado em 1993 na Cidade do México, a edição apresenta, por meio de uma resenha e fotografia, 165 construções realizadas ao longo do século XX. Um desenho

⁷⁴ Os dados para cada edifício podem variar. Além do nome e o endereço, pode conter: autor(es), data(s), uso original, construtores, obras de arte e paisagismo.

complementa o verbete dos edifícios mais importantes, segundo informa seus autores: Louise Noelle, importante estudiosa da arquitetura moderna e contemporânea do país, e Carlos Tejada, editor e produtor. Foi realizada no âmbito das iniciativas culturais promovidas pela instituição sem fins lucrativos – Fomento Cultural Banamex.

Figura 55 – Catálogo Guia Ciudad de México | capa e mapa



Fonte: NOELLE e TEJADA, 1993.

Os verbetes são numerados sequencialmente, conforme uma ordem cronológica – de 1923 a 1989 –, e dezesseis mapas, identificados por letras – de A a P – localizam os itens na malha urbana. Essa forma de organização, única entre os exemplares do *corpus* de pesquisa, prioriza a linha do tempo da construção dos edifícios que os editores definiram como os mais significativos na cidade. Os mapas de localização apresentam alguma imprecisão por conta da escala de representação e carência de detalhes (Figura 55). Nesse caso, presume-se que os mapas funcionam mais como indicadores de localização na cidade do que como organizadores de passeios.

Figura 56 – Catálogo Guia Ciudad de México | páginas internas no formato aberto



Legenda: Exemplo de páginas no formato aberto. Mostra que a cor especial é utilizada na caixa e no fio que separa cada um dos verbetes e é aplicada reticulada sobre as fotografias. A informação de um verbete importante é complementada com um desenho. A sequência dos itens segue a ordem cronológica e podem estar localizados em mapas diferentes.

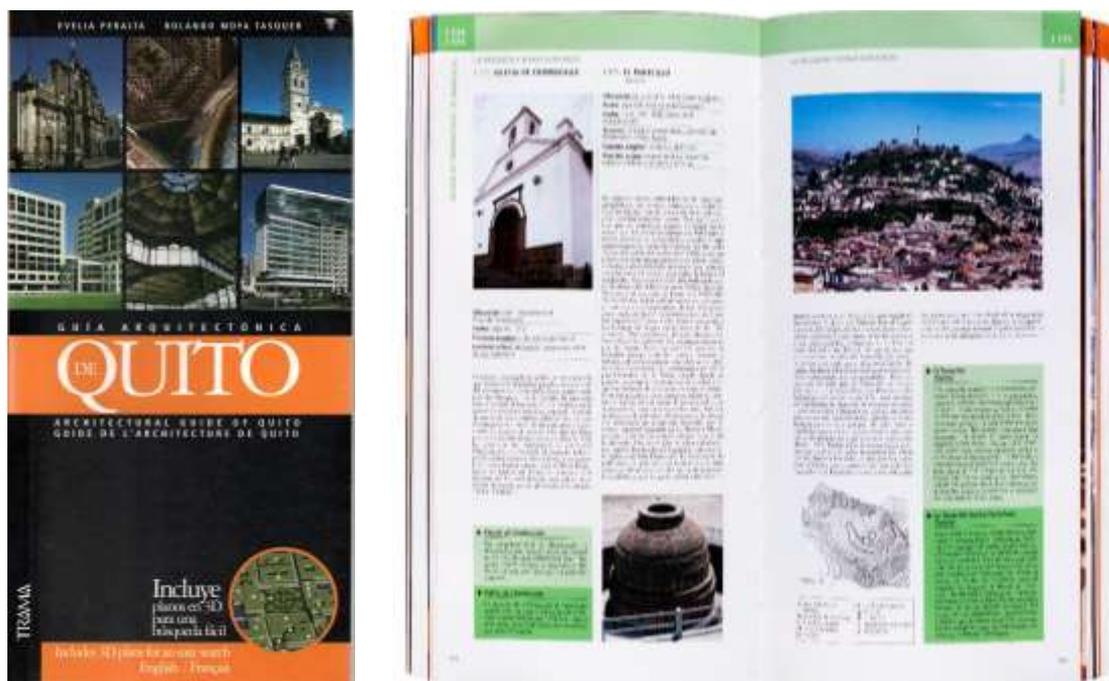
Fonte: NOELLE e TEJADA, 1993.

2.2.3. Guia Arquitectónica de Quito

O guia de arquitetura da cidade de Quito, capital do Equador, foi realizado pela editora Trama com a colaboração do Fondo de Salvamento del Patrimonio Cultural de Quito (Fonsal) e lançado em 2007. Seus autores, Evelia Peralta (1941-), pesquisadora, crítica de arquitetura e urbanismo e cofundadora da revista de arquitetura *Trama* em 1977 e Rómulo Moya Peralta (1964-), arquiteto, designer e diretor geral da editora Trama, cujos arquivos e acervo de entrevistas e editoriais sobre projetos e obras forneceram a base para elaboração da publicação.

O guia, impresso em policromia, é o único da amostra que, além do espanhol (língua oficial), conta com a versão reduzida do texto do verbete em inglês e francês integrando a diagramação da página (Figura 57). Na publicação, a cidade é dividida em quatro grandes áreas e conta com um quinto capítulo que atualiza a estrutura das antigas paróquias rurais dos séculos XVI e XVII, absorvidas pelas áreas urbana e metropolitana.

Figura 57 – Guia Arquitectónica de Quito | capa e páginas no formato aberto

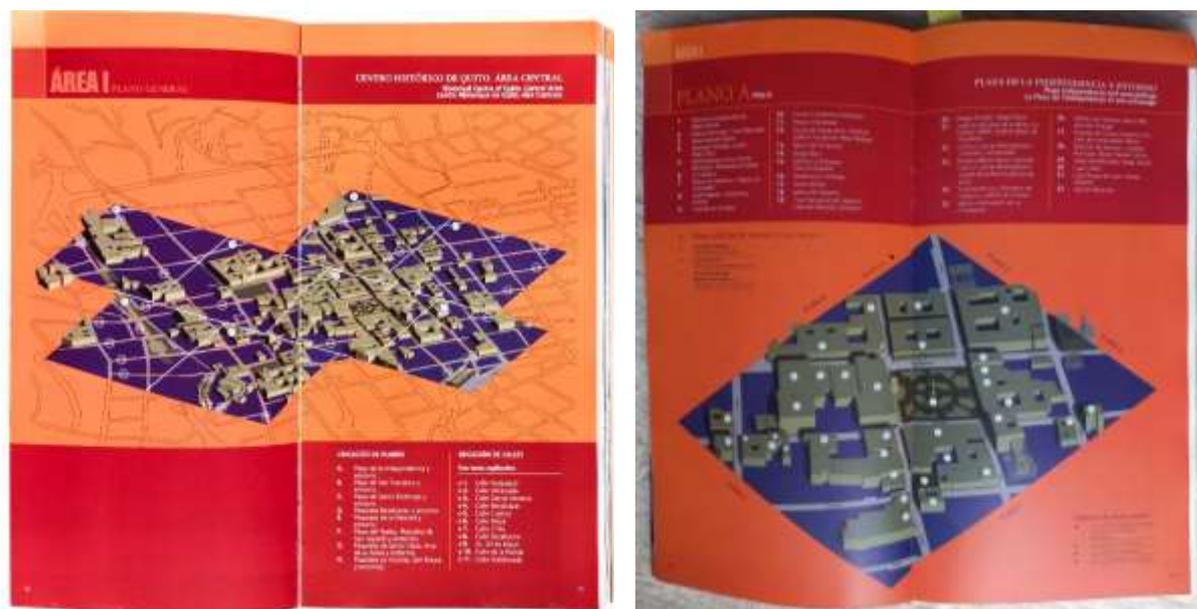


Legenda: O formato vertical, alongado, favorece a disposição dos verbetes em colunas verticais, separadas por um fio, como no caso da página par deste exemplo. Os dois tons de verde identificam o roteiro do exemplo e são aplicadas como fundo dos boxes onde são inseridas as versões reduzidas do texto do verbete em inglês e francês.

Fonte: PERALTA e TASQUER, 2007.

Apesar da excepcional qualidade gráfica do impresso, dois aspectos merecem críticas/ressalvas: a primeira é seu peso, devido ao papel encorpado, que dificulta o transporte. A capa com orelha alongada, confeccionada em cartão espesso que lhe garante a durabilidade, pode induzir que o uso da publicação é apropriado para uma consulta estática, mais imersiva, e não no passeio pela cidade. Outro aspecto, questionável quanto à legibilidade da solução gráfica adotada, está nos mapas elaborados para a representação do trecho da cidade e tratamento das informações necessárias para orientação do visitante (Figura 58). Os edifícios são representados em 3D (volumes perspectivados), posicionados sobre o recorte geográfico (ou área de abrangência do roteiro) sobreposto ao plano da cidade.

Figura 58 – Guia Arquitectónica de Quito | aspecto visual dos mapas



(a)

(b)

Legenda: (a) Página dupla com o mapa de articulação dos oitos planos da Área I que corresponde à área central do Centro Histórico. (b) Cada uma das grandes áreas contém planos menores, detalhados ao longo dos capítulos.

Fonte: PERALTA e TASQUER, 2007.

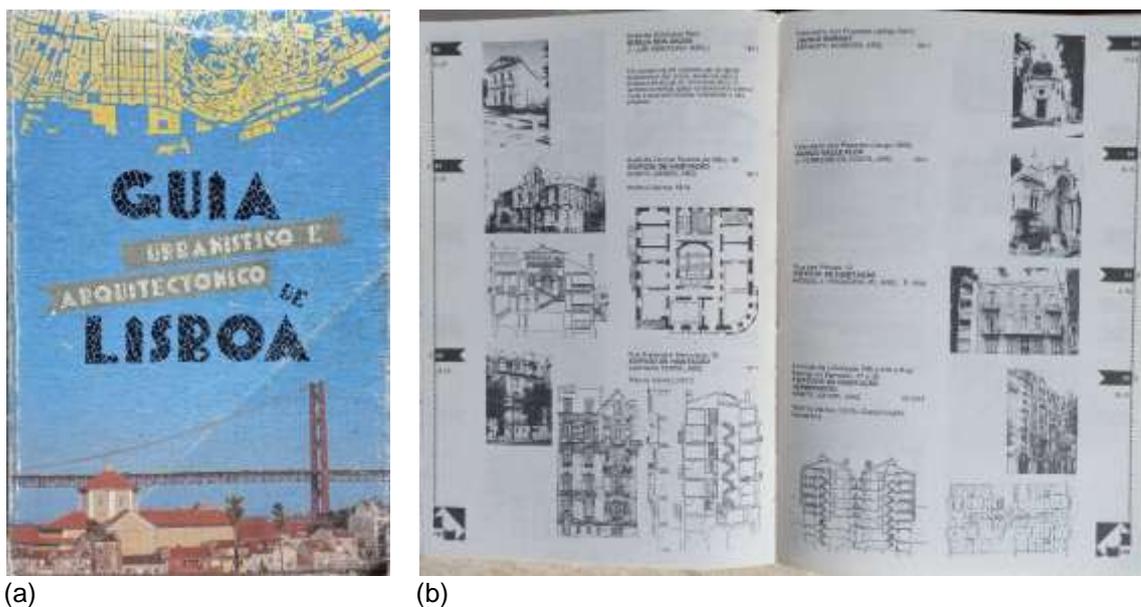
2.2.4. Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa

Essa publicação foi o primeiro guia de arquitetura editado para a cidade de Lisboa e lançado em 1987. Foi o resultado de um trabalho iniciado em 1978 por iniciativa da Associação de Arquitetos Portugueses (AAP) com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e o Instituto Português do Patrimônio Cultural. A apresentação do livro ressalta a importância da AAP na “investigação e edição — tradição iniciada com uma obra pioneira realizada nos anos 50 e 60, a *Arquitetura Popular em Portugal*”⁷⁵ (FERREIRA, 1987, p. 8). Abrange todo o período de

⁷⁵ O *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* foi uma pesquisa importante organizada pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, realizada entre 1955 e 1961, com o objetivo de catalogar a arquitetura vernacular no território português. A primeira edição do livro com os resultados desse trabalho, com o título de *Arquitetura Popular em Portugal*, foi em 1961, reeditada posteriormente pela Associação de Arquitetos Portugueses, em 1980 e em 1988. Uma 4ª edição, de 2004, foi lançada sob responsabilidade da Ordem de Arquitetos. Para saber mais: <<https://doi.org/10.4000/etnografica.10073>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

construção da cidade por meio da apresentação de fichas sucintas de cerca de 600 itens entre edifícios e conjuntos arquitetônicos ou urbanísticos, organizados em cinco setores.

Figura 59 – Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa | capa e página no formato aberto



Legenda: A mancha gráfica é delimitada por duas linhas laterais pontilhadas que ancoram os códigos alfanuméricos.

Fonte: FERREIRA, 1987.

Destacam-se dois aspectos nessa publicação: os marcadores com codificação dos verbetes e a representação cartográfica. Em relação ao primeiro quesito, os verbetes são numerados sequencialmente por setores, reiniciando a cada capítulo. Essa numeração indica a posição cronológica do item naquele setor e está inserida num marcador ancorado na linha pontilhada, externa (Figura 59b).

Figura 60 – Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa | detalhe do verbete

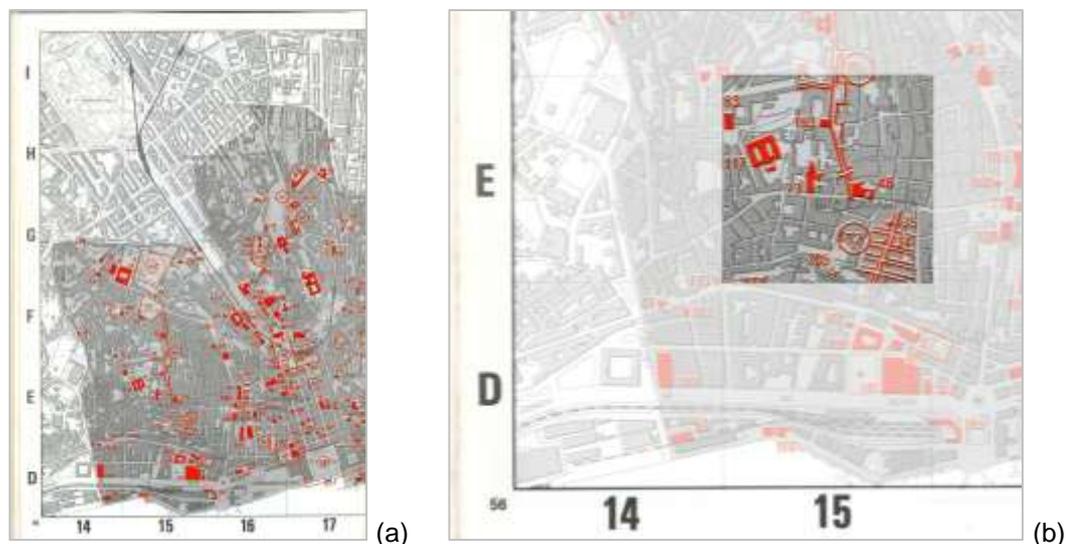


Legenda: Integra a ficha técnica pelo menos um elemento gráfico – fotografia ou desenho – e alguns itens têm um pequeno texto, como este exemplo. Complementa a informação, os eventuais prêmios como o Valmor que é atribuído, desde 1898, para edifícios de grande qualidade arquitetónica.

Fonte: A autora sobre recorte da p. 133.

Os mapas do guia (Figura 61) são divididos em quadrantes cartográficos com sistema indexador de coordenadas alfanuméricas. A área de abrangência do capítulo tem destaque pela tonalidade reticulada aplicada ao plano e o polígono dos edifícios são realçados com uma retícula de cor especial e numerados. Para representar um elemento urbanístico (um conjunto de edifícios, um parque público ou um traçado histórico), os algarismos de identificação estão inseridos num círculo bem como a área delimitada por um fio.

Figura 61 – Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa | representação cartográfica e sistema de localização



Legenda: (a) Trecho do mapa do setor 1; (b) detalhe do quadrante E-15. Os verbetes dos setores são numerados por ordem cronológica e, em um mesmo quadrante, podem figurar edifícios de períodos diferentes. No caso deste exemplo, do verbete 32 (Calçada da Bica Grande do período pré-pombalino), ao 163 (Antigas instalações do jornal *O Século*, de 1913).

Fonte: (a) FERREIRA, 1987. (b) Elaboração da autora sobre mapa da p. 56.

No final da publicação, há a versão, em inglês e em francês, do texto de introdução além dos índices e referências bibliográficas.

2.2.5. São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara

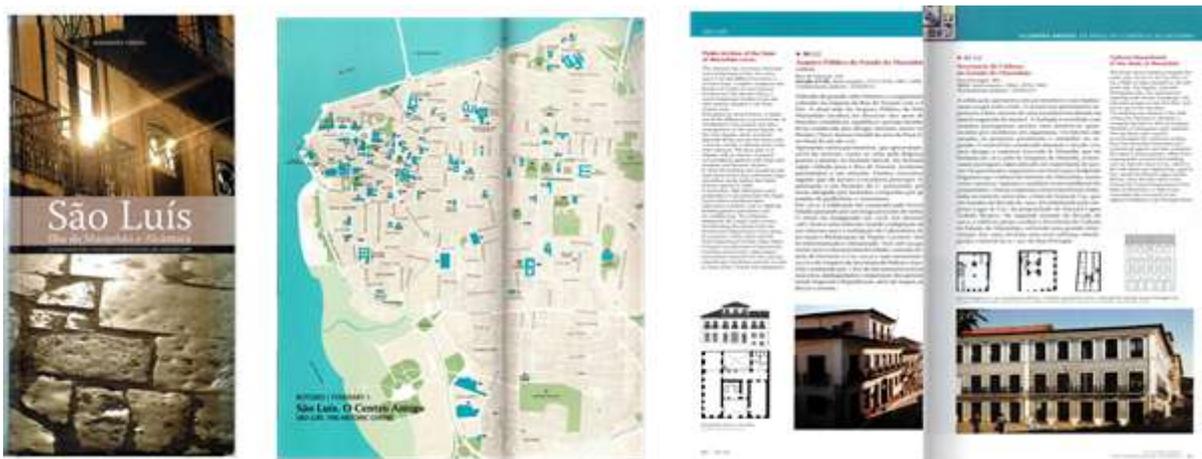
A publicação *São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara* foi realizada sob “ampla base institucional” que envolveu a Prefeitura da Cidade e a Fundação Municipal do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Luís (FUMPH) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), como autores, e a Junta da Andaluzia como editor,⁷⁶ na vigência de um Protocolo de Colaboração entre os governos do Brasil e Espanha. Destaca-se pela qualidade gráfica – tratamento de imagens, impressão e acabamento – e quantidade de texto e fotografias proporcionalmente maiores, se comparada a outras da amostra. No prefácio da edição consultada, o editor apresenta o

⁷⁶ A Junta da Andaluzia figura como colaborador da publicação *Buenos Aires Recorridos*, tratada no capítulo 2.2.1, p. 85.

volume como o primeiro de uma coleção no Brasil. Entretanto, não foi possível verificar se, de fato, ocorreram tais desdobramentos, mas podemos afirmar algo sobre o imaginário estrangeiro: a interpretação simbólica da realidade do patrimônio construído de São Luís se faz por meio de grande esforço documental e expressivo aporte financeiro. A edição luxuosa, impressa em Madri, tem capa dura e um mapa destacável.

A cidade foi reconhecida como Patrimônio Cultural Mundial pela Unesco, em 1997, e o livro foi concebido com o objetivo de difundir os valores urbanos, arquitetônicos, paisagísticos e culturais da cidade e seu território. É dividido em cinco roteiros, quatro textos introdutórios sobre a história urbana e arquitetônica e sete textos, após os roteiros, com “temas maranhenses”, a saber: as embarcações do Maranhão, fotografia histórica, religiosidade, folclore e culinária, entre outros.

Figura 62 – Guia de São Luís | capa, mapa e página de verbete



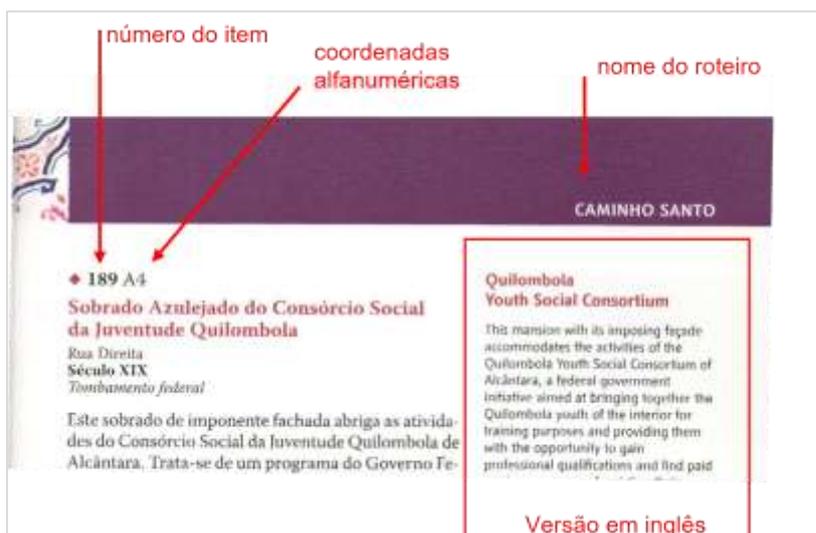
Legenda: Nos mapas dos roteiros, a utilização do contraste entre as cores aplicadas às quadras do tecido urbano, áreas de praças e projeção dos edifícios torna legível toda a informação textual aplicada sobre a imagem. A estrutura gráfica das páginas internas é composta por duas colunas: a mais estreita, na borda externa, acomoda a versão em inglês.

Fonte: SÃO LUÍS, ILHA DO MARANHÃO E ALCÂNTARA, 2008.

Todos os desenhos utilizados para complementar os verbetes apresentam unidade gráfica e são bastante legíveis: o peso e a espessura das linhas são adequados à escala da representação.

A cor aplicada na faixa na borda superior é utilizada para identificar cada um dos roteiros. O vermelho destaca o nome do verbete e preenche um símbolo que assinala os códigos alfanuméricos de referência cartográfica.

Figura 63 – Guia de São Luís | recursos visuais para tratamento da informação



Legenda: Trecho de uma página ímpar mostrando a solução gráfica e o uso de diferentes variações da mesma fonte para criar hierarquia das informações técnicas. O projeto gráfico, em duas colunas, organiza o texto principal na coluna interna, mais larga, e a versão em inglês na coluna mais estreita. Elaboração da autora, 2022.

Fonte: A autora sobre recorte da p. 375.

2.2.6. Um guia de arquitetura de São Paulo

Trata-se de uma coedição da Escola da Cidade e a editora WMF Martins Fontes e foi organizada por Fábio Valentim (1972-), arquiteto, professor e coordenador do selo editorial Escola da Cidade desde 2012. Abrange o período de 1925 a 2018 e o exemplar examinado é a segunda tiragem (2021) da primeira edição de 2019. Caracteriza-se, portanto, como a obra impressa mais recente incluída no *corpus* de pesquisa.

Um ensaio fotográfico de Lalo de Almeida (1970-), fotojornalista renomado, introduz o argumento principal: doze percursos e 124 projetos selecionados nas áreas centrais, zonas periféricas e municípios vizinhos. Esse espriamento na escolha dos itens visa à compreensão da cidade na “complexidade da escala e sua diversidade”.

Figura 64 – Um Guia de Arquitetura de São Paulo | capa e mapa



Legenda: A quadrícula sobreposta ao mapa, segundo informado, representa 1 x 1 km em todas as plantas e, desse modo, auxilia na percepção das distâncias entre os pontos assinalados.

Fonte: VALENTIM, 2019.

De pequeno formato, 12 X 17 cm, cada verbete pode ocupar duas ou mais duplas de páginas, sempre começando nas páginas pares. A separação entre os roteiros é feita por uma página índice e texto de apresentação (Figura 65a), seguida do mapa da região. Os textos dos verbetes são assinados por 14 autores arquitetos e cujas notas biográficas foram incluídas no final, informando que a maioria é de professores da própria Escola da Cidade.

Figura 65 – Um Guia de Arquitetura de São Paulo | duas páginas de miolo



(a)

(b)

Legenda: Páginas no formato aberto: (a) abertura de roteiro com índice dos edifícios retratados; (b) um verbete com texto em duas colunas e imagem.

Fonte: VALENTIM, 2019.

Não há dúvidas de que essa publicação se encaixa na premissa relacionada ao gênero editorial da relação entre “um mapa e um conteúdo indexado” (ver p. 51), mas sua estrutura visual guarda semelhanças com um inventário de fichas (projeto editorial) e os parâmetros do projeto gráfico: o formato e o *grid* adequado ao volume de texto por verbete, a distribuição das imagens

Por meio do manuseio das publicações percebeu-se como os elementos do projeto editorial definem parâmetros do projeto gráfico ao contrário das séries tratadas no capítulo anterior (capítulo 2.1, p. 69) em que estruturas gráficas acomodam as diferentes narrativas (projeto editorial) propostas para as visitas.

O percurso histórico de cada uma das cidades ilustradas neste capítulo aponta para diferenças sociais e econômicas refletidas no patrimônio edificado. São Luís do Maranhão tem 1.200 prédios tombados ou tutelados de um total de 5.600 em toda a cidade, enquanto Lisboa tem vestígios de construções romanas e parte da cidade reconstruída após o terremoto de 1755. A Cidade do México e São Paulo tratam exclusivamente da arquitetura moderna e contemporânea enquanto o guia para a cidade capital do Equador, Quito, indica os registros do empreendimento colonial que demarcou o território – as paróquias rurais, muitas delas absorvidas na evolução da mancha urbana.

Esse grupo de publicações também exemplifica um dos personagens relacionados à literatura de viagem, como sugerido por Lira (2005):⁷⁷ o cicerone. São as instituições locais – públicas ou privadas como nos exemplos – que irão promover a cidade por meio de passeios, valorizando percursos com uma visão endógena.

Ao denominar como “publicações autônomas”, em que pesem as restrições de acesso a um número maior de exemplares físicos de guias de arquitetura, constatou-se que são experiências pontuais, baseadas em abordagens singulares de cada cidade, não constituindo procedimentos passíveis de adaptação para outras edições, conforme as estratégias editoriais apresentadas.

⁷⁷ Na literatura de viagem, dois gêneros tradicionais se destacam: o diário e o guia; e dois personagens: o viajante e o cicerone. In: LIRA, José Tavares Correia de. Naufrágio e galanteio: viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]*. 2005, v. 20, n. 57, p. 143-176. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092005000100009>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

2.3. Leituras sobre uma mesma cidade: os guias do Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro, por ter a antiga capital federal como uma de suas cidades, é o estado brasileiro com o maior número de bens tombados, portanto, reconhecidos como documentos da história urbana e social sob tutela para futuras gerações. O Iphan contabiliza 84 edificações tombadas e, além dessas, cinco outras são reconhecidas pela sua construção e pelas obras de arte integradas. O instituto reconhece também a relevância do patrimônio edificado, em função da qualidade dos projetos e do local de feitos históricos ocorridos na região. Por 197 anos, de 1763 a 1960, a cidade do Rio de Janeiro foi a capital do Brasil, reunindo em seu território tipologias construtivas e filiações artísticas que a distingue das outras capitais. Neste capítulo, ao agrupar os exemplares editados a partir de 1986, dois dos quais estive diretamente envolvida na realização, pretende-se verificar a possibilidade de compreender os elementos de uma cultura (identidade) e ter, nos guias, uma fonte para entender uma sociedade.

A empresa DOM Publishers publicou, em 2014, o *Architectural Guide Brazil*, com o qual não foi possível o acesso ao livro físico. Na versão disponível *online*, duas páginas foram capturadas, confirmando os parâmetros de projeto já encontrados nos volumes para as cidades de Viena e Veneza, analisados no tópico 2.1.1 (p. 71).

Figura 66 – Architectural Guide Brazil da editora DOM | páginas internas



Fonte: KIMMELL; TIGGEMANN; SANTA CECILIA, 2014.

2.3.1. Coleção Rio: Guia para uma história urbana

Arquitetura Colonial, Neoclássica, Eclética, *Art Nouveau*, Contemporânea e Rio Natureza são os seis volumes que compõem a coleção Rio: Guia para Uma História Urbana, conhecida como Coleção Rioarte ou Guias da Rioarte. Foram publicados na gestão do prefeito Júlio Coutinho (1980-1983) na Prefeitura do Rio de Janeiro e editados pela Fundação Rio,⁷⁸ vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura. A realização do projeto se deu no âmbito de um programa de pesquisas e atividades de proteção do meio ambiente urbano e paisagístico e de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade. Colaboraram para a seleção do conteúdo e texto histórico de abertura de cada volume, o arquiteto Alfredo Brito (1936-2015), o arquiteto paisagista José Tabacow (1945-), o historiador Mário Barata (1921-2007) e o paisagista Roberto Burle Marx (1909-1994), sob a coordenação das historiadoras da arte Giovanna Rosso del Brenna (1942-) e Irma Arestizábal (1940-2009).

Figura 67 – Coleção Rioarte



Fonte: COLEÇÃO RIO..., s.d.

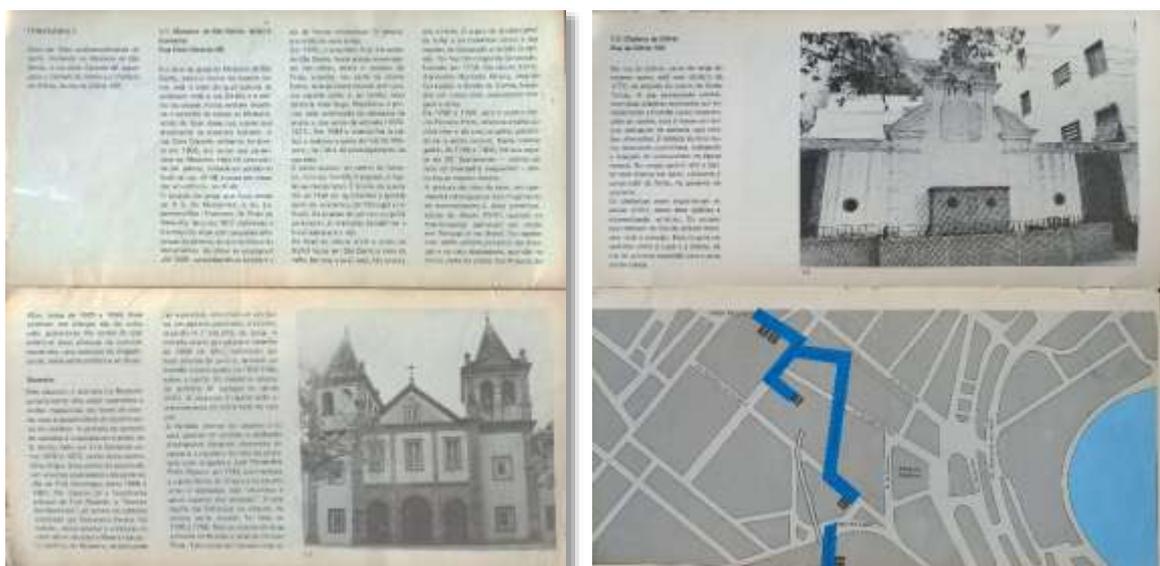
⁷⁸ A Fundação Rio, antecessora da Rioarte, foi criada em 1979, mas instituída apenas em 1984. Funcionou na Rua Rumânia, nº 20, no Cosme Velho, até 2006.

Os livretos, com 50 páginas em média, foram concebidos no formato alongado para a leitura horizontal, com texto distribuído em quatro colunas. Abrangem todo o período de história urbana do Rio de Janeiro, dividido por cinco correntes estilísticas e um volume dedicado ao paisagismo a à presença de elementos naturais: parques e praças, a floresta e a orla da cidade.

A divisão dos capítulos é por itinerário a ser percorrido a pé ou de carro conforme a abrangência geográfica: um pequeno texto dá a indicação sobre esses deslocamentos que não contêm mais que cinco itens para serem visitados em cada etapa. Cada verbete é identificado pelo nome e endereço. Todas as demais informações sobre a obra (datas e autores, por exemplo) estão descritas objetivamente no texto.

A Figura 68 mostra o aspecto visual das páginas e constata-se que não foi aplicado nenhum outro recurso gráfico e, por dedução, imagina-se que foram concebidos com caráter didático e de difusão cultural.

Figura 68 – Coleção Rioarte | páginas no formato aberto



Legenda: No formato horizontal, a estrutura em quatro colunas acomoda texto e imagens. A representação cartográfica é bastante simplificada para tornar evidente o percurso sugerido, indicado por cor diferenciada.

Fonte: COLEÇÃO RIO..., s.d. (Rio colonial).

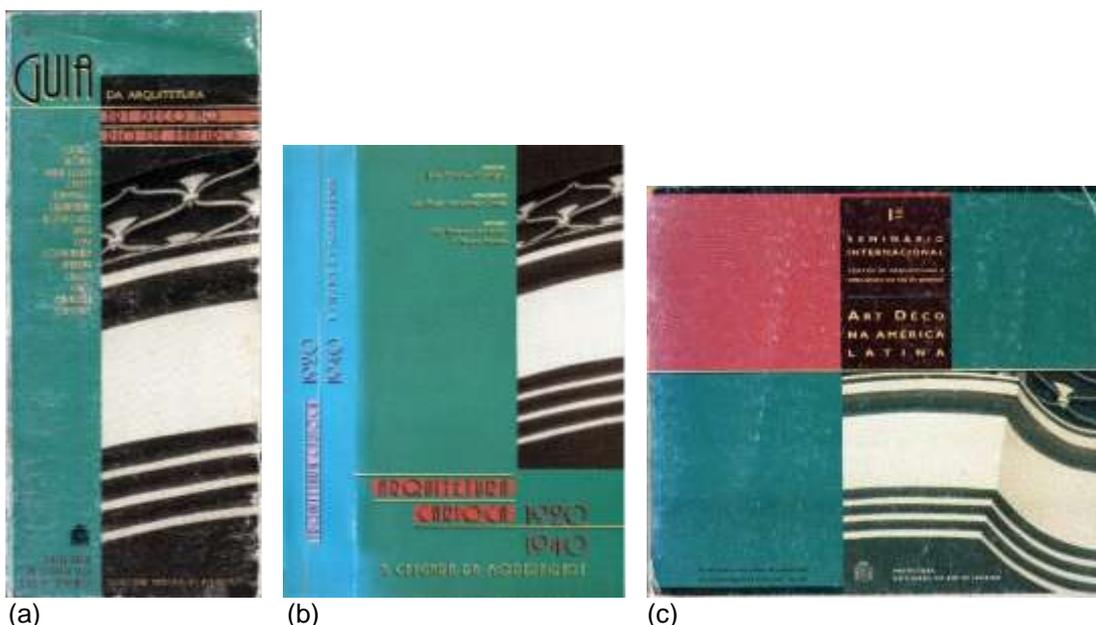
2.3.2. Coleção Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro

Neste tópico, busca-se, como recurso complementar à análise do artefato, resgatar e inscrever o processo de elaboração do *Guia da Arquitetura Art Déco* e seus desdobramentos, contemplando registros sobre a equipe profissional, dinâmicas de feitura de um guia de arquitetura na prática, direções gerais e especificidades, soluções técnicas e dificuldades no processo. Dessa lembrança, destaca-se a figura e a função do editor e, em paralelo, o desempenho nas tarefas coordenadas por mim: o planejamento físico e financeiro, a mobilização e controle de equipe de pesquisa e de redação e gestão da documentação, entre outras atividades.

A tarefa de editor, nessa primeira publicação, assim como os desdobramentos subsequentes, esteve sob o comando do Prof. Jorge Paul Czajkowski (1948-2010) que, entre 1994 e 1996, assessorava o então secretário municipal de Urbanismo, Luiz Paulo Conde (1934-2015), ambos professores e oriundos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da UFRJ.

Conde sugeriu a realização do I Seminário do Art Déco na América Latina que, de fato, aconteceu em maio de 1996, realizado no Hotel Copacabana Palace, reunindo pesquisadores de várias instituições brasileiras e estrangeiras. Coube à designer Ana Soter, da Soter Design, a identidade visual do evento e a materialização dos produtos: cartazes, crachás e folhetos, os anais do seminário e um guia da arquitetura *art déco* da cidade. Dos mil exemplares impressos na ocasião, parte foi distribuída entre os participantes do seminário (cerca de 400 inscritos) e o restante encaminhado para bibliotecas e para os síndicos responsáveis pelos edifícios listados. Foi editado, também, um vídeo com roteiro de João Emanuel Carneiro (1970-) e do arquiteto Mauro Almada sob direção do primeiro: *Arquitetura carioca 1920-1940: a chegada da modernidade*.

Figura 69 – I Seminário do Art Déco na América Latina | peças gráficas



Legenda: Produtos elaborados por ocasião do I Seminário do Art Déco na América Latina, em 1996. (a) o Guia da Arquitetura, (b) estojo do vídeo e (c) Anais do seminário, distribuídos aos participantes durante o evento. Na capa do guia constavam os nomes dos bairros contemplados nos roteiros de visita.

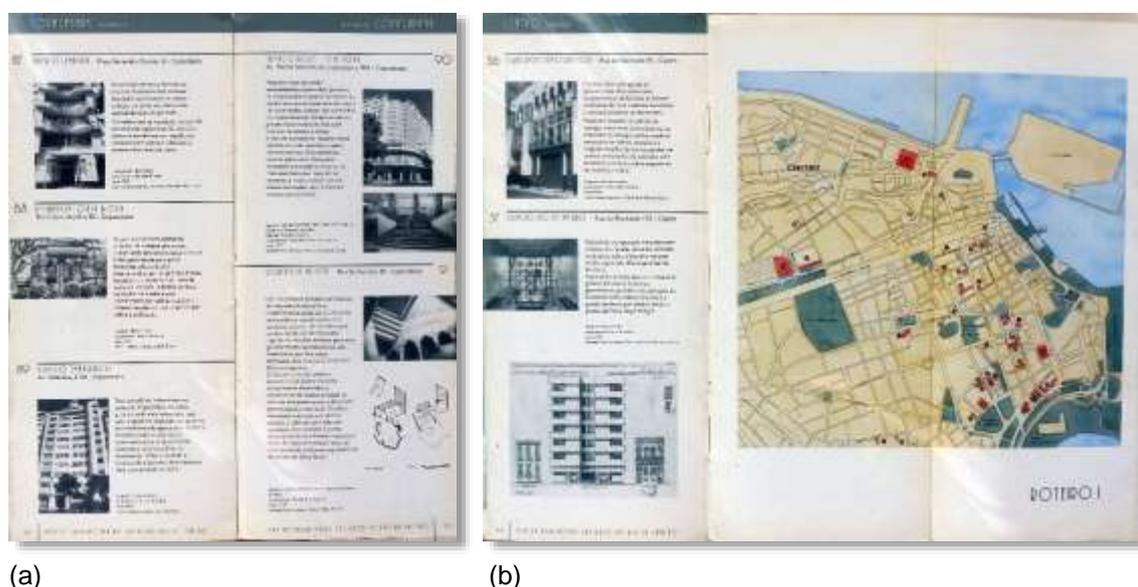
Fonte: CZAJKOWSKI, 2000c.

Na etapa de pré-produção, a equipe de pesquisa, desenho e redação de verbetes, formada por oito profissionais entre arquitetos, historiadores e uma geógrafa, elaborou um volume original, encadernado, que reunia todo o conteúdo a ser editado graficamente. O acesso a arquivos de plantas e projetos e acervos documentais de várias instituições da cidade foi crucial para o resgate de informações e de imagens históricas sobre os edifícios.

Para a criação do conceito gráfico, elaborado em parceria entre a equipe coordenada pelo arquiteto Jorge Czajkowski e a designer designada para o trabalho, Ana Soter, buscou-se identificar que elementos poderiam demonstrar o espírito cosmopolita, as linhas escalonadas e aerodinâmicas – as *streamlines* –, características dos edifícios dos anos 1920-1940. Esse estilo está presente na orla da cidade, nos luxuosos edifícios de apartamentos avarandados, em monumentos, cinemas (muitos já desaparecidos), edifícios públicos e na estátua do Cristo Redentor. Uma imagem era emblemática: o detalhe dos balcões do edifício Biarritz, na praia do Flamengo. A seralheria artística e as ondulações em argamassa na cor creme “capturou” o verde como a segunda cor para os impressos relacionados à marca do seminário.

Cada verbete, documentado por dados cadastrais, informações históricas e textos curtos, adequava-se ao formato vertical, dividido em duas colunas, e teria, pelo menos, uma representação gráfica do objeto descrito: uma fotografia e um desenho. Todas as fotos foram feitas por uma então funcionária da Prefeitura, a arquiteta Vera Voto, sob orientação do coordenador do projeto. Algumas poucas substituições por imagens de acervo foram adotadas, seja por questões técnicas – como nos casos de edifícios em obras ou degradados ou porque os registros históricos colaboravam na leitura visual (Figura 70b).

Figura 70 – Guia da Arquitetura Art Déco | páginas internas com mapa desdobrável



Legenda: (a) Compõem a estrutura visual, os fios utilizados para separar os verbetes, a disposição em duas colunas e a aplicação de uma cor especial (verde). (b) Os mapas, desdobráveis, são costurados no miolo da publicação.

Fonte: CZAJKOWSKI, 2000d.

Para os mapas, o editor sugeriu que fossem desdobráveis e costurados no volume. Essa opção, cuja solução foi torná-los divisores dos capítulos, foi pensada para o usuário que caminha pela cidade e poderia manter a planta do roteiro aberta, mas presa ao corpo do livro, ao contrário de outros guias que trazem mapas encartados que, eventualmente, são perdidos. Os mapas-base foram elaborados sob a base cadastral oficial do município, posteriormente impressos em papel canson, aquarelados, digitalizados, recebendo, então, os nomes das ruas e demais códigos graças aos programas de edição gráfica (Figura 70b).

Uma segunda edição tomou forma, por meio de parceria com a editora Index, que seria, então, comercializada após a grande procura pelo volume editado em ocasião do seminário. Foi acrescida a versão em inglês que foi impressa em mais um caderno costurado no final.

Entre 1998 e 2000, foram preparados os originais dos outros três volumes que formariam a coleção de guias – o *Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica*; o *Guia da Arquitetura Eclética* e o *Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro*, lançada em 2001, em parceria com a editora Casa da Palavra. A obra podia ser adquirida em conjunto, acondicionada num estojo, ou separadamente.

Figura 71 – Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro



Legenda: Capas dos Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro: (a) Colonial, Neoclássica e Romântica; (b) Eclética; (c) Art Déco; (d) Moderna, lançados em 2001. Em relação à capa da primeira e segunda edição do *Guia Art Déco*, os nomes dos bairros foram substituídos pelos termos: arquitetura, engenharia, urbanismo, paisagismo e mobiliário urbano que anunciam a abrangência do conteúdo. O conjunto estabelece uma paleta cromática integrada por laranja, vinho, verde e azul, em contraste com fotografias em preto e branco, sendo levemente tonalizada de amarelo, no caso do volume *Art Déco*.

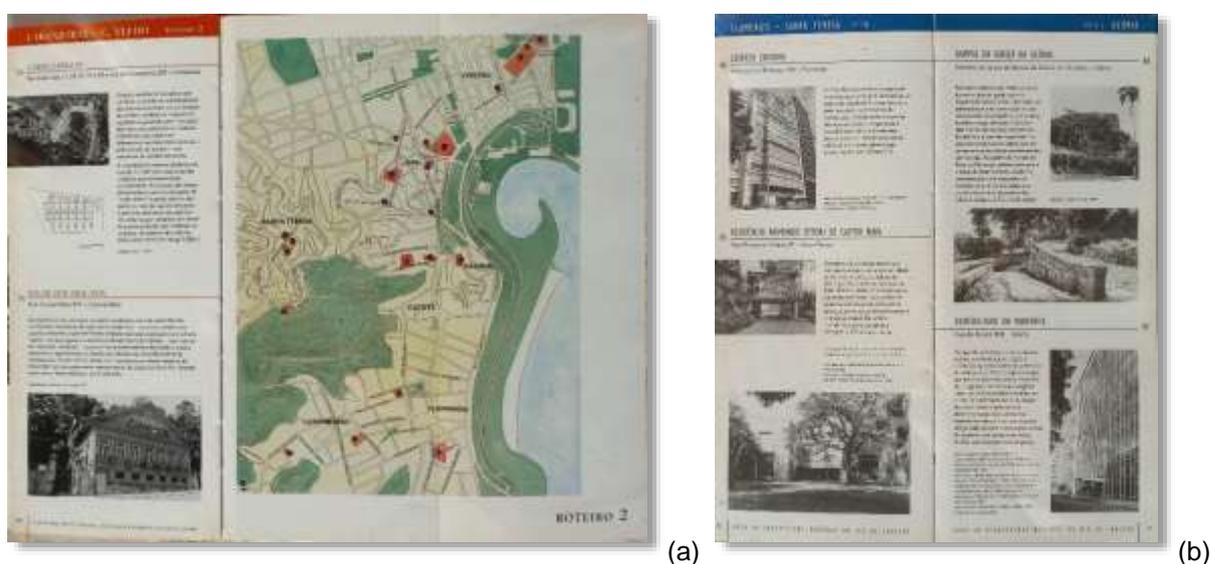
Fonte: CZAJKOWSKI, 2000a, b, c, d.

Um convênio com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da UFRJ viabilizou, entre 1997 e 2000, o trabalho de professores da instituição na curadoria, pesquisa de conteúdo e produção textual para os novos volumes. A designer Ana Soter, permanecendo frente aos trabalhos de edição gráfica, adaptou o novo conteúdo ao projeto elaborado para o *Guia Art Déco*. Os principais desafios foram: a manutenção do padrão da ficha técnica (pouca ou muita informação), a horizontalidade e escala das

imagens (edifícios de grande porte se comparados aos produzidos no período dos anos 1920-1940) e a irregularidade do tamanho dos textos dos verbetes: muito para informar sobre a Igreja e o Mosteiro de São Bento e “quase poema” para o bebedouro de animais, obra de 1858.⁷⁹

O aspecto visual interno não foi alterado, porém, para os demais guias da coleção, a segunda cor especial foi aplicada apenas nos elementos gráficos e não mais como retícula sobre as fotografias. Os mapas dos roteiros permaneceram em policromia CMKY.

Figura 72 – Guia da Arquitetura Colonial e Guia da Arquitetura Moderna | páginas internas



Legenda: (a) O texto do verbete passou a ocupar duas colunas, em alguns casos, para conter a amplitude horizontal das imagens dos edifícios desse período. Foi mantida a linguagem gráfica dos mapas aquarelados. (b) No *Guia da Arquitetura Moderna*, as plantas e os desenhos foram suprimidos.

Fonte: CZAJKOWSKI, 2000a, d.

Esse esforço, empreendido já no âmbito do Centro de Arquitetura e Urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro, inaugurado em 1996, somou-se a outras iniciativas desse período político (gestão do prefeito Luiz Paulo Conde) que, no campo da cultura arquitetônica e urbanística, Falbel conclui que

[...] a edição, no formato “dicionário”, dos quatro volumes do Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro [...] seguiu o mote que havia guiado os projetos de

⁷⁹ “Houve um tempo em que mesmo obras utilitárias como esta recebiam um tratamento artístico. Aqui, os equinos e bovinos saciavam a sede contemplando um frontão clássico, que marcava a presença da civilização à beira da estrada bucólica”. CZAJKOWSKI, 2000a, p. 110.

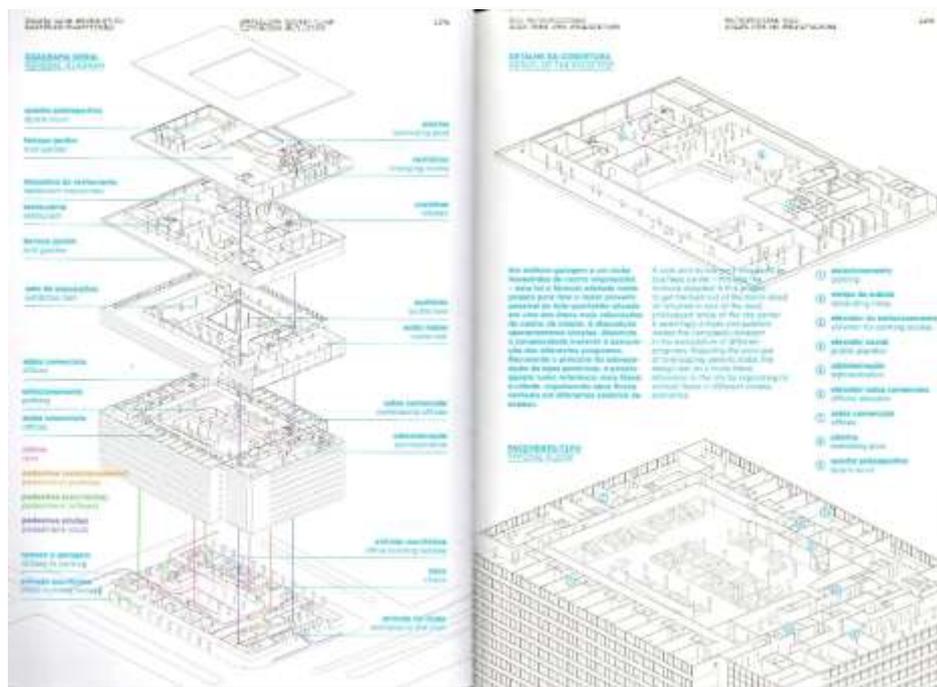
pesquisa de seus principais mentores, ou seja, a recuperação definitiva da visibilidade daquelas expressões arquitetônicas do século anterior e das primeiras décadas do século XX como parte da pluralidade cultural da cidade. (CABRAL e PARAIZO, 2018, p. 22-23).

2.3.3. Guia Rio Metropolitano

O guia *Rio Metropolitano* é o resultado de pesquisa acadêmica realizada no âmbito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e tem como público-alvo estudantes da arquitetura que, segundo seus autores, não dispõem de um conjunto de referências de projetos contemporâneos na cidade para que daí fossem extraídas “lições de arquitetura”.

Aos 28 locais a serem visitados, distribuídos em seis capítulos geográficos – da área central até o bairro de São Conrado –, foi atribuído um “índice de desempenho metropolitano”, representado por meio de um “gráfico em estrela” (Figura 74). Segundo um dos autores, o professor Guilherme Lassance, esse símbolo procurou dar conta da complexidade dos edifícios e da relação desses com a cidade, evitando um juízo estético. Optaram também pela representação em perspectiva na qual a fotografia mostra-se limitada para os propósitos comunicacionais: demonstrar a estrutura tridimensional do objeto arquitetônico ou a conformação paisagística do elemento urbano. Além da ficha técnica e de um texto, cada verbete contém alguns diagramas espaciais que revelam as superfícies internas dos pavimentos e suas funções (Figura 73). Cada desenho preenche o fundo e é sobreposto por textos indicativos ou descritivos. Uma terceira e quarta cor foram utilizadas para identificar o traçado relativo aos fluxos de pedestres e de automóveis.

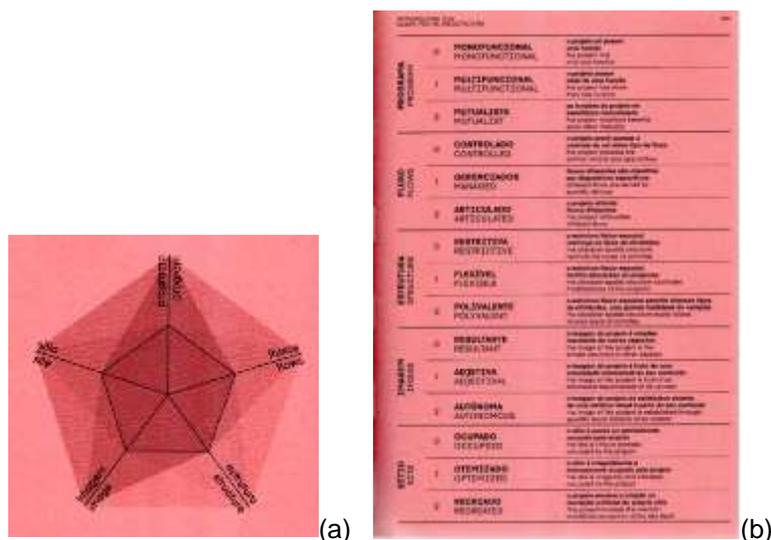
Figura 73 – Rio Metropolitano | aspecto visual da ilustração de um verbete



Legenda: Nas páginas pares, sobre a perspectiva explodida do edifício, a circulação de pedestres e de carros são indicados por cores e mostram a sobreposição de níveis e de usos. Nas páginas ímpares, é utilizada a transparência gráfica: sobre a perspectiva olho de pássaro, um texto explicativo e legenda para identificação da estrutura funcional. A edição bilíngue utiliza uma pequena variação tipográfica entre as versões.

Fonte: LASSANCE, 2012.

Figura 74 – Rio Metropolitano | codificação por índice de desempenho metropolitano



Legenda: (a) Sistema de coordenadas de cinco pontas ou gráfico estrela. Cada categoria de análise (programa, fluxo, estrutura, imagem e sítio) é representada por uma das hastes do sistema, graduada em relação a notas 0, 1 ou 2. Cada nota corresponde a valores cujos significados estão na tabela à direita (b).

Fonte: LASSANCE, 2012.

2.3.4. Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro

Após o lançamento da Coleção Guias da Arquitetura do Rio de Janeiro, em 2001, foram feitas algumas tentativas para reedição da publicação, tanto no formato impresso quanto digital. Estando à frente de tais projetos, vi o assunto ser viabilizado, em 2015, com a obtenção de recursos provenientes das leis de benefícios municipais que teve como proponente a editora Casa da Palavra que enxergou, na proximidade dos Jogos Olímpicos (2016), uma oportunidade para o lançamento visando à grande circulação de turistas na cidade.

Como idealizadora e organizadora de conteúdo, sugeri a convocação dos professores e pesquisadores envolvidos no trabalho da coleção anterior que também serviu de base para a criação de um banco de dados georreferenciados dos edifícios e respectivos metadados. Um conselho de conteúdo, composto por arquitetos e pesquisadores de arquitetura e urbanismo, foi estabelecido para escolha dos itens, definição de roteiros e aprovação dos verbetes elaborados por um time de redatores.

O principal parâmetro de projeto editorial foi a elaboração de um único volume, dividido por roteiros cuja abrangência deveria ir além da divisão administrativa da cidade, por bairros. A envoltória que define os roteiros, em formato livre, agrupa um conjunto de edificações, com alguma afinidade ou relação temporal ou tipológica, que pode ser descrita nos textos de introdução dos capítulos. Foi decidido também, na impossibilidade de representar as favelas, incluir um ensaio autoral sobre o tema como também uma reflexão sobre as intervenções na área portuária que, naquele momento, fomentavam as discussões políticas e culturais na cidade. Cada um dos integrantes do conselho de conteúdo escreveu um ensaio sobre um edifício ou local, da sua especialidade. Esses “verbetes especiais” – ensaios temáticos e verbetes assinados – receberam um destaque no tratamento gráfico da edição do volume.

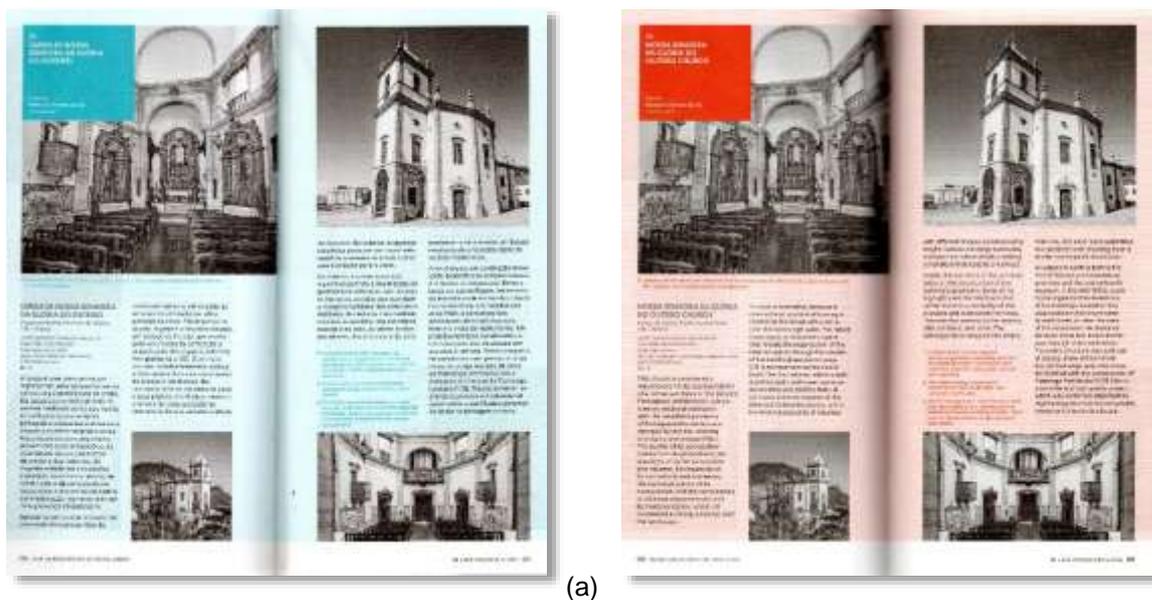
Figura 75 – Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro



Legenda: Capa, mapa e página dupla nas edições em português (acima) e em inglês (abaixo). Observa-se maior nitidez na versão em português, com o uso da cor especial azul, enquanto a versão em inglês diferencia-se pelos destaques na cor laranja.

Fonte: GUIA DA ARQUITETURA DO RIO DE JANEIRO, 2016.

Figura 76 – Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro | verbetes especiais



Legenda: Verbetes especiais, assinados, são distribuídos ao longo dos roteiros e recebem uma retícula de cor como fundo das páginas. Na imagem, a versão em português em azul, e a versão em inglês, laranja.

Fonte: GUIA DA ARQUITETURA DO RIO DE JANEIRO, 2016.

Não há dúvidas do destaque do Rio de Janeiro, em relação às demais cidades brasileiras, pelo conjunto de edificações que documentam a história da nação e por acolher, em seu território, obras de relevância para a arquitetura moderna e contemporânea. Considerando que poucas cidades no mundo receberam o título concedido pela Unesco de Patrimônio Cultural da Humanidade, atribuído em 2016, pela integração da paisagem natural com o ambiente construído, é nessa paisagem de inúmeras camadas sobrepostas que reside a identidade da cidade. Registramos que a natureza, com o sentido de antropização do ambiente natural, está presente no primeiro conjunto de guias e descrito e interpretado, em função da performance urbana, no *Guia Rio Metropolitano*. Desde a edição do primeiro guia de arquitetura, em 1986, as publicações subsequentes elegeram como locais a serem visitados listas cada vez mais abrangentes. A resignificação de espaços, na perspectiva decolonial, tem motivado atividades de visitação pública e circuitos com temáticas e leituras variadas do ambiente construído na cidade. Esse pequeno conjunto de guias, sujeitos a avaliação posterior quanto à(s) narrativa(s) e discursos, demonstra não só a evolução de técnicas gráficas e possibilidades do design da informação, mas também o processo de revisão e reinterpretção que ocorre nos livros e na cidade.

2.4. Abordagens originais

A cidade contém a arquitetura, mas também a banalidade, a desordem.

Gabriele Basilico

Nesta seção são examinados três exemplares que trazem uma visão peculiar das cidades de Tóquio, Veneza e Rio de Janeiro. O *Guida alla Architettura Minore* está entre as muitas publicações sobre a arquitetura da cidade italiana, mas que delas se distingue por revelar estruturas – do século XIII ao XVIII – nos seus aspectos estéticos e, principalmente, sociais. *Made in Tokyo*, ao contrário, representa a cidade contemporânea: as contradições, a apropriação de estruturas existentes por novos usos e a coexistência de funções, de moradores, usuários e de veículos. *An open atlas* propõe a representação das favelas cariocas como um exercício de desenho e de extração das estruturas formadoras desses territórios.

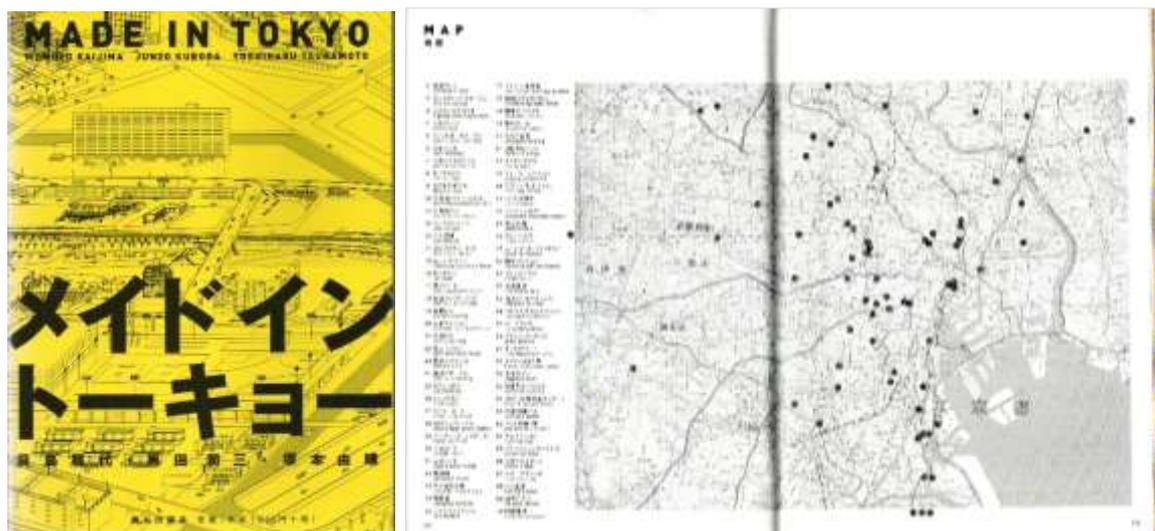
2.4.1. Made in Tokyo

Os autores Junzo Kuroda, Momoyo Kaijima e Yoshiharu Tsukamoto, arquitetos, do escritório Atelier Bow-Wow, com sede em Tóquio, fundado em 1992. São reconhecidos pela arquitetura doméstica e por se dedicarem à pesquisa. Entre elas, “Graphic anatomy”,⁸⁰ trata da ilustração (ou representação) da arquitetura, e a “Da-me Architecture” (no-good architecture), que deu origem a *Made in Tokyo*.

A publicação surgiu em 2001 como uma proposta alternativa para entender a natureza urbana da cidade, O volume examinado é a 16^o edição, lançada em 2019. Os autores advertem, no texto de apresentação do método de seleção e classificação das construções, que esse é um guia das coisas feias de Tóquio: estádios, estações, cápsulas e residências, estruturas multifuncionais – “*shameless spatial composition and functional combinations, unthinkable in the traditional European city*”. A edição não tem roteiros e os 70 edifícios estão dispostos sequencialmente sem qualquer relação aparente com um percurso ou proximidade geográfica na cidade.

⁸⁰ A pesquisa resultou na publicação *Tokyo: Bow: Wow – Graphic Anatomy*, 2007.

Figura 77 – Made in Tokyo | capa, mapa geral e formato aberto do verbete



(a)

(b)



(c)

(d)

Legenda: Para localização dos edifícios, o usuário dispõe de um mapa geral (b) e de um detalhe junto do texto em japonês. Cada verbete ocupa duas páginas no formato aberto e os textos são em japonês e em inglês. O diagrama do elemento construído, no centro da página par, as partes ou funções são rotuladas. As fotografias ocupam inteiramente as páginas ímpares, dispostas vertical ou horizontalmente.

Fonte: KAIJIMA, KURODA, TSUKAMOTO, 2019.

A informação textual sobre a construção – não há autores nem datas – é curta e organizada por itens. O título resume a função (o primeiro item) seguido da localização. Por exemplo, *apartamento station = train station + apartments + taxi garage*. O diagrama rotulado com as partes ou funções complementa a informação textual e, segundo os autores, registra as reflexões realizadas durante a investigação em campo.

2.4.2. Guida alla Venezia Minore

A primeira edição do *Guida alla Venezia Minore*⁸¹ foi em 1948, reeditado no formato de bolso em 1978 e 1981. Retrata 90 edifícios em 160 desenhos percorrendo dois dos seis “bairros” (*sestieri*) da cidade em busca da “arquitetura menor”, que não é aquela palaciana ou senhorial, mas que representa a maior parte edificada do território insular.

Egle Renata Trincanato (1910-1998),⁸² autora do guia, foi uma das primeiras mulheres a se tornar arquiteta pela Universidade de Veneza (IUAV). Arquiteta, urbanista, pesquisadora e estudiosa da forma urbana de Veneza, professora e projetista, publicou vários livros sobre a história da cidade, ilustrados com seus desenhos e aquarelas. A reedição foi considerada oportuna por representar um resgate de um patrimônio edificado que, na época, sofria com o abandono pelo esvaziamento econômico da cidade e pela preferência das famílias pela casa com o carro na garagem.

⁸¹ Tradução livre: Guia a Veneza Menor. O termo se refere aos conjuntos edificados, na maioria de uso residencial, que se contrapõem aos monumentos: “l’architettura maggiore”. Desse livro, há uma edição mais recente publicada pela Cierre Edizioni, de Verona, em 2008.

⁸² Para saber mais: <<http://architectuul.com/architect/egle-renata-trincanato>> e <<https://www.britishmuseum.org/collection/term/BLOG194772>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

Figura 78 – Guia alla Venezia Minore | capa, mapas e páginas internas



Legenda: (b) Os mapas oferecem uma indicação aproximada dos locais. (c) e (d) Os desenhos da autora assumem características diversas, de acordo com a necessidade (ou propósito) de comunicar algo sobre o edifício.

Fonte: TRINCANATO, 1981.

Essa publicação evoca os diários ilustrados ou cadernos de viagem que acompanham arquitetos em passeios deambulatórios pelos centros urbanos (ver tópico 1.1.1, p. 38). São desenhos de observação e de estudo, sem hierarquia na espessura das linhas, de fachada e volumetria, planta, corte e perspectiva interna e externa, e outros desenhos ilustrativos. Os textos são curtos, reduzidos às informações básicas de localização e comentários sobre a construção. Os mapas de localização são genéricos: os números dos verbetes, lançados sobre o polígono da cidade, indicam uma posição relativa no labirinto de vias que conformam o território.

2.4.3. A representação da cidade cinética — Informal Rooting: an open atlas

Em 2018, o arquiteto italiano Alessandro Tessari (1980-) concluiu os estudos de doutoramento com a tese “Informal rooting. Informal permanences in the contemporary city”.⁸³ Suas pesquisas tiveram como desdobramentos: a curadoria de uma exposição realizada em Veneza, em Bogotá e no Centro Carioca de Design, no Rio de Janeiro; um site (<<http://www.informalrooting.com/>>) e o projeto de uma publicação, não realizada: *Informal rooting*, que numa tradução livre é “enraizamento informal”. O subtítulo “um atlas⁸⁴ aberto” surge da ideia da construção de um método de observação que cataloga, com rigor, os espaços e objetos e os dispõem no espaço do livro.

Tessari procurou compreender os processos de instalação, estabilização, organização e reorganização daquele ambiente construído, conversando com moradores, interpretando e desenhando as construções de quatro favelas cariocas – Vila Canoas e Rocinha, ambas em São Conrado, Santa Marta, em Botafogo e do Complexo da Maré, localizada no bairro de mesmo nome. Em seus desenhos – representação gráfica dos intrincados níveis ajustados à topografia –, o autor torna evidente a complexidade e a singularidade do volume edificado confirmando a apropriação espacial de forma orgânica, fragmentária e em contínua mutação.^{85, 86}

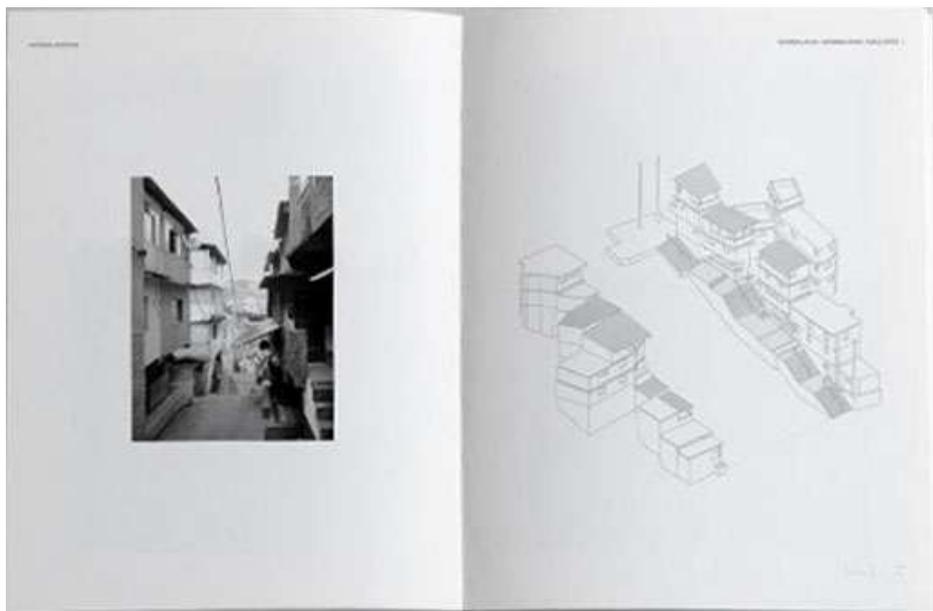
⁸³ O trabalho, realizado no âmbito do intercâmbio entre a Universidade de Veneza e o Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFRJ, teve orientação do Prof. Cristóvão Fernandes Duarte (Prourb/FAU/UFRJ) e do Prof. Alberto Ferlenga (IUAV); ganhou o Prêmio Anparq (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo), em 2018, na categoria tese.

⁸⁴ No *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [eletrônico], a definição de Atlas: 1. Livro de mapas geográficos. 2. Volume de ilustrações elucidativas de um texto ou de uma área do conhecimento (ex.: atlas de anatomia). Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/atlas>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

⁸⁵ Tal argumento também está presente nas políticas públicas que versam a promoção da regularização fundiária, realizada na forma de posse condominial onde é calculado um percentual da projeção da edificação no solo.

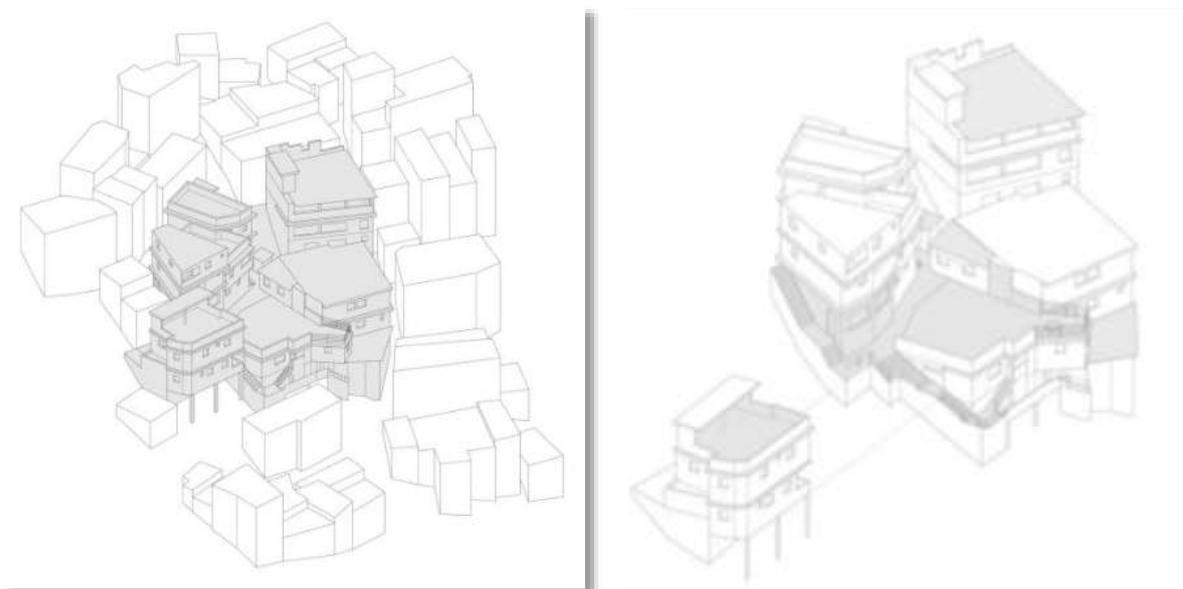
⁸⁶ Recomenda-se, para aprofundamento da questão, JACQUES, Paola Berenstein. *A estética da ginga. A arquitetura das favelas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004; e *Estética das favelas. Arquitectos* nº 013.08, jun. 2001. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/02.013/883>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

Figura 79 – Informal rooting: an open atlas | página no formato aberto



Fonte: <<http://www.informalrooting.com/>>.

Figura 80 – Desenhos de representação de construções na favela Dona Marta



Fonte: <<http://www.informalrooting.com/>>.

Este tópico, nominado como abordagens originais, exemplifica não somente a excepcionalidade nas formas de representação da arquitetura, nem a invisibilidade de construções que integram o cenário urbano – seja de duas grandes metrópoles ou de um singular centro histórico, mas também define o conceito da publicação, o método

da observação, desenho e anotação para compreensão da arquitetura, uma prática de arquitetos viajantes, como descrito no tópico 1.1.1 (p. 38).

2.5. Arquitetura e urbanismo

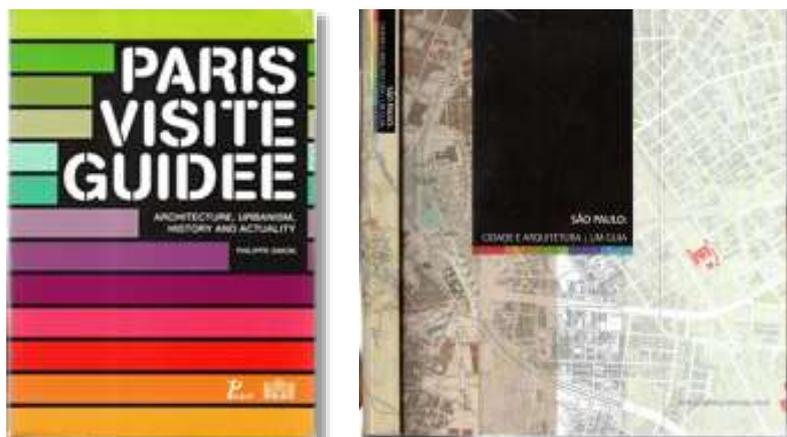
Duas publicações se distinguem dos demais guias do *corpus* por relacionar subconjuntos de edifícios à cartografia histórica e às condições sociais e econômicas da cidade. Tanto *Paris Visite Guidée*, editado pelo Pavillon de L’Arsenal em 2007, quanto *São Paulo: Cidade e Arquitetura | Um Guia*, editado por Francisco Maximiliano Zorzete,⁸⁷ em 2014, guardam semelhanças por documentar cada fase da evolução da cidade com exemplares significativos do período, contextualizando, de certa forma, a expressão estética, a tipologia de edifício e as condições de sua realização. Ambos têm um mapa geral da cidade dobrado e encartado no final do volume, porém, o guia de São Paulo apresenta como separadores de capítulos uma prancha desdobrável localizando as obras tratadas naquela seção.

No guia sobre a cidade de São Paulo não há qualquer informação sobre as condições para sua realização – o nome do editor figura nos sites de busca como arquiteto e restaurador –, a publicação *Paris Visite Guidée* confirma o propósito institucional do Pavillon de L’Arsenal, importante centro de informação, documentação e exposição sobre urbanismo e arquitetura de Paris. Criado em 1988, além de exposições e conferências, publicou mais de 80 livros, ainda em catálogo.

Na análise comparativa das capas, pela linguagem visual adotada, percebemos indícios de uma proposta editorial semelhante, ancorada na paleta cromática tanto como elemento estético como código organizador. No guia de Paris, as 13 faixas coloridas indicam roteiros ou narrativas históricas propostas para a cidade, enquanto, no guia de São Paulo, os mapas de diferentes épocas e a faixa dividida em cinco cores distintas fazem referência aos cinco capítulos da história urbana da cidade.

⁸⁷ A pesquisa pelo nome de Francisco Maximiliano Zorzete (1957-), que figura como editor da publicação sobre a cidade de São Paulo, identificou como perfil profissional: arquiteto, restaurador e diretor da Companhia de Restauro, foi chefe do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo. O autor, Jorge Bassani (1960 (?)-), é professor do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, da FAU/USP.

Figura 81 – Paris Visite Guidée e São Paulo Cidade e Arquitetura: Um Guia

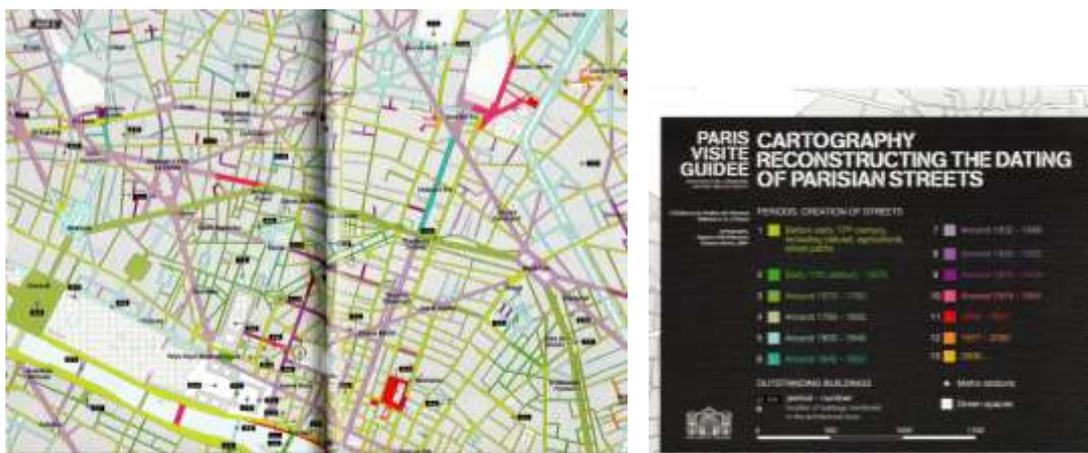


Legenda: Capas das publicações.

Fonte: SIMON, 2007 e BASSANI, 2014.

No guia de Paris, cada uma das cores da capa codifica um intervalo histórico, iniciado no século XVII (cor verde claro) até o último período, a partir dos anos 2000 (cor laranja), de cima para baixo (Figura 81). A cartografia elaborada para a publicação identifica as ruas e espaços públicos implantados em cada um dos ciclos atribuindo cor correspondente ao período. Essa é a representação da cidade como um hipertexto em que camadas históricas são sobrepostas e as conexões entre as informações são visíveis quando codificadas pela cor.

Figura 82 – Paris Visite Guidée | mapa interno e legenda



Legenda: Aspectos da cartografia com a identificação do período histórico de abertura da via; os verbetes são indicados no mapa com a numeração e a cor de cada um dos roteiros. À direita, a legenda dos períodos históricos. As diferentes cores se entrecruzam no mapa, revelando, de forma lúdica e direta, a convivência e incorporação de atualizações urbanas na cidade.

Fonte: SIMON, 2007.

Figura 83 – Paris Visite Guidée | duas páginas no formato aberto

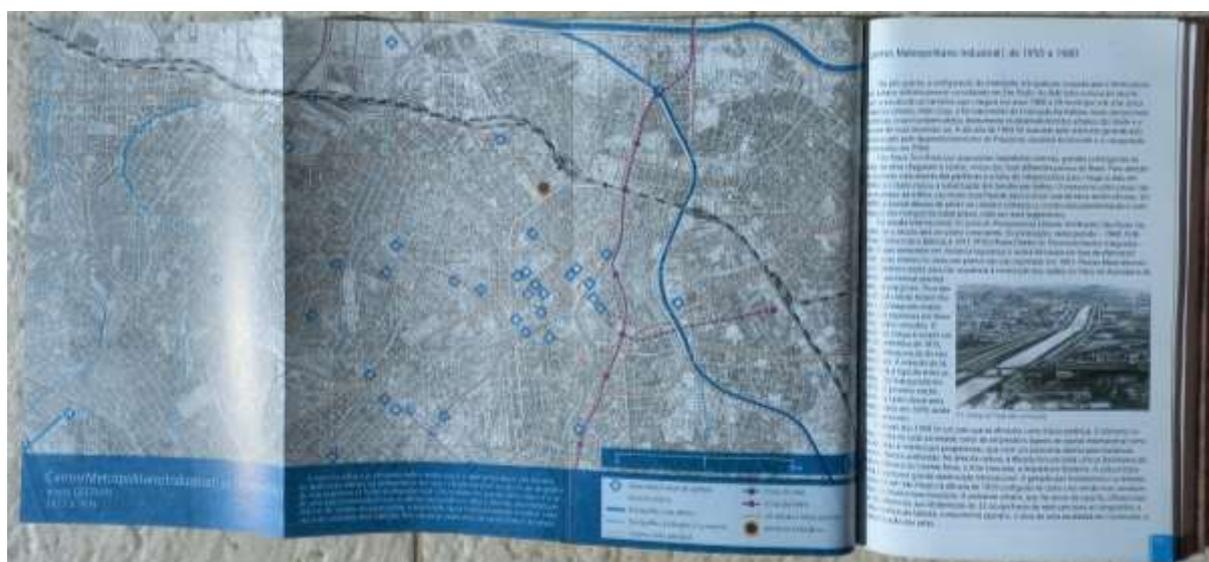


Legenda: (a) “Arquitetural Tour” com um texto de apresentação e sequência de verbetes com ficha técnica e uma fotografia, ambas indexados. (b) Exemplo de um dos vários temas referentes às etapas de desenvolvimento urbano, planos e projetos para a cidade que são apresentados por meio de um texto e imagens.

Fonte: SIMON, 2007.

A publicação para a cidade de São Paulo, dividida em cinco capítulos, utiliza como separador dos roteiros a imagem editada de um mapa publicado no período retratado e um texto. Neles são traçados os sistemas viários principais, as linhas de transporte da época e o curso dos rios, demonstrando o estágio da evolução urbana. Os edifícios são identificados por símbolos sem codificação (Figura 84). Num mapa geral encartado na publicação figuram todos os verbetes identificados pela cor do roteiro. No final da publicação apresenta-se a versão em inglês dos textos.

Figura 84 – São Paulo: cidade e arquitetura | página de abertura de capítulo



(a)



Legenda: (a) Na sequência do mapa desdobrável, arquitum texto de abertura e os edifícios que serão comentados na sequência. (b) e (c) A cor do roteiro coincide em vários elementos gráficos ao longo dos capítulos. Cada verbete ocupa uma coluna e sua posição no mapa geral se dá por coordenadas alfanuméricas.

Fonte: BASSANI, 2014.

O mapa de abertura dos capítulos é o recurso gráfico que narra, como um atlas, a evolução urbana da cidade no guia de São Paulo. Há a edição de informações de forma a tornar compreensível a relação entre os meios de circulação, o percurso dos rios transformados em canais ao longo dos anos e a posição das obras selecionadas.

Nas duas publicações, se comparadas, percebe-se a preferência, no guia de Paris, em documentar e tratar as informações de caráter histórico e social da urbe em detrimento dos edifícios que são apresentados por uma imagem e restritos dados da ficha técnica que ilustram os capítulos. A narrativa que prevalece é a da cidade e seu uso parece ser mais adequado à consulta ou leitura. No livro de São Paulo, permanece o caráter de guia de arquitetura, passível de ser manuseado durante um passeio contendo as informações necessárias para a apreciação dos edifícios.

3. EFÊMEROS, PERIÓDICOS E FORMATOS DIGITAIS

Neste capítulo serão descritos artefatos efêmeros⁸⁸ que integram o gênero editorial guias de arquitetura: os encartes, os folhetos e os formatos digitais. Enquanto os primeiros integram o campo de observação e de estudo de memória gráfica, ditos impressos efêmeros, os formatos digitais, bem mais recentes, serão analisados pelo seu conteúdo informativo sobre os edifícios e sua interação com um mapa da cidade e com publicações impressas. Apontam algumas novidades tecnológicas que interessam ao desenvolvimento futuro desse campo de estudos, porém não são o objetivo deste trabalho que se concentra nas categorias editoriais impressas.

Twyman (2008, p. 20) relatou que a distinção histórica que se fazia entre impressos efêmeros, como jornais, periódicos e as miscelâneas relacionadas à vida diária ou atividades comerciais – *jobbing work* ou *jobbing printing* –, cuja guarda em arquivos e bibliotecas não estavam contemplados nos acordos de depósito legal, negligenciou tais artefatos como objeto de pesquisa, sendo recente – década de 1960 – o interesse arquivístico destes itens.⁸⁹

Os encartes em revistas especializadas e os folhetos se apresentam como unidade autônoma, mas a edição periódica, por fascículo, torna-os insuficientes do ponto de vista do registro de uma iniciativa editorial uma vez que recuperar a série completa pode ser uma tarefa complexa para bibliófilos e estudiosos.

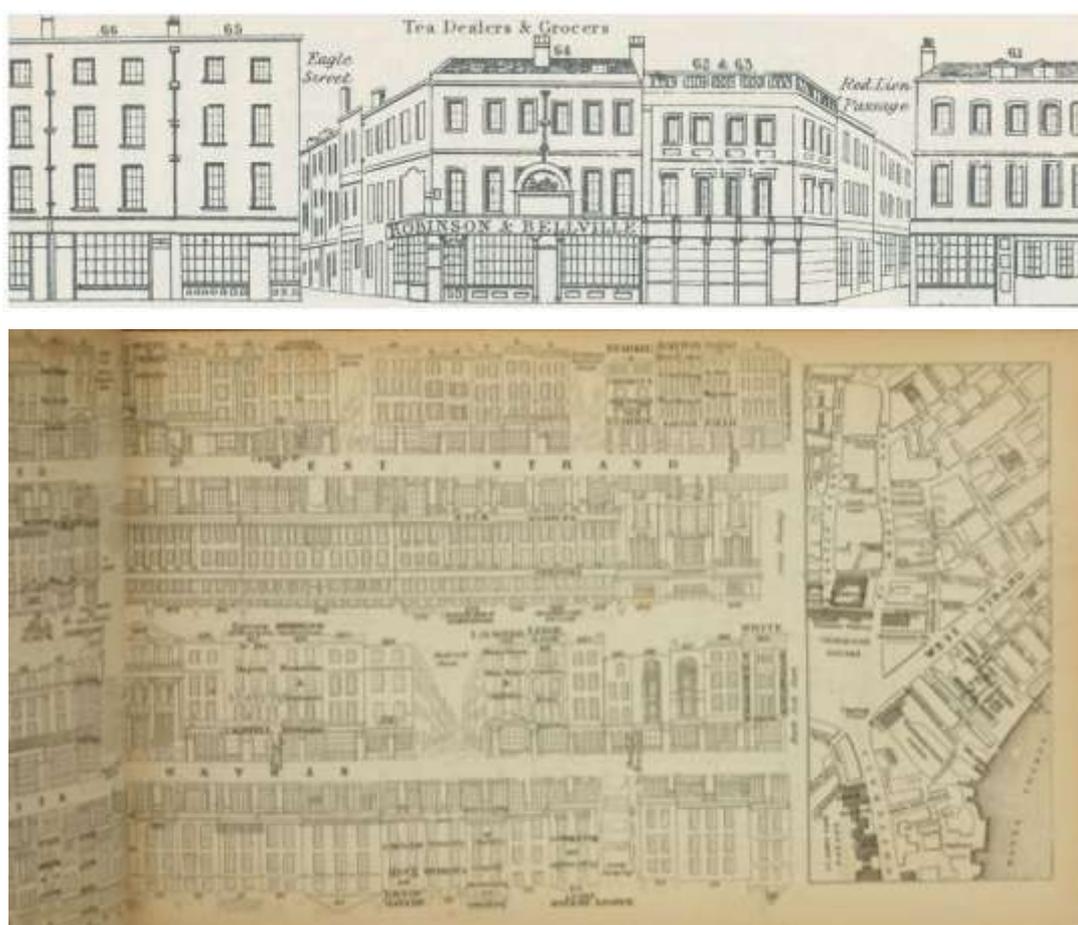
É o caso dos fascículos *Tallis's London Street View*, editados pelo cartógrafo inglês John Tallis (1817-1776). Lançados semanalmente a partir de 1838, a coleção conta com 88 edições numeradas até 1840, entretanto, são conhecidos poucos conjuntos completos (encadernados ou não) que reúnem a totalidade dos exemplares publicados. A grande tiragem, o baixo custo e as atualizações constantes tornaram

⁸⁸ Segundo Twyman, efêmeros “[...] describe documents that have relevance only for a short time, normally the day or days of the event or situation they relate to”. In: TWYMAN, Michael. The Long-Term Significance of Printed Ephemera. *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*, v. 9, n. 1, 2008, p. 19-57. ISSN 1529-6407.

⁸⁹ Rafael Cardoso exemplifica um conjunto de impressos, planejados para a vida cotidiana que não eram considerados de interesse para a guarda em bibliotecas ou arquivos: cartazes, folhetos, prospectos, programas, anúncios, ingressos e bilhetes, cartões de visita, selos e ex-libris, notas e apólices, diplomas e certificados, rótulos, embalagens, cardápios etc. Ver em CARDOSO, Rafael. *Marcas do progresso: consumo e design no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

tais artefatos muito atrativos e de grande utilidade para visitantes e moradores da cidade pois, além das fachadas e vitrines de construções contíguas ao longo das principais ruas comerciais de Londres, o desenho dos edifícios eram numerados e traziam a informação da atividade comercial ou de serviço instalada nos locais. Tais anúncios viabilizaram o empreendimento que foi copiado para outras cidades como Bristol, Bath, Manchester, Dublin, e nos Estados Unidos, nas cidades de Nova York, Boston e na Filadélfia. (TAVARES, 2016, p. 282-288).

Figura 85 – Detalhes das pranchas do Tallis's London Street View



Legenda: Medindo 134 x 220 cm, cada folheto do *Tallis's London Street View*, 1838-1840, dobrado ao meio, podia ser posteriormente encadernado.

Fonte: (Acima) <<https://londonstreetviews.wordpress.com/about/>> e (abaixo) imagem capturada do site Layers of London.⁹⁰

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.layersoflondon.org/map/records/london-street-views-john-tallis-1838/gallery/1/>>. Acesso em: 3 fev. 2022.

A riqueza nos detalhes e as informações associadas a essas publicações suscitam ainda grande interesse. Baseados no *Tallis's London Street Views*, duas plataformas digitais em funcionamento – um blog e um site – elaboram novos conteúdos tendo como ponto de partida a geolocalização do trecho de cidade referente a cada um dos fascículos originais, sobre a base cartográfica atual. Sistemas de busca permitem a navegação e o cruzamento de informações sobre locais ainda existentes na cidade.⁹¹

André Tavares (2016), que analisou a coleção completa do *Tallis's London Street Views* no livro de sua autoria, comparou-o com outras publicações desse gênero pertencentes ao acervo do Centro Canadense de Arquitetura, afirmando que:

os livros street view tiraram partido do interesse crescente nas representações descritivas das cidades. Contudo, e porque representar ruas em pormenor implica grandes investimentos e exige atualizações constantes, a moda desapareceu rapidamente. É importante assinalar uma diferença fundamental entre este gênero e o exemplo dos **guias**, uma vez que nestes a estrutura do livro tem como base a relação entre um mapa geral e o conteúdo indexado. Enquanto nos livros em street view a representação da forma arquitetônica conduz a composição da página e a sequência do livro, no guia de viagem é o contínuo de informação textual que prevalece. (TAVARES, 2016, p. 285 e 288, grifo meu).

Depreende-se, como no caso do panorama da cidade do Rio de Janeiro de 1917, tratado no tópico 1.1.2, que a circulação de tais artefatos foi viabilizada pelo interesse comercial de anunciantes e caberia uma análise do ponto de vista da atribuição de destaque entre os patrocinadores, na representação gráfica dos letreiros, no detalhamento ou simplificação de cada fachada e no arranjo das informações na página do impresso. Tais questões não integram o objeto do atual trabalho, pois traria para a discussão questões sociais e econômicas da época em que tais artefatos foram concebidos. Observo, entretanto, e comparativamente, o uso da fotografia ou do desenho, no caso, gravado em metal *a posteriori*. Se, até 1990 quando foi criado o *photoshop*, *software* editor de imagens bidimensionais, o retoque direto na chapa fotográfica era um dos poucos recursos disponíveis para correções de imagens, o uso de lentes para máquinas fotográficas para correção de deformações da forma arquitetônica em perspectivas bem-vindas; o desenho, ao contrário, propicia o ajuste na representação. A sequência de fachadas no *street view* não corresponde à experiência de

⁹¹ Para ver mais, acesse: <<https://londonstreetviews.wordpress.com/about/>> e <<https://www.romanticlondon.org/tallis-street-views/?highlightmarker=539#17/51.51374/-0.05813>>.

um pedestre: é uma interpretação abstrata (TAVARES, 2016) mas que, por estabelecer pontos de fuga a cada rua transversal, uma camada de informação espacial é adicionada à representação da arquitetura.

Do mesmo autor do *London Street Views*, citado, o blog *London Details — Details you did not know about London*⁹² tem como a mais recente publicação a de abril de 2016 e não foi possível verificar qualquer outro tipo de atualização ou interação. Navegando pelas categorias propostas (*building, cemetery, church* etc.) intui-se que além de reiterar sua intenção de mostrar “itens que você encontra ao caminhar pela cidade e deseja saber mais”,⁹³ algumas das postagens resgatam itens assinalados no *street view* do início do século XIX. O formato *blog* possui uma estrutura que permite interação com usuários que complementam informações ou permitem que o gestor, ao responder a questionamentos, ofereça informações adicionais ao tema da postagem propriamente dita.

Esse é o único caso encontrado neste levantamento em que há uma relação entre um artefato físico, elaborado no século XIX, ressignificado pelas possibilidades das ferramentas digitais como a substituição do patrimônio edificado ou a permanência de prédios e atividades no cenário urbano. O registro histórico é incrementado com novas camadas de informação interagindo com o produto original.

A seguir, serão descritos alguns exemplares físicos escolhidos para estudo das características gráficas e design editorial.

3.1. Os encartes de revistas especializadas

Entre 1980 e 1990, a revista italiana de arquitetura *Domus* publicou na forma de encarte (Figura 86), desdobrável e destacável, uma série denominada Itinerario. Totalizando 110 edições mensais, algumas bilíngues, com temas variados como uma cidade ou um autor. Cada módulo mede 22 x 32,2 cm e cada itinerário dos exemplares consultados pode ter de duas a três dobras. São impressos em duas cores para ima-

⁹² Disponível em: <<https://baldwinhamey.wordpress.com/>>. Acesso em: 3 fev. 2022.

⁹³ Tradução livre de: *items you come across when walking in the city and you want to know more about.*

gens de destaque, mais uma cor especial neutra para o texto e as ilustrações. A distribuição das informações sugere uma dobra na vertical, destacando-se da revista, facilitando o transporte e manuseio.

Figura 86 – Itinerário: revista Domus | Oud e a Holanda



Legenda: O folheto pode ser destacado do corpo da revista e dobrado no sentido vertical, como uma concertina.

Fonte: DOMUS, jan. 1999.

No Brasil, os fascículos Roteiros da Arquitetura Contemporânea de São Paulo, encartados na revista *A Construção São Paulo*, e publicados entre 1978 e 1983, foram reunidos, sem qualquer alteração de formato, no livro *Arquitetura moderna paulistana*, lançado em 1983 pela editora Pini. Posteriormente, a editora desenvolveu a série publicando, no mesmo formato, para as cidades de Curitiba (1986), Porto Alegre (1987) e Rio de Janeiro (1991) (Figura 87). Em todos os volumes, a organização é cronológica e não há mapa de localização dos edifícios. Abílio Guerra,⁹⁴ a propósito do lançamento da reedição *fac símile* em 2017, relatou na resenha “Breve história de um

⁹⁴ GUERRA, Abílio. Breve história de um livro. Sobre a reedição fac-similar de *Arquitetura moderna paulistana*. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 16, n. 192.03, Vitruvius, dez. 2017. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/17.192/6807>>.

livro”, que a publicação das fichas no formato de encarte foi uma alternativa para reduzir os custos para publicação do livro completo.

Figura 87 – Arquitetura moderna no Rio de Janeiro



Legenda: Cada edifício ocupa uma página e a sequência é cronológica. Em cada verbete, os dados da ficha técnica são organizados no alto, numa faixa entre os fios. Texto e imagem – fotografia e desenho – distribuem-se em um *grid* em três blocos.

Fonte: XAVIER, 1991.

A estrutura do livro *Arquitetura moderna no Rio de Janeiro* se aproxima a de um catálogo, um inventário. Não há mapas de localização das obras. Porém, o emprego de informações de naturezas diversas – textual, gráfica e imagem – no espaço da página, guarda semelhanças com os verbetes da maioria dos guias de arquitetura analisados.

3.2. Os folhetos

Os folhetos *Perambulation – Walking Guide to Modernist Houses* foram editados desde meados de 2020 pela designer gráfica Stefi Orazi, que tem seu estúdio em Londres. Em sua página no Instagram,⁹⁵ são publicadas fotos e informações sobre

⁹⁵ Além da página no Instagram – @moderniststates – a designer divulga e comercializa seus produtos pelo site <<https://thingsyoucanbuy.co.uk/>>. Além dos folhetos, lançados periodicamente, quatro livros sobre arquitetura moderna compõem seu portfólio, entre eles, *Modernist escapes*. A publicação, lançada em março de 2021, com o subtítulo: *An Architectural Travel Guide*, mostra 130 casas modernas escolhidas entre aquelas abertas à visita pública e de arquitetos como Mies van der Rohe, Luis Barragán, Gio Ponti e Eero Saarinen entre outros.

edifícios modernos que visita, posteriormente reunidos nos folhetos, divulgando seus trabalhos. Por meio de uma assinatura, é possível receber os folhetos tão logo são lançados (\$4.6). Um estojo também é comercializado para guardar os exemplares.

Os folhetos são impressos em risografia⁹⁶ no formato A3 (29,7 x 42,0 cm), frente e verso, com duas dobras que, refilado, mede 120 x 255 mm. Em cada exemplar, duas cores especiais distintas são utilizadas aplicadas sobre a mancha fotográfica, em retículas ou no destaque de cada verbete. O texto narra um percurso com ponto de partida e chegada, assinalado num mapa esquemático junto com a numeração que identifica cada edifício. Os dados referentes aos edifícios – autoria e data – são listados junto do mapa.

Figura 88 – Folhetos guia Perambulation | aspectos gerais do impresso



Legenda: Caixa para guardar a coleção e captura da tela do Instagram anunciando novos folhetos.

Fonte: Instagram @moderniststates.

Figura 89 – Folhetos guia Perambulation | estrutura visual do impresso

⁹⁶ A risografia, método recente de impressão sob demanda, permitiu o ressurgimento do editor-impresor, fenômeno observado nos primórdios da atividade gráfica. Segundo o dicionário *Priberam*, risografia é o “processo de impressão através de uma máquina que usa um estêncil interno e na qual são inseridos cartuchos de tinta de diferentes cores”; e define a “impressão realizada através desse processo”. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [eletrônico] 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/risografia>>. Acesso em: 5 fev. 2022.



Legenda: Frente e verso do exemplar nº 2 da série.

Fonte: ORAZI, 2020.

Um outro conjunto de folhetos observado se refere à vila balneária de Royan, localizada a sudoeste de Paris, na região de Nova Aquitânia. Os três folhetos temáticos se dividem em: Pontailac e Foncillon, considerados bairros históricos, e Anos 1950, que mostra, em 19 edifícios, aqueles mais importantes do período de reconstrução após o bombardeio sobre a área, na Guerra de 1945.

Cada folheto tem 20 páginas, dobradas e grampeadas, impresso em policromia. Nos mapas estão registrados os locais e assinalados dois percursos: um para pedestres e outro para pessoas com mobilidade reduzida, facilidade não detectada em nenhum outro artefato no *corpus* de análise. Foram editados entre 2019 e 2020 pelo Serviço Cultural e de Patrimônio da cidade de Royan, sob a direção de Charlotte de Charette e não se tem informação sobre a existência de outros itens que compõem o conjunto disponível para a análise física de seus atributos.

Royan pertence à rede nacional de vilas e cidades de arte e história, e a edição de publicações visa garantir “a competência dos organizadores do patrimônio e dos guias turísticos, bem como a qualidade de suas ações”.⁹⁷

⁹⁷ Tradução livre de: *Elle garantit la compétence des animateurs du patrimoine et des guides-conférenciers, ainsi que la qualité de leurs actions*. Disponível em: < <https://www.culture.gouv.fr/Nous-connaître/Organisation/La-direction-generale-des-patrimoines-et-de-l-architecture> >. Acesso em: 19 abr. 2021

Figura 90 – Folhetos Focus Royan | capa e aspecto visual interno



(a)

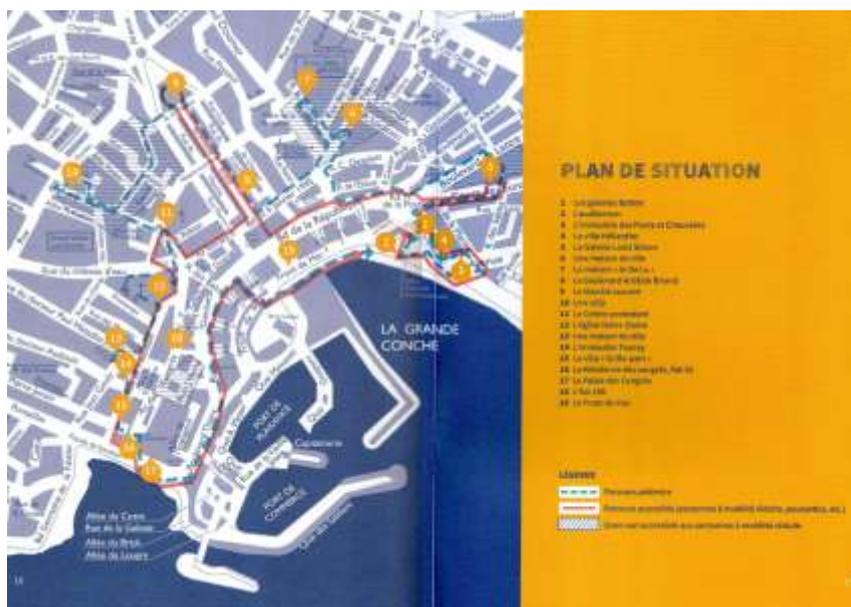


(b)

Legenda: (a) A cor da capa de cada um dos folhetos disponíveis é aplicada nos elementos gráficos do miolo como no exemplo (b) do folheto *Les années 1950*, no formato aberto. A estrutura da página, em duas colunas; o trecho superior acomoda a imagem que identifica o verbete.

Fonte: FOCUS ROYAN, 2020.

Figura 91 – Les années 1950: Royan (França)



Legenda: Dentre os exemplares do *corpus* de pesquisa os mapas dos folhetos de Royan são os únicos que definem rotas acessíveis a pessoas com mobilidade reduzida.

Fonte: FOCUS ROYAN. Les années 1950, 2020.

A identidade visual de cada um dos folhetos da cidade de Royan é garantida pelo recurso da cor chapada na capa sob a fotografia e na retícula do título, aplicada na identificação dos verbetes – nome e endereço – e no código numérico que localiza o item no mapa. Percebe-se também uma relação entre a capa e a parte interna na estrutura visual que organiza as informações. No trecho superior que corresponde a um terço da página são distribuídas as fotografias dos verbetes e os títulos.

O terceiro conjunto de folhetos analisados é comercializado dentro de um estojo; foram editados e comercializados pela Chronicle Books, sediada em São Francisco, Califórnia. A empresa tem em catálogo outros títulos da série City Walks, mas o tema da arquitetura foi tratado apenas na cidade de Nova York.

O *New York City Walks: Architecture* apresenta 25 roteiros temáticos, correspondendo a cada um dos folhetos, com 7 a 12 itens sequenciados conforme demarcação de início e fim de percurso – sempre próximo a uma estação do metrô. Um folheto, em formato de concertina, traz texto de apresentação, informações sobre como usar o artefato, referências sobre a arquitetura da cidade e um mapa geral com a posição de cada roteiro/folheto.

Figura 92 – New York City Walks: Architecture | aspectos do impresso



Legenda: No alto, imagem do estojo que guarda os folhetos. Abaixo, frente e verso do roteiro nº 17.
 Fonte: CITY WALKS ARCHITECTURE, 2009.

Cada um dos folhetos, no formato aberto de 19 x 14 cm, é impresso em cartão, policromia com aplicação de laminação fosca. O corte arredondado nas bordas preserva dos danos de uso e facilita a guarda no estojo. Um pequeno texto, logo abaixo do título do roteiro, apresenta o recorte temático do roteiro e outro, logo abaixo, destaca eventos históricos ou sociais contextualizando o percurso. O texto dos verbetes é composto como a narração de um passeio em que o nome dos edifícios aparece em negrito, complementado pelo endereço entre parênteses.

3.3. Os formatos digitais e ferramentas colaborativas

Complementando a análise de uma amostra de impressos efêmeros tratado nos itens 3.1 e 3.2, sobre os encartes e os folhetos, esta seção aborda os formatos digitais que, por sua característica imaterial e de tecnologia transitória, podem ser considerados, de certa forma, efêmeros. Trata-se também de entender como a experiência na cidade pode ser mediada por uma tecnologia em que versões são substituídas, atualizadas e/ou complementadas e, no extremo oposto, sumida, extraviada e/ou expirada. É certo que a *hipermídia* e a *interface*, conceitos desenvolvidos por Santaella para os estudos de eras culturais, contribuíram para a formação de novos ambientes socioculturais. A cultura impressa, afirma, sobrevive no design atual de páginas da web. (SANTAELLA, 2003, p. 14). O desenvolvimento e o impacto do uso de tecnologias móveis destinadas a auxiliar viagens ou passeios tem sido estudado no âmbito da Tecnologia da Informação e da Comunicação, na área denominada Turismo móvel ou *Mobile tourism* (m-Tourism). Sua potência também reverbera no campo da cultura participativa – comentários e avaliações são inseridos por usuários, ampliando o alcance planejado. Os *blogs* de viagens, *website* ou mídia social acolheram os formatos impressos, mas, “no cenário do turismo móvel, os guias turísticos passam a ser distribuídos no formato de aplicativos para dispositivos como *smartphones* ou *tablets*”, graças à integração, a esses aparelhos, do Global Positioning System (GPS) e do desenvolvimento de mapas interativos *online* e *off-line* (BRILHANTE e CORRÊA, 2015).

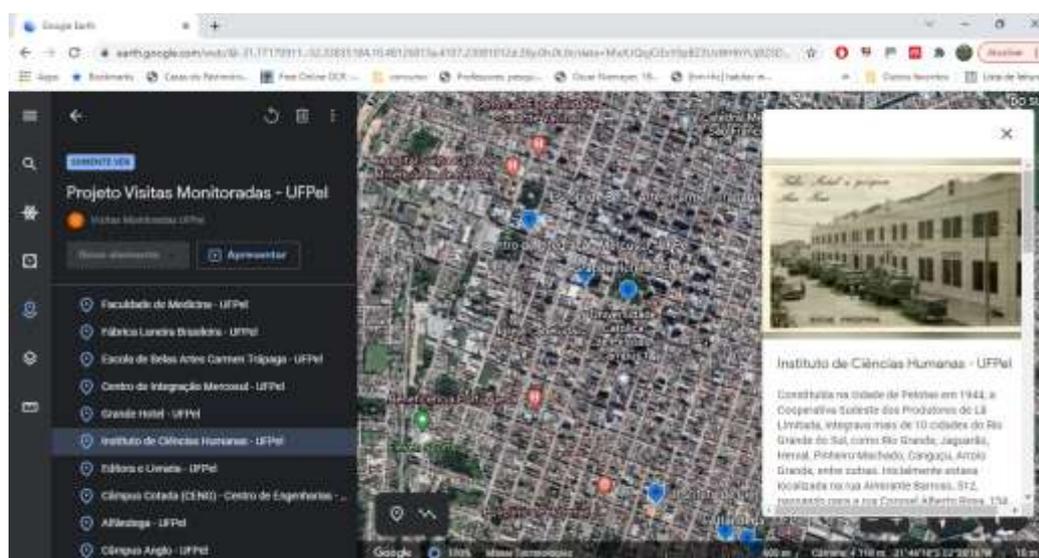
Como parte do levantamento realizado em sites com o tema de turismo de arquitetura, vale registrar a página *arquiteturismo*, vigente desde março de 2007 no portal Vitruvius.⁹⁸ A última edição disponível é de novembro de 2021, totalizando até então 176 publicações entre ensaios fotográficos, relatos de viagens de estudo, resenhas e comentários breves.

A seguir, algumas funcionalidades digitais pesquisadas. O primeiro se refere às “Visitas monitoradas pelos prédios da Universidade Federal de Pelotas”, no Rio Grande do Sul, resultado de um projeto de extensão da UFPE e disponível desde abril

⁹⁸ O site Vitruvius é um portal que trata especialmente de textos, publicações e informações sobre arquitetura, além de também postar sobre urbanismo, arte, cultura, revitalização, design, paisagismo e patrimônio.

de 2021.⁹⁹ O projeto foi elaborado na plataforma do Google Earth, a partir de um recurso lançado pela empresa Google em 2019 e que permite que usuários criem mapas ou histórias sobre lugares de forma gratuita.¹⁰⁰ O site gerencia informações de nove unidades, elencadas na aba esquerda da página, identificadas pelo ícone característico do Earth, distribuídas sobre o mosaico fotográfico da cidade. Cada ponto no mapa corresponde a uma ficha no formato *pop-up* (Figura 93) com fotografias e informações do edifício. A base cartográfica/foto aérea se move, aproximando-se do item selecionado na coluna à esquerda da tela. O programa também permite o acesso à visualização panorâmica e ao nível do solo por meio do *street view*, uma das funcionalidades do Google Maps e Google Earth; e a exportação, no formato de arquivo KMZ, das marcações para uso pessoal. O projeto apresenta, como vantagem, a ancoragem no programa Earth o que pode evitar a descontinuidade característica dos projetos institucionais.

Figura 93 – Visitas Monitoradas aos Prédios da Universidade Federal de Pelotas



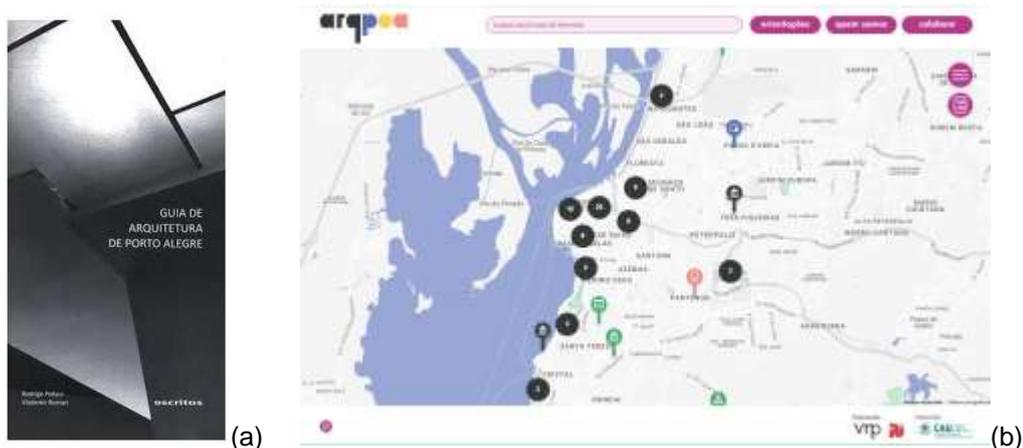
Fonte: Captura da tela da plataforma digital.

⁹⁹ A apresentação do projeto está disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ccso/2021/04/01/tu-conheces-o-patrimonio-edificado-da-ufpel/>>, que remete à página do Google Earth <<https://shortest.link/2Wym>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

¹⁰⁰ Tutorial disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR_br/earth/outreach/learn/create-a-map-or-story-in-google-earth-web/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

No território nacional, destacamos duas iniciativas apresentadas como desdobramento de livros físicos: o *Guia de Arquitetura de Porto Alegre* (2016) e o *Guia Arquitetônico de Belo Horizonte* (2014). O *ArqPOA: Guia Online da Arquitetura de Porto Alegre*, de autoria dos arquitetos e urbanistas Rodrigo Poltosi e Vlademir Roman, foi produzido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB RS) com patrocínio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/RS). Define-se como uma plataforma *online* para o levantamento participativo de 100 exemplares mais representativos da arquitetura e do urbanismo da capital gaúcha, incluídos no livro físico. A plataforma se propõe como participativa de modo a ampliar a abrangência do tema.

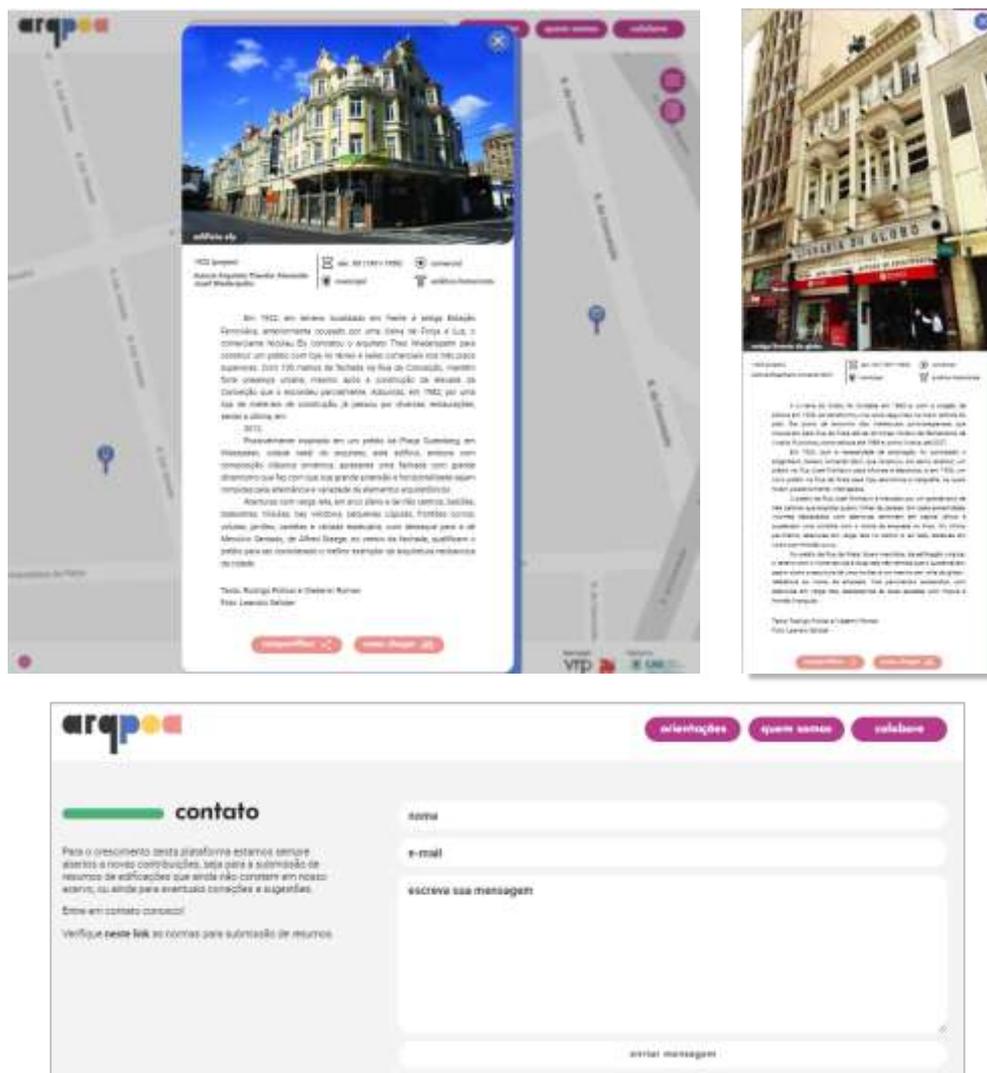
Figura 94 – Guia de Arquitetura de Porto Alegre



Legenda: (a) Capa do volume impresso. (b) Página de abertura da plataforma *online*.

Fonte: ARQPOA. <<https://arqpoa.com.br/>>.

Figura 95 – ArqPOA | capturas da tela do site



Legenda: Acima: nos verbetes, pictogramas para indicar cada um dos itens da ficha técnica (período, estilo, uso, proteção) conforme informado na seção “orientações” e de *links* (call to action – CTA) para o compartilhamento de página ou para orientação na cidade por meio do acesso à plataforma de localização Google Maps. Abaixo: tela da seção “colabore”. Um formulário e normas de submissão de resenhas de itens que ainda não foram incluídos no acervo digital.

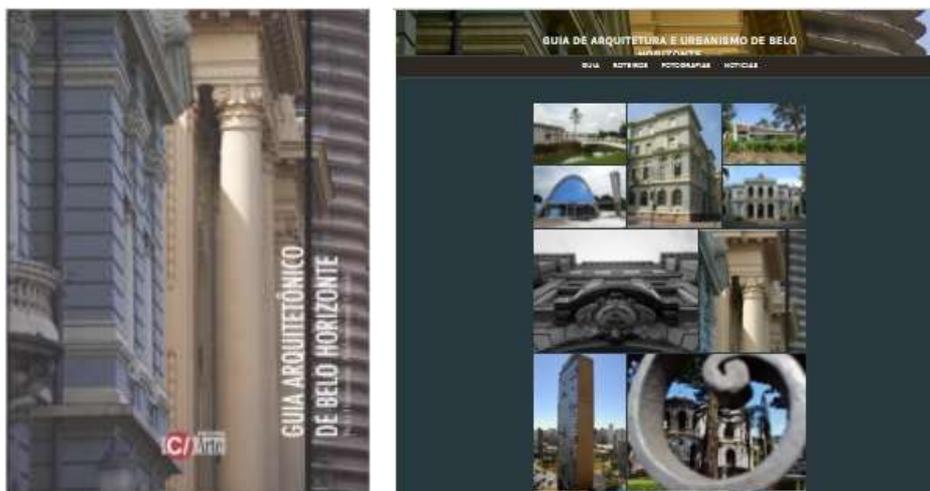
Fonte: ARQPOA. <<https://arqpoa.com.br/>>.

A publicação digital do *Guia de Arquitetura e Urbanismo de Belo Horizonte* (2014)¹⁰¹ disponibilizou as informações do livro físico *Guia Arquitetônico de Belo Horizonte*, atualmente fora de catálogo de livrarias. Foi desenvolvido na Faculdade de Engenharia e Arquitetura, mantida pela Fundação Mineira de Educação e Cultura (FEA/Fumec), localizada na capital mineira. É o resultado de um projeto de extensão

¹⁰¹ Disponível em: <<https://guiaaubh.wordpress.com/>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

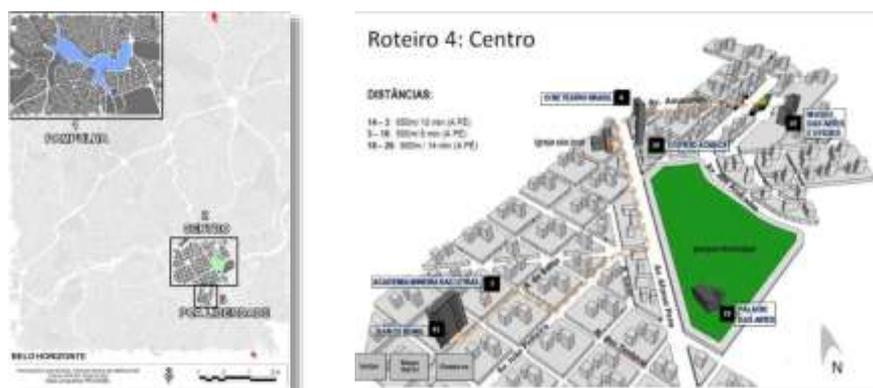
que envolveu bolsistas e voluntários coordenado por Cláudia Villaça Diniz e Alejandro Pérez-Duarte Fernández.

Figura 96 – Guia Arquitetônico de Belo Horizonte | capa da versão impressa e digital



Fonte: À direita: site de venda on-line; à esquerda: <<https://guiaaubh.wordpress.com>>.

Figura 97 – Guia Arquitetônico de Belo Horizonte | aspecto gráfico da versão digital



1	Nome edifício	Ano
	Casa de campo JK Arquiteto (s) Oscar Niemeyer / Darci Ribeiro	Ano 1942
	Academia Mineira de Letras (antigo Palácio Borges da Costa) Arquiteto (s) Luz Sigurdson / Gastão Pimenta (jornalista)	Ano 1976 / 1930 / ampliação 1993
	Cine-Teatro Brasil Arquiteto (s) Rajko Ninkovic (Húngaro)	Ano 1933
	Igreja de São Francisco de Assis – Igreja da Pampulha Arquiteto (s) Oscar Niemeyer	Ano 1941
	Casarão (atual Museu de Arte da Pampulha) Arquiteto (s) Oscar Niemeyer	Ano 1940

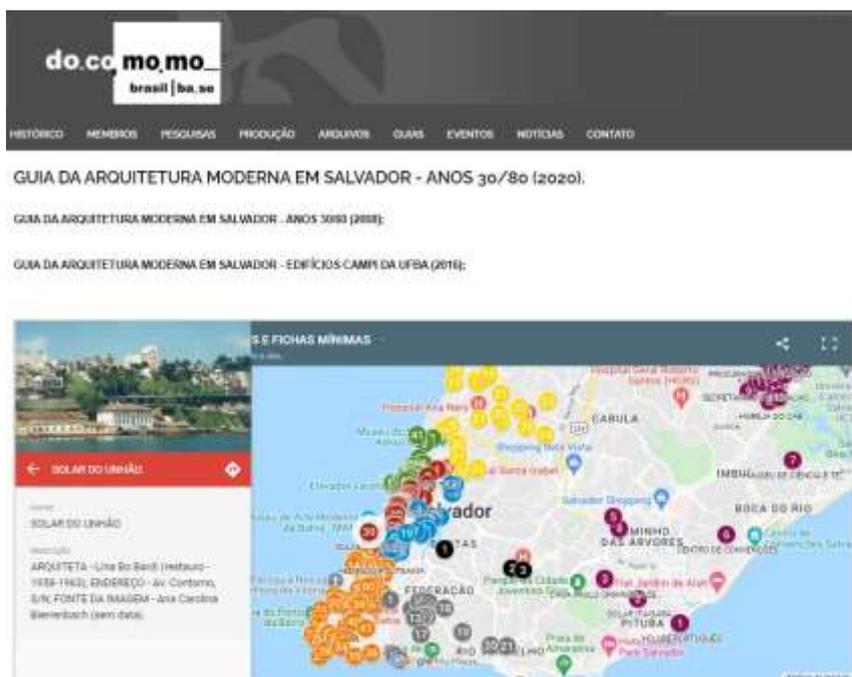
Legenda: A plataforma possui um sistema de busca por meio de consulta a fichas técnicas.

Fonte: <<https://guiaaubh.wordpress.com/>>.

Por iniciativa do comitê regional do Docomomo¹⁰² dos estados da Bahia e Sergipe em parceria com a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, está disponível no ambiente digital, o *Guia da Arquitetura Moderna em Salvador – anos 30/80*, atualizado em 2020, que utiliza recursos do Google Maps.

¹⁰² O DoCoMoMo – International Committee for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement é uma instituição sem fins lucrativos, criada em 1965, inspirada no Icomos (International Council on Monuments and Sites). No Brasil, além do comitê nacional, criado em 1992, dez núcleos regionais respondem por ações de preservação e divulgação do patrimônio moderno.

Figura 98 – Guia da Arquitetura Moderna em Salvador – anos 30/80



Fonte: DOCOMOMO BRASIL BA SE, 2020.

Na página estão disponíveis em formato de folheto (arquivo PDF) as versões do guia editado em 2008 e dos edifícios do *campus* da UFBA (2016).¹⁰³ Entre as atribuições das representações locais – realização de seminários anuais fomentando a pesquisa sobre a arquitetura moderna, elaboração de moção em defesa de edifícios modernos em risco de ruína etc. – está a organização de inventários da arquitetura moderna com a submissão de fichas padronizadas ao comitê internacional. Tais fichas de documentação são exibidas na exposição virtual MoMoVe,¹⁰⁴ que tem por objetivo dar visibilidade às expressões regionais da arquitetura moderna e aos 78 grupos de trabalho localizados em vários países dos vários continentes.

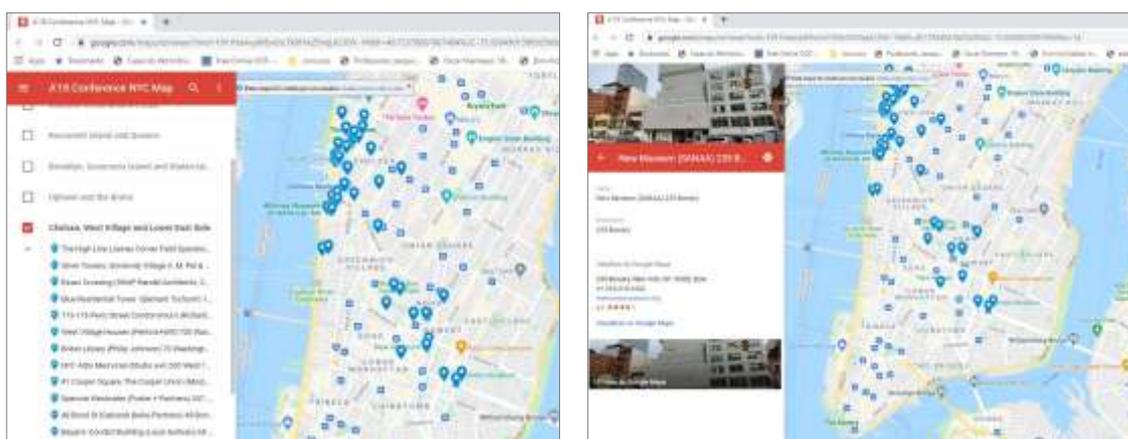
O site A'18 City Map foi lançado em junho de 2018, por ocasião da Conferência Anual da Associação de Arquitetos Americanos, seção AIA New York e o Center for Architecture. Como a página do Patrimônio da UFPE, exemplificado no tópico anterior, também foi criado baseado em um recurso do Google Maps.

¹⁰³ Disponível em: <https://docomomobase.ufba.br/sites/docomomobase.ufba.br/files/guia_de_arquitetura_moderna_em_salvador_30-60_0.pdf> e <https://docomomobase.ufba.br/sites/docomomobase.ufba.br/files/guia_arquitetura_moderna_-_campi_ufba_2.pdf>, respectivamente.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://exhibition.docomomo.com/>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

A cidade é dividida em seis regiões, que agrupam, cada uma, um conjunto de edifícios, além de uma “pasta” com os locais da conferência. A associação com a plataforma do Google Maps traz, nesse caso, a localização da estação de metrô e demais serviços nas proximidades e a possibilidade de traçar rotas e se orientar pelo sistema de posicionamento local (GPS) instalado no aparelho *smartphone*.

Figura 99 – Aplicativo A’18 City Map



Legenda: Na tela da direita, o verbete do edifício selecionado, além de fotografias de diferentes situações, indica o endereço e o site da instituição vinculada a ele.

Fonte: <<https://www.aiany.org/membership/special-projects/article/aiany-city-guide/map/>>.

Verifica-se que, apesar do promotor ser o mesmo que a publicação examinada no capítulo 2.1, a quantidade de itens listados é bem menor – 273 edifícios.

O *weblog* Archdaily, criado em 2008 pelo arquiteto chileno David Basulto, é um site de ferramentas e de conhecimento sobre arquitetura, configurando um extenso banco de dados de projetos e de imagens. Segundo informações colhidas na plataforma, que também tem página no Instagram e Facebook, são registrados atualmente 17.9 milhões de visitas mensais.¹⁰⁵ Para a versão em português, lançada em 2011, registrou-se uma média de 1 milhão e 200 mil acessos mensais em 2019.

¹⁰⁵ Dados de 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/content/about?ad_source=jv-header&ad_name=hamburger_menu> e <<https://www.loricrizel.arq.br/conheca-os-bastidores-do-archdaily-brasil/>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Uma das seções é denominada Arquitetura Guia da Cidade, organizada como artigos independentes. Foram 12 publicações desde 2017.¹⁰⁶ Foi examinada a resenha para a cidade de Roma, na Itália, publicada em fevereiro de 2020 (Figura 100).

Figura 100 – Plataforma ArchDaily | Roma



Legenda: (a) A imagem de abertura do artigo eletrônico e (b), página com o hiperlink para o verbete.

Fonte: VALENZUELA, 2020.

A estrutura é idêntica em todos os artigos publicados: no canto esquerdo e abaixo do título, os ícones das plataformas de mídia sociais Facebook, Twitter, Pinterest e de e-mail. É possível guardar o artigo numa conta pessoal. Após um texto de apresentação, seguem os verbetes como na imagem à direita (Figura 100b). O título pode conter um *hiperlink* para informações complementares publicadas pela plataforma ArchDaily – o projeto, entrevista com o arquiteto responsável e assuntos afins. O item “localização” direciona por meio de *hiperlink* para o *Google Maps*.

A mencionada descontinuidade de certos projetos digitais pode ser examinada em dois exemplos no Rio de Janeiro: o uso do QR Code para identificar pontos de interesse urbanísticos na cidade (Figura 101), lançado em 2013, e o aplicativo Patrimônio Carioca (Figura 102), disponibilizado a partir de 2014, ambas iniciativas da Prefeitura do Rio de Janeiro.

¹⁰⁶ A primeira, sobre sítios arqueológicos no Peru e, na sequência: Medellín, Colômbia; Barcelona, Rio de Janeiro, Salvador, Lisboa, Belo Horizonte, Tel Aviv, Amsterdam, Roma e, o mais recente, sobre Praças e Parques da cidade de São Paulo.

Figura 101 – QR Code em mosaico de pedra portuguesa



Fonte: Jornal O Globo, 23/01/2013.

O sistema proposto se apoiava na confecção de mosaico de pedra portuguesa representando um código de barras bidimensional – o QR Code – no piso ou calçada de locais selecionados. O turista, por meio de um *smartphone* ou *tablet* com um leitor de código instalado no aparelho, teria acesso a informações de caráter culturais. Era prevista a instalação em locais como os Arcos da Lapa, Praça Paris, Vista Chinesa, Jardim Botânico e Praça Tiradentes, conforme informado. Em conversa, na época, com a empresa promotora, a principal razão para a constatação foi a constatação da interferência de sujidades interferindo na decodificação da imagem.

O aplicativo Patrimônio Carioca¹⁰⁷ foi disponibilizado de forma gratuita para o sistema Android e IOS e teve mais de 1.000 instalações computadas, segundo a loja de aplicativos. Trata-se também de uma transposição para o meio digital de uma publicação – o *Guia de Bens Tombados no Município do Rio de Janeiro* – editado com certa periodicidade, na medida que se ampliaram as listas de bens sob tutela do Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural, responsável pelo estudo, indicação, manutenção e fiscalização de tais bens. As atualizações do sistema não estão mais disponíveis, mas entre as funcionalidades estava a pesquisa tanto de um bem específico quanto a visualização dos bens localizados na proximidade do usuário, identificados pelo sistema de localização nativo no aparelho. Cada verbete apresentava,

¹⁰⁷ Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.patrimonio.carioca&hl=pt&gl=US>>.

além de fotos, as principais informações como o endereço, a descrição e a data do tombamento.

Figura 102 – Aplicativo Patrimônio Carioca



Fonte: Captura da tela da plataforma Google Play do aplicativo Patrimônio Carioca.

Os exemplos apresentados ilustram algumas das possibilidades de construção, no formato digital de instrumentos de visualização espacial de informações sobre a arquitetura das cidades sem, contudo, oferecer uma análise mais aprofundada sobre uma ou outra funcionalidade oferecida pelos sites uma vez que o objeto dessa investigação é o livro físico. Algumas dessas iniciativas resgatam publicações raras, como no caso do *Tallis's London Street Views*, editadas no segundo quartel do século XIX, ou editadas simultaneamente a livros físicos como os *Guias para Porto Alegre e Belo Horizonte*.

Aqui estão apontadas algumas questões de análise em relação aos projetos de sistemas digitais¹⁰⁸ que, em parte, garantem a durabilidade de tais sistemas. Os dois

¹⁰⁸ Como usuária, recorro a tais aplicativos em passeios, quando disponíveis viabilizando a construção de repertório de possibilidades já utilizadas em propostas de guias de arquitetura.

primeiros problemas, superados para parcelas de usuários, diz respeito à disponibilidade de aparelhos *smartphones* capazes de armazenar e gerenciar os vários aplicativos que são oferecidos, mas também à possibilidade de aquisição de pacotes de dados que viabilizem o uso de tais facilidades em ambientes externos durante um passeio ou viagem. Cabe destacar que uma visita a um determinado local pode ser frustrada pelo término de bateria dos aparelhos ou ausência de sinal de internet. E, no caso brasileiro, a descontinuidade de algumas iniciativas devido à falta de investimentos na renovação de contratos com equipes e provedores de sistemas.

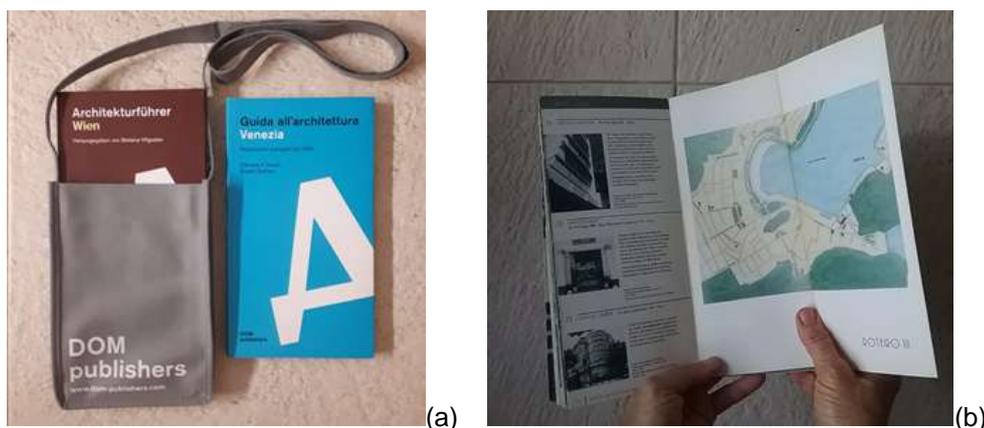
4. ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS GRÁFICAS E EDITORIAIS

Os capítulos que precederam este quarto capítulo tiveram por intenção e método elaborar um metaguia, assumindo as partes que estruturam as publicações desse gênero editorial e revelar o território cultural onde tais livros são produzidos e circulam. Percebe-se, no conjunto analisado, o compartilhamento de regras ou modelos, independentemente se os exemplares foram elaborados em território nacional ou em países estrangeiros. Evidenciamos a evolução de um gênero editorial – inovações na qualidade gráfica ou nas soluções visuais e, após esse percurso, cabe a discussão com base em exemplos. A proposta aqui é realizar a análise de conteúdo formal dos elementos típicos que caracterizam o gênero editorial de guias de arquitetura e aferir como as características materiais e a estrutura gráfica contribuem para a funcionalidade do artefato.

O primeiro quesito investigado foi a portabilidade. Observamos que não há um formato¹⁰⁹ padrão entre os exemplos da amostra, com pequena predominância do formato retrato, alongado. Porém, nota-se que alguns guias contêm características que melhor se adaptam aos passeios na cidade, seja pela aparência (*pocket*), pelo volume ou peso, seja pelo conteúdo apresentado. Os mapas do *Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro* (1996 e 2000) são dobrados e costurados no miolo: durante o passeio podem ser abertos facilitando a consulta dos locais (Figura 103).

¹⁰⁹ Utilizamos o conceito de formato de Haslam: “formato é a relação entre a altura e a largura da página” (HASLAM, 2007, p. 30). Não será objeto desta investigação, a relação entre o formato escolhido e as possibilidades da indústria gráfica.

Figura 103 – Características relativas à portabilidade e ao manuseio



Legenda: (a) O volume sobre a cidade de Viena da editora DOM é comercializado com uma bolsa, facilitando o transporte. (b) *Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro* (1996); os mapas desdobráveis do volume original da coleção, posteriormente desenvolvida, facilitam a consulta durante o passeio.

Fonte: A autora, 2021.

O segundo aspecto importante, que reforça seu aspecto instrumental de orientação e experiência do espaço urbano, é a estrutura funcional do livro e que está relacionada às decisões editoriais de cada uma das publicações analisadas: a codificação dos itens – por meio da atribuição de códigos alfanuméricos (ou simplesmente numéricos) – e o mapeamento dessas informações, complementando a abordagem no tópico 1.2 (p. 52).

Os elementos que dizem respeito à codificação dos edifícios têm duas funções: a primeira cumpre uma função de indexar e a segunda de classificar o conteúdo. A primeira guarda relação com o capítulo ou roteiro e a localização no mapa e facilita o uso da publicação. Os edifícios são numerados sequencialmente na maioria das publicações do *corpus* de pesquisa – apenas em alguns casos, a numeração recomeça a cada novo capítulo. De uma forma geral, os mapas integram cada um dos capítulos ou roteiros e adotam o seu valor. Quando são reunidos no final da publicação ou neles estão representados edifícios pertencentes de diferentes roteiros, os mapas são identificados por letras para a referência no verbete (ver figura 38b).

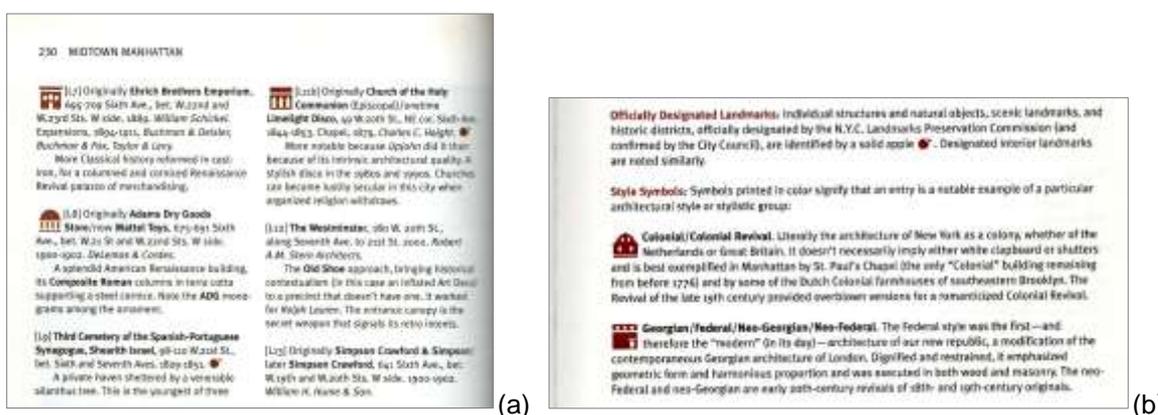
Uma segunda finalidade para a codificação, classificar os edifícios, foi observada em dois exemplos do *corpus* de pesquisa: O *AIA N.Y.* e o *Guia Rio Metropolitano* da Cidade do Rio de Janeiro.

Intui-se que a escolha dos edifícios que irão compor uma edição de guia de arquitetura é, *per se*, uma forma de classificar o patrimônio construído separando o

que é prosaico do que é relevante. Em tais publicações, por meio dos textos de apresentação e introdução, são anunciados os métodos e critérios de escolha daquele repertório. Mas, para essas duas publicações citadas, foram acrescentadas codificações que expressam conteúdos distintos.

O *AIA Guide to New York* utiliza dez pictogramas na cor especial (Figura 104), posicionados antes do nome do verbete para identificar um edifício notável por sua filiação estilística ou grupo de estilos. Além desses símbolos, o ícone de uma maçã, também em cor, designa os marcos arquitetônicos e foram atribuídos pela Landmarks Preservation Commission. A legenda dos símbolos integra a seção “modos de usar” da publicação.

Figura 104 – AIA Guide to New York | codificação por meio de símbolos

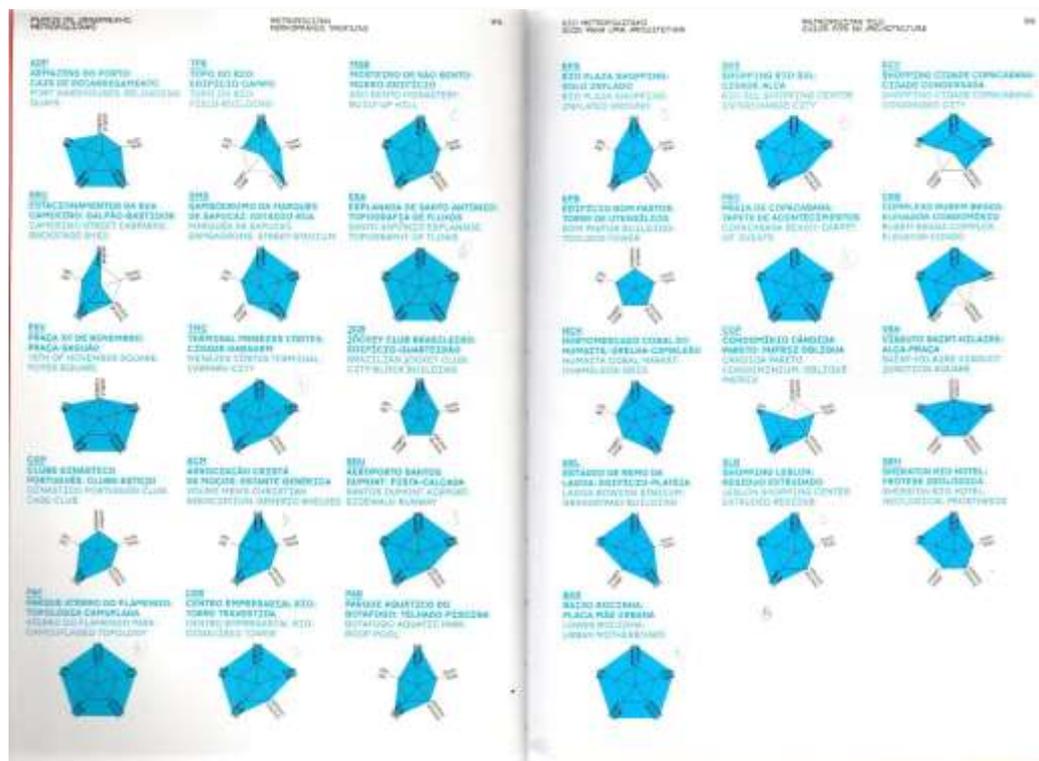


Legenda: (a) Neste exemplo, aparecem os símbolos para Renaissance Revival; Roman Revival e Gothic Revival e o ícone da maçã identifica duas edificações desse trecho. (b) O significado de cada símbolo está descrito na seção “using this guide”.

Fonte: AIA GUIDE TO NEW YORK, 2010.

O *Guia Rio Metropolitano* insere o elemento gráfico que representa o “índice de desempenho metropolitano” junto do verbete correspondente (ver tópico 2.3.3, p. 106) e, em forma de sumário, com a reunião dos 28 objetos de análise (Figura 105). Cabe ao leitor, entretanto, perceber a repetição de alguns desses símbolos atribuídos aos locais, configurando tipologias com os critérios de análise utilizados para classificar tais itens. Os editores também atribuem subtítulos (ou legendas) aos edifícios como no caso do *Made in Tokyo*: “Sheraton Rio Hotel: prótese geológica”; “Shopping Rio Sul: cidade alça”, “Mosteiro de São Bento: morro-edifício”, por exemplo.

Figura 105 – Guia Rio Metropolitan | sumário das codificações aplicadas aos verbetes



Legenda: Os símbolos colaboram com a percepção de tipologias. Como exemplo, estão no mesmo grupo: o Parque do Flamengo, a Praia de Copacabana, a Esplanada de Santo Antônio e o Baixo-Rocinha que inclui um conjunto de serviços/edifícios relacionados ao projeto de urbanização da favela da Rocinha, em São Conrado.

Fonte: LASSANCE, 2012.

O livro *Made in Tokyo* atribui um codinome aos edifícios que não caracteriza uma classificação, uma vez que designa individualmente cada um dos 70 itens com termos que dão conta do aspecto multifuncional – tão improváveis quanto oportunistas – da maioria dos edifícios. Entre os exemplos, estão: *roller coaster building* (i.e. edifício montanha russa, que designa uma construção com acesso para um parque de diversões e abriga um clube de esportes, um restaurante e, na cobertura, uma montanha russa); *graveyard tunnel* também conhecido como *ghost tunnel* (i.e. cemitério túnel – sobre uma rodovia, interligando uma pequena colina com um templo religioso e uma área lateral à via, foi construído um cemitério horizontal); e *apartment station* (i.e. estação de apartamentos. Trata-se de um edifício residencial construído sobre uma estação de trens no térreo, em parte ocupado com uma garagem para táxis).

Um recurso que tem sido adotado em publicações recentes sobre arquitetura e urbanismo que, apesar de não configurar um elemento típico de um guia, foi detectado entre os exemplares do *corpus* de pesquisa: o código de barras bidimensional (QR

Code). Com esse recurso interativo seria possível adicionar informações complementares tais como o endereço do site de uma instituição ou de um serviço e cenas de realidade virtual, ampliando as funções de uso além do livro físico. Nos exemplares da editora DOM, o QR Code está inserido junto do endereço do edifício com geodados de localização que podem ser “lidos” por aplicativo de localização instalado em *smartphones*, permitindo traçar rotas até o local.

Figura 106 – DOM Publishers | detalhe do QR Code



Legenda: Detalhe do QR Code (na ficha técnica à esquerda) com geodados de localização e associado ao endereço de uma plataforma de localização, como visto à direita, na foto da autora.

Fonte: VILLGRATTER, 2014.

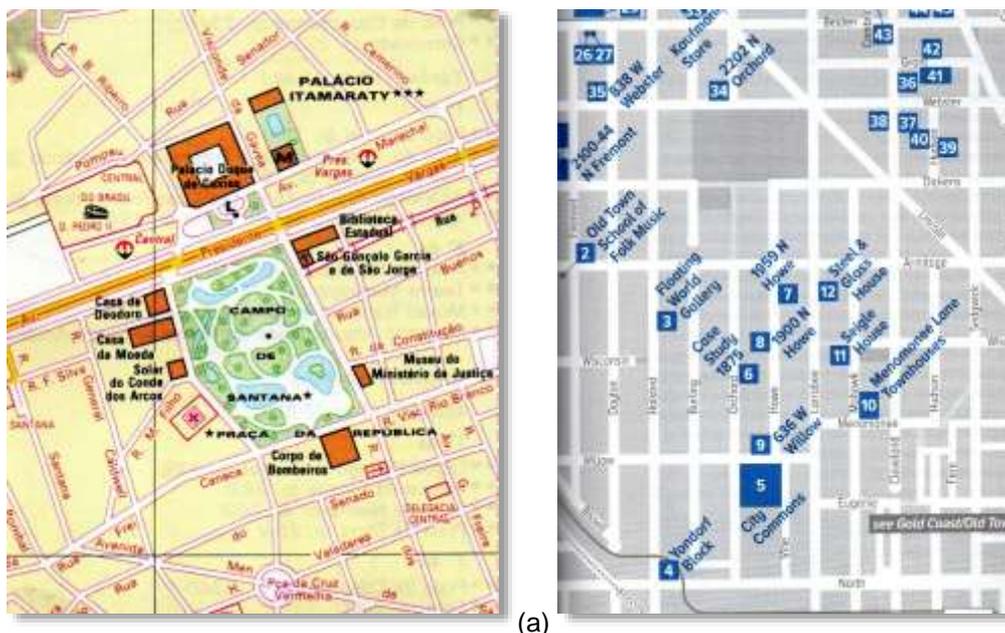
Cada roteiro mostra um grupo de itens indexados e codificados para corresponder a uma posição nos mapas, que se apresentam de maneiras distintas nas várias publicações examinadas. Sobre uma base cadastral de lote a lote, o polígono ocupado pelo edifício pode ser identificado fornecendo uma informação adicional sobre a sua relação com os demais do entorno (tópico 2.1.3). Mapas numa escala muito grande podem representar dados gerais da malha urbana, sem indicar, com precisão, a localização do edifício na rua (tópico 2.2.2). A sequência dos itens num roteiro pode sugerir ou não um percurso que, em alguns casos como no guia de Buenos Aires (tópico 2.2.1, pag. 86), é traçado sobre a base cartográfica. Nos folhetos com roteiros de visita aos bens culturais, editados pelo Serviço Cultural e do Patrimônio da Prefeitura de Royan, os mapas contam com a identificação de itinerários de visita acessíveis

às pessoas com mobilidade reduzida, atualizando as recomendações pela inclusão social.

Entretanto, para esta pesquisa o mais relevante na representação cartográfica são os recursos utilizados para tornar a informação legível o suficiente para orientar o usuário. Entre os volumes analisados, a melhor legibilidade está no Guia Michelin, tratado no tópico 1.1.4 (p. 46). Nesse exemplo, impresso em policromia que, à primeira vista, até pode parecer confuso visualmente, pelo excesso de cores e informações que oferece, porém se utiliza dos recursos gráficos de maneira estratégica. Os edifícios são representados por polígonos com a área que ocupam na cidade com o nome próximo. As várias cores empregadas estratificam as informações lançadas sobre a base: as quadras, preenchidas com amarelo claro, são delimitadas por um fio de mesma cor do nome da via. A cor que delimita os polígonos dos edifícios (preto) é usada na escrita dos nomes que podem ter caixa alta nos itens mais importantes. Ou seja, a hierarquia da informação é auxiliada pela hábil utilização de recursos gráficos e variação tipográfica e, mesmo com a diversidade de cores e elementos, consegue proporcionar bastante clareza numa consulta objetiva e sem equívocos.

Na comparação com a solução adotada para o guia de Chicago, que também indica o nome do edifício e número do verbete, não há separação cromática ou gráfica entre os planos, causando significativo ruído entre as informações.

Figura 107 – Guia Michelin e AIA Chicago | recorte de mapas



Legenda: À esquerda: no mapa do Rio de Janeiro, cada edifício é representado pela projeção do lote que ocupa. À direita: no mapa de Chicago, os símbolos com números que localizam o edifício na quadra têm o mesmo tamanho.

Fonte: (a) GUIA DE TURISMO MICHELIN, 1990; (b) AIA GUIDE TO CHICAGO, 2015.

Para ilustrar que o uso de uma cor especial além do preto na edição do guia de Chicago é um limitador de recursos para garantir a legibilidade dos mapas, se comparado com a policromia do Guia Michelin, segue recorte do mapa que orienta os leitores pelas ruas de Nova York no *AIA Guide to New York* e no Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro (Figura 108). No primeiro, o uso de linhas tracejadas para o desenho da base – limite dos quarteirões e dos lotes –, uma cor chapada, cinza, para preencher as áreas internas das quadras e a cor especial rebaixada indicando uma área livre (Madison Square Park) conferem leveza e boa legibilidade do tecido urbano. O mapa do Rio de Janeiro utilizou de forma hábil várias camadas de cores chapadas e linhas de limite de quadra, de lote e dos edifícios para dar ênfase aos itens do roteiro sem perder a valiosa informação do contexto territorial ou “desenho do chão”.

Figura 108 – AIA Guide to New York e Guia do Rio de Janeiro | mapa de um roteiro



Legenda: As duas publicações utilizam uma cor especial além do preto e em ambas as representações cartográficas, os edifícios são delimitados pela projeção que ocupam no terreno.

Fonte: (a) AIA GUIDE TO NEW YORK, 2011; (b) GUIA DA ARQUITETURA DO RIO DE JANEIRO 2016.

Se os mapas do guia de Nova York adicionam uma camada de informação aos mapas, com a divisão dos lotes dentro das quadras (as áreas cinzas são provavelmente pátios ou prismas internos), os mapas da publicação sobre Paris (Figura 109) revelam as várias camadas de construção do tecido urbano da cidade por meio da atribuição de cores ao traçado das vias, codificadas segundo 13 intervalos de tempo.

Figura 109 – Paris Visite Guidée | trecho do mapa



Legenda: O traçado de cada uma das ruas de Paris é codificado por uma escala de cores: anterior ao século XII até após o ano 2000 – em vermelho neste exemplo. Os rótulos com números identificam o capítulo e o item, também com a cor correspondente ao período.

Fonte: SIMON, 2007.

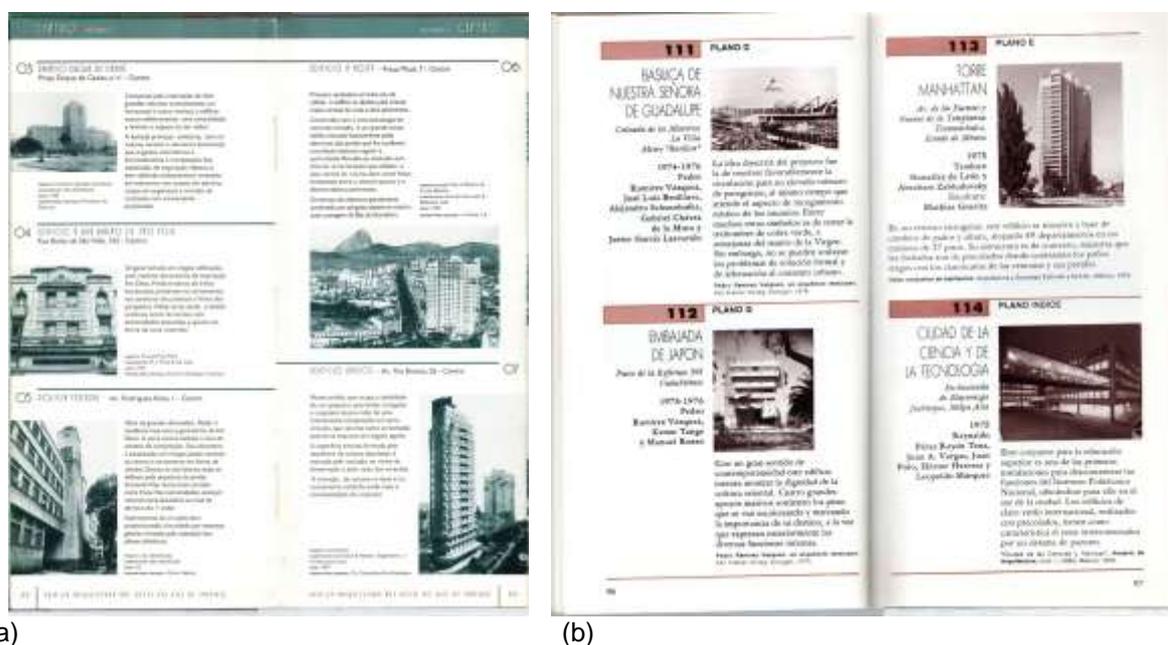
É importante registrar que o que parecia uma solução para o ordenamento dos exemplos de visita num roteiro, proposto por Richard Wurman para a série de guias Access, “a distribuição dos itens segue o caminho da leitura textual: da esquerda para a direita e de cima para baixo” (tópico 1.1.4, p. 47), não foi observada em nenhum dos exemplos do *corpus* de pesquisa. Constatou-se que, mesmo desconhecendo algumas das cidades dos exemplares coletados, há uma intenção, na concepção editorial, de designar o primeiro edifício do roteiro o de maior valor histórico. Mesmo que o visitante inicie um percurso por qualquer ponto do mapa – justificável pela proximidade de um meio de transporte, por exemplo – cada roteiro será uma construção narrativa sobre a cidade.

Um recurso gráfico e elemento de comunicação de grande importância é a cor, e seu uso, no planejamento editorial, depende das condições (econômicas, principalmente) envolvidas na edição que, infelizmente, não foram possíveis recuperar para todos os exemplos do *corpus* de pesquisa. Quando utilizada nos guias de arquitetura, cumpre um papel de organização e, entre algumas das aplicações, aparece para diferenciar os roteiros de visita ou para realçar os nomes dos edifícios na mancha gráfica. Na amostra, cinco publicações foram impressas em policromia (impressão baseada na conjugação de cores CMYK) e em sete, além do preto, foi aplicada uma cor especial para destacar elementos gráficos, trajetos, os nomes dos edifícios, símbolos

ou como retícula aplicada no fundo de imagens para delimitar a área da fotografia (Figura 110).

Vale ressaltar, que, além da possibilidade ampliada de designação cromática, quando impresso por cores especiais, a ausência de retícula promove a melhor visibilidade da informação colorida, garantindo a continuidade de traços, mesmo que sejam muito finos e nitidez nos detalhes tipográficos, promovendo melhor legibilidade da informação em mapas com múltiplas camadas de informação.

Figura 110 – Guia Art Déco e Guía Ciudad de México | uso da cor



Legenda: Em ambas as edições, que utilizam uma cor especial além do preto, a aplicação de uma retícula sobre as fotografias contribui para uma estabilização visual das imagens que têm o fundo recortado.

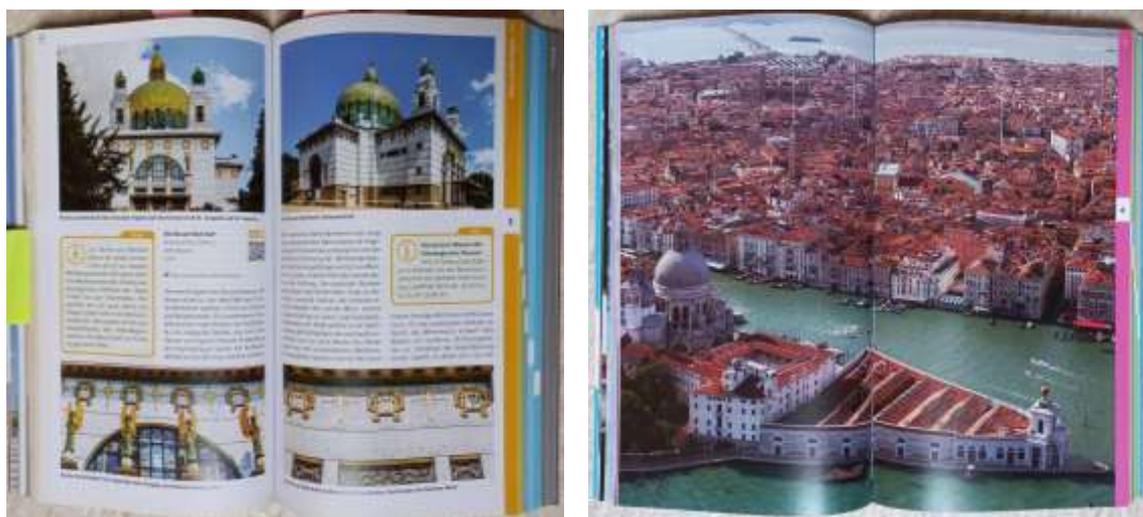
Fonte: (a) CZAJKOWSKI, 2000d; (b) NOELLE; TEJADA, 1993.

O uso da cor também está relacionado à descrição de uma realidade por meio das fotografias e seria plausível que a impressão em policromia dos guias de arquitetura contribuisse para adicionar uma informação.¹¹⁰ Os guias da editora alemã DOM

¹¹⁰ Historicamente, as pesquisas e os debates sobre a cor nos impressos de arquitetura foram iniciados em 1806, com Quatremère de Quincy (1755-1849), e por volta de 1820, “cromolitografia e policromia associaram-se [...] em edições que estabelecem uma ponte entre a história do livro e a história da arquitetura” (TAVARES, p. 26). O autor argumenta que as evidências arqueológicas do emprego da cor pelos gregos, em templos, beneficiaram-se da recém-descoberta técnica de impressão em cores, a cromolitografia, intensificando a querela.

são impressos em policromia e são utilizadas imagens fotográficas de diferentes formas de captura: fotos aéreas de conjunto e de detalhes que parecem ter sido realizadas com o auxílio de um drone (Figura 111).

Figura 111 – Architekturführer: Wien e Guida all'Architettura: Venezia | imagens fotográficas



Legenda: A impressão em policromia contribui para expressar a atmosfera das cidades de Viena e Veneza, seja nos elementos decorativos (pigmento dourado) da arquitetura de Otto Wagner (1841-1918), um dos líderes da Secessão de Viena, ou na cor do plano uniforme dos telhados e a relação da massa edificada com a água na cidade de Veneza.

Fonte: VILLGRATTER, 2014; KUSCH, 2014.

Merece destacar também a aplicação da cor para identificar cada um dos volumes de uma coleção ou uma série. No caso da Coleção Guias de Arquitetura do Rio de Janeiro, quatro cores distinguem os períodos históricos (Figura 112a). O primeiro volume da série, sobre o *art déco*, a cor foi utilizada na capa, no verso dos mapas dobrados, nas faixas na borda superior e em fios que separam os verbetes e aplicados, como retícula, sobre as fotografias, como visto anteriormente (Figura 110). Esse recurso para delimitar a área da fotografia não foi empregado nos demais volumes da coleção. Os guias de arquitetura da editora DOM têm uma cor para cada volume da série sobre cidades promovendo a visibilidade da unidade do conjunto e a variação entre os diferentes itens da série tanto quando organizados na estante ou distribuídos sobre uma superfície plana (Figura 112b).

Figura 112 – Coleção Guias da Arquitetura do Rio de Janeiro e exemplares da editora DOM



Legenda: (a) A cor dá a identidade visual do assunto tratado: da cor cúrcuma ou açafão-da-terra usado como pigmento no período colonial ao azul do movimento moderno. (b) Os exemplares da editora DOM, disponíveis fisicamente.

Fonte: (a) CZAJKOWSKI, 2000; (b) VILLGRATTER, 2014 e KUSCH; GELHAAR, 2014.

Figura 113 – Guida all'Architettura: Venezia, AIA Chicago e The Campus Guide



Legenda: Comparação entre partes das edições que utilizam o recurso da cor aplicada a uma faixa lateral da página, configurando um índice que facilita o acesso à informação.

Fonte: (a) KUSCH; GELHAAR, 2014; (b) AIA GUIDE TO CHICAGO, 2015; (c) THE CAMPUS GUIDE, 2001.

É evidente a importância da organização e hierarquia das informações de cada verbete e que recursos tipográficos – dimensionamento e estilo – contribuem para a legibilidade do que é comunicado. Em algumas das publicações do *corpus*, um pequeno texto ou esquema explicativo dos códigos visuais ou alfanuméricos utilizados na ficha técnica auxilia a navegação na publicação. Tais seções, denominadas “modos de usar” (Figura 114), também podem sugerir como programar a visita aos lugares, reiterando o caráter instrutivo desse gênero editorial.

Figura 114 – Exemplos da seção “modo de usar”



Legenda: (a) A seção “How to read this guide” assegura o uso eficaz do instrumento para visitas à cidade. (b) Apresenta um sumário, com a organização dos roteiros, e os códigos utilizados para identificar os compartimentos nas plantas. (c) Informa sobre a organização por subdivisões geográficas: *boroughs*, *sectors* e *precincts*, os dados técnicos dos verbetes e a designação dos códigos de classificação. (d) e (e) Setas indicativas informam sobre a utilização de cada um dos recursos gráficos utilizados nos verbetes.

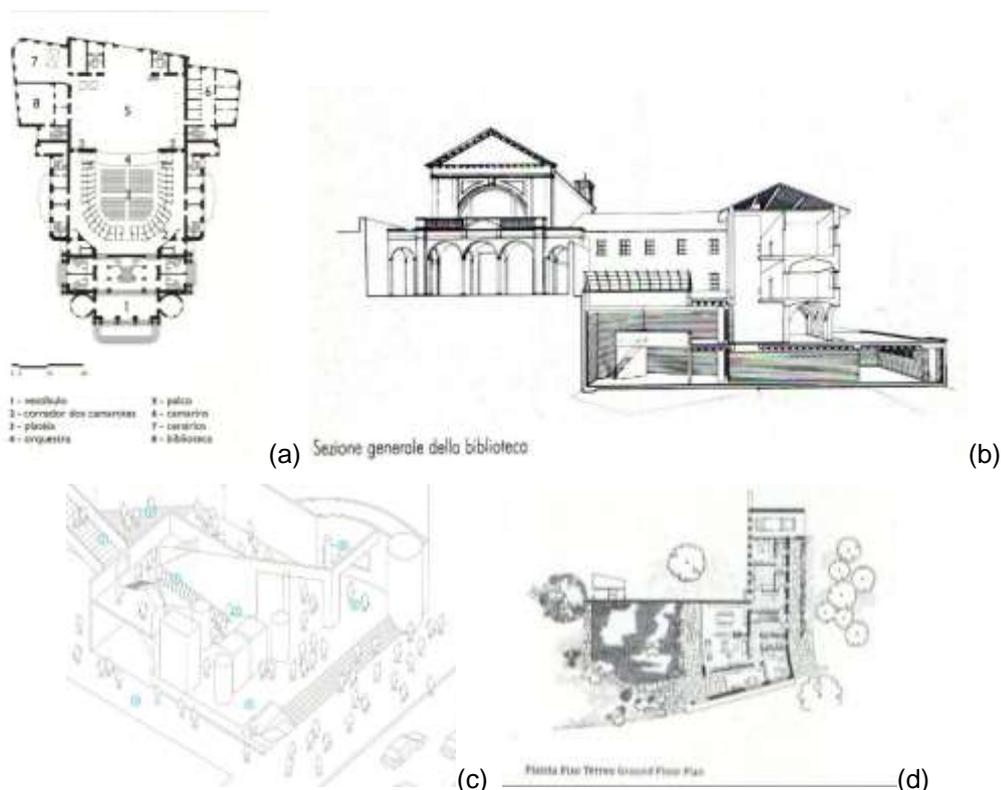
Fonte: (a) WURMAN, 2006; (b) CZAJKOWSKI, 2000, 2000b; (c) AIA GUIDE TO NY, 2010; (d) KUSCH, 2014; BASSANI, 2014.

O estabelecimento de convenções para a representação do projeto de arquitetura, como visto na introdução (p. 20), trouxe ao design o desafio da simplificação das inúmeras linhas e códigos, utilizados no desenho técnico, para tornar legível a compartimentação do espaço, a distribuição das funções, a conjugação de alturas na escala do livro, enriquecendo a percepção e a compreensão dos edifícios.

Os desenhos técnicos – plantas e cortes – prevalecem na amostragem, exceção ao pequeno *Guida alla Venezia Minore*, que foi integralmente ilustrado pela autora com desenhos de observação realizados à mão livre. Notam-se também, em algumas das publicações, croquis que aparecem como recurso visual, complementando a informação textual. A questão relevante observada nos exemplares está relacionada à legibilidade dos elementos gráficos e, quando possível, à linguagem uniforme dos desenhos. Esse fato diz respeito ao acesso aos desenhos de projeto – arquivos públicos ou privados – e à disponibilidade de recursos de interpretação para uma linguagem visual legível, na escala adequada.

Para os livros da Coleção Guias da Arquitetura do Rio de Janeiro foram produzidos desenhos calcados em plantas técnicas dos processos de licenciamento urbano, sob a guarda do Arquivo Geral da Prefeitura do Rio. Os desenhos que ilustram o Guia de Quito provêm do acervo da revista de arquitetura publicada pela mesma editora.

Figura 115 – Exemplos de desenhos de representação da arquitetura



Legenda: (a) *Guia da Arquitetura Eclética*: a espessura das linhas ajuda na leitura do esquema visual bidimensional; (b) *Guia Canton Ticino*: a seção perspectivada, característica da representação gráfica de projetos na Itália dos anos 1980; (c) *Guia Rio Metropolitano* e (d) *Guia de Arquitetura de Lisboa*: a representação humanizada.

Fonte: (a) CZAJKOWSKI, 2000b; (b) FRANCHINI, 1990; (c) LASSANCE, 2012; (d) TOUSSAINT, 2013.

No aspecto interno, a organização do conteúdo, hierarquia das informações, clareza na utilização dos recursos gráficos nos verbetes e mapas também podem ser percebidos como um atributo de portabilidade. Mais do que isso, um sistema estruturado de organização de conteúdo é um requisito de projeto do livro de arquitetura no qual texto e imagem concorrem para a construção de sentido (TAVARES, 2016).

Mesmo não sendo matéria vinculada à minha formação de arquiteta, a utilidade do *grid* no projeto editorial e gráfico foi percebida com maior ou menor êxito entre os exemplares do *corpus* de pesquisa. As grades (ou *grids*), que funcionam como gerenciadores de conteúdo, podem ser múltiplas, em um único formato ou com várias camadas para ajuste da informação, mas, em geral, observamos um *grid* de duas colunas com espaço no eixo do formato aberto. O principal desafio está na quantidade de informação vinculada a cada um dos verbetes e na disposição deste na página do livro.

No exemplo do guia de Brasília (Figura 116), que se diferencia das demais publicações do *corpus*, percebe-se a adoção de uma estrutura visual semelhante àquelas usadas em revistas, mas, ao contrário de gerar uma forma instigante, dificulta a compreensão do edifício, seja pelo excesso de imagens ou pela imprecisão do objeto retratado.

Figura 116 – Guiarquitetura Brasília | duas páginas no formato aberto



Legenda: As páginas acomodam texto e imagens – fotografias e desenhos – em vários tamanhos e proporções. O fio e campo sob o nome do edifício identificam, pela cor, o roteiro de visita.

Fonte: FICHER, 2000.

O guia exemplo do *AIA Guide to New York* (Figura 117) é o único que não adota a separação nítida entre um verbete e outro e, para tal, vale-se de um sistema de codificação alfanumérica para verbete, imagem e ponto no mapa, como visto no capítulo 2.1. A estrutura gráfica dispõe sequencialmente o texto em duas colunas, interrompida visualmente por uma divisão hierárquica da mancha gráfica que agrupa as fotografias, alinhadas na seção horizontal superior do *grid* principal. Recursos visuais são utilizados para facilitar a leitura e compreensão da grande densidade de informações: a cor aplicada nos ícones que classificam os verbetes e nos textos de edifícios desaparecidos; os realces por meio do uso das fontes em negrito ou em itálico, identificando as tipologias de informação: nomes, autoria(s), referências.

Figura 117 – AIA Guide to New York | duas páginas no formato aberto



Legenda: A estrutura visual, em duas colunas, ajusta as informações textuais e imagens. É possível imaginar uma linha (em vermelho na imagem da direita), que ancora a base das fotografias ou mapas de região. No trecho inferior, espaços em branco são gerados com término dos textos e conferem leveza visual em consideração à grande quantidade de informações por página.

Fonte: AIA GUIDE TO NY, 2010.

Estratégia semelhante foi estabelecida no *Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro* (2016): as imagens compõem a mancha gráfica e são legendadas com nome e número do verbete correspondente. A cor é utilizada para dar ênfase ao número dos itens e para destacar os edifícios mais importantes daquele roteiro. Para a edição em dois volumes (tratada no tópico 2.3.4, p. 109) foram escolhidas duas cores especiais

para identificar a versão em português (azul) e outra em inglês (laranja), além do preto. Seria necessário avaliar outros componentes do projeto gráfico, como a qualidade do papel de impressão, para aferir o sucesso dessa segunda cor para o conforto visual e leitura.

Nesses exemplares também podem ser verificadas as soluções para acomodar as versões multilíngues, a maioria das vezes em português e em inglês – este último designando uma massa de texto cerca de 10% menor – na mesma mancha gráfica, mantendo a unidade do projeto, mas ressaltando-se a necessidade de diferenciação entre os idiomas, de forma a não confundir o leitor. Percebe-se, de forma geral, recursos como entrelinhas diferenciadas, variações de tamanho, peso, inclinação ou estilo da fonte, indicando promissor alvo para análises em pesquisas tipográficas.

Figura 118 – Guia da Arquitetura de Lisboa | página no formato aberto



Legenda: A mancha gráfica em duas colunas acomoda texto e imagens. Entretanto, a distinção entre o texto em português e a versão em inglês está na fonte utilizada com e sem serifa, respectivamente.

Fonte: TOUSSAINT, 2013.

Considerando o verbete a unidade básica de um guia de arquitetura, observa-se que a estratégia gráfica mais comum é aquela que considera cada edifício ocupando a página dupla no formato aberto (*Um Guia de Arquitetura de São Paulo*, por exemplo, tratado no tópico 2.2.6, p.96 ; e *Canton Ticino*, descrito no tópico 2.1.2, p.

76) ou a que utiliza recursos pictóricos como fios ou símbolos ou aplica a hierarquia tipográfica para caracterizar a divisão entre cada um dos edifícios retratados.

Figura 119 – Guia da Arquitetura Eclética e Guia de São Luís | páginas no formato aberto

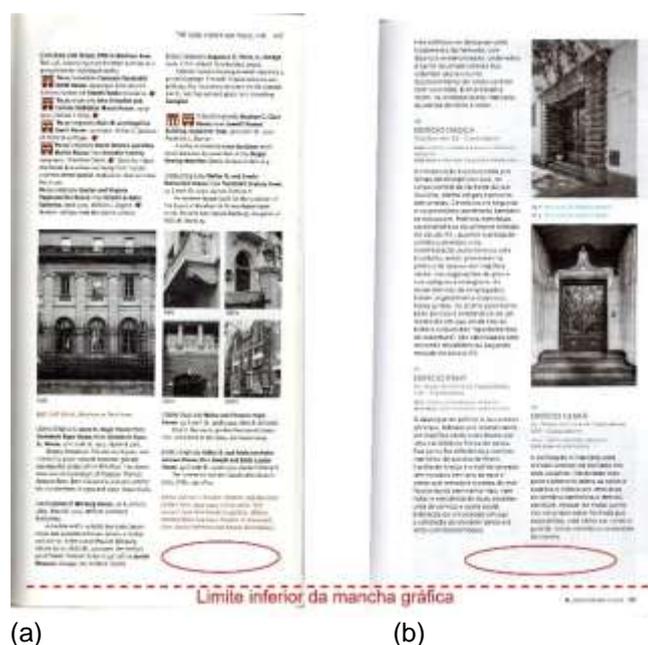


Legenda: Recursos tipográficos (fios ou cor aplicada nos títulos) definem a separação dos verbetes.

Fonte: CZAJKOWSKI, 2000b; SÃO LUÍS, ILHA DO MARANHÃO E ALCÂNTARA, 2008.

Os espaços em branco no projeto de guias de arquitetura, por vezes resultado da disposição dos verbetes – sequencial ou compartimentada – são recursos visuais que garantem o respiro, promovem o conforto da consulta e fluxo de leitura. No caso do arranjo sequencial, observa-se que aparecem na borda inferior da página, restringindo toda a informação necessária naquele espaço, ou seja, sem a necessidade de virar a página para concluir ou dar prosseguimento ao argumento do texto.

Figura 120 – AIA Guide to New York e Guia da Arquitetura Art Déco | mancha gráfica



(a)

(b)

Legenda: Nas páginas ímpares de guias com a disposição sequencial de verbetes, espaços em branco são recursos para evitar a quebra de texto para a página seguinte.

Fonte: (a) AIA GUIDE TO NY, 2010; GUIA DA ARQUITETURA DO RIO DE JANEIRO, 2016.

No formato compartimentado dos verbetes, o espaço em branco integra a composição e ajuda na hierarquia das informações, seja integrando ou separando conjuntos de informação. Em ambos os casos, os espaços em branco criam áreas de respiro que podem, numa abordagem mais econômica e compacta de produção, ser vetadas.

Os capítulos também podem ser enriquecidos com informações complementares, mapeadas ou não, mas inseridas no recorte daquele espaço geográfico. Tais comentários aparecem com tipologia de fonte diferente ou com uma cor especial. As publicações para a Cidade do México e Lisboa apresentam uma referência bibliográfica junto do verbete, enquanto o guia de Viena, como demonstrado na página 74, insere informações complementares em boxes coloridos (Figura 41). Independentemente da solução gráfica adotada nas quatro publicações, atribuo a esses complementos à voz de um narrador, em segundo plano de leitura, que sugere uma experiência urbana além da visita ao museu a céu aberto que são as cidades. Richard Wurman, ao conceber a série de guias de turismo Access desejou romper com as diferentes categorias temáticas do turismo – onde comer, dormir, divertir-se e aprender – sequenciando-as no espaço da cidade para que o visitante tenha a compreensão das relações econômicas e culturais que compõem os diferentes cenários urbanos. Esse “narrador em *off*” integra o projeto editorial de alguns exemplares de guias do *corpus*

de pesquisa: ora visa proporcionar a experiência, ora mira aproximar-se de um público maior além do estudioso da arquitetura.

Diferentes estratégias de design gráfico, se combinadas, dariam ao artefato a melhor avaliação no desempenho para sua condição de actante (ver p. 25). Ser portátil, ter mapas legíveis e formas de acesso rápido à informação poderiam motivar a um usuário tê-lo em mãos durante um passeio. A hierarquia da informação, chamando a atenção para o que é relevante, torna eficiente. A ilustração, complementando os textos, pode ampliar as possibilidades de leitura e tornar mais acessível a compreensão dos edifícios mais complexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de pesquisa sobre o tema do design gráfico e editorial dos guias de arquitetura parecia abranger, no início do percurso de elaboração da presente dissertação, apenas a área da arquitetura da informação ou da arquitetura editorial com o qual seria possível me aproximar com o meu repertório disciplinar, habilitado a leituras espaciais. A disposição das informações na página, a estrutura de uma publicação e o planejamento de algo físico aproximavam arquitetura e design. Porém, os métodos de descritivos e analíticos da cultura material, uma das disciplinas do curso, e de análise de elementos de comunicação, matéria do estágio docente, adequaram meu olhar para o objeto de interesse fazendo-me perceber como se dá a pesquisa em design, entre a história e a reflexão crítica.

Manusear os guias, tanto aqueles com os quais me envolvi na produção, quanto aqueles que me acompanharam em viagens e outros de cidades que desconheço (ainda), descobrir elementos novos a respeito deles e através deles e escolher escrever sobre isso foi o grande empreendimento a que me dispus.

Entendi a necessidade de descrever o objeto de estudo para então perceber como os elementos de design gráfico – o *grid*, a tipografia, o uso da cor, a linguagem pictográfica – contribuem para que tais artefatos configurem um nicho editorial, cativem um público consumidor e tenham uma função cultural. Essa tarefa, a propósito, descreve círculos de análise, descrição, comparação, categorização, retomando o ponto inicial até a compreensão do enunciado. E, para tanto, senti a necessidade de fazer desenhos e esquemas, alguns dos quais ilustram a presente dissertação

A premissa inicial dos estudos contemplava, de forma genérica, algumas das categorias dos livros de arquitetura, como os tratados, estudos históricos e as monografias por autor ou tipologia e, ao reduzir o escopo da investigação aos guias de arquitetura para transformar o olhar de realizadora para o de pesquisadora, tornou-se possível, ao contrário, incluir aquelas categorias de interesse como referências da representação da arquitetura e seus propósitos comunicacionais.

Percebi que a produção de guias de arquitetura está inserida num cenário editorial maior do que imaginava, com lançamentos de novos títulos inclusive para o ano corrente, de 2022. Identifiquei os novos formatos além do livro físico: os aplicativos de visita guiada para celulares e plataformas de humanidades digitais e a introdução de

recursos na mancha gráfica (o QR Code, por exemplo), que ampliam as informações ali dispostas. Anotei a consolidação de atividades de *open house* e dos *walking tours*, que mobilizam e estimulam pesquisadores, interessados e curiosos, para realizarem passeios pelas cidades e conhecerem, por dentro, edifícios quase nunca franqueados à visitação.

No levantamento dos promotores dessas publicações, registrou-se associações de classe, instituições públicas municipais, por meio dos órgãos de tutela do patrimônio ou de urbanismo; empresas comerciais e universidades e iniciativas autônomas. De autores independentes a historiadores consagrados, a maioria arquitetos, estão por trás de tais projetos editoriais. A expressão gráfica de arquitetos está no projeto e na interpretação do que é visto e registrado nos cadernos de viagem e, quando se dedicam à edição de livros de arquitetura, a exemplo de Andrea Palladio – assunto do tópico 1.1 (p. 31) – ou os arquitetos japoneses do Atelier Bow-Wow – no item 2.4.1 (p. 111) –, o legado é o aprimoramento das formas de interpretação e de representação da arquitetura.

Considerando a imobilidade como uma condição de existência da arquitetura, viajar para ver, compreender e difundir, por meio de variadas tipologias de artefatos gráficos – os relatos, as viagens pitorescas, as *vedute*, os guias –, o interesse por essa materialidade determinou passos da existência humana e fundamentou a própria história da arquitetura e a formação profissional com a leitura e o entendimento das soluções estabelecidas pelos seus pares, seja no passado quanto na cidade contemporânea. Afinal, a intenção de um livro de arquitetura não é revelar o que não se vê ou motivar o deslocamento do sujeito/leitor para a percepção espacial da obra?

Os guias de arquitetura, que derivam dessas formas antigas de transmissão de conhecimento, são entendidos como instrumentos de mediação entre o leitor e o edifício na cidade e, como registro dessa materialidade, revelando aspectos culturais e valores simbólicos configurados ao longo do tempo, como argumentam Farias e Braga. As possibilidades distintas de informação e ressignificação (ou resgate) dos edifícios colaboram para o conhecimento do patrimônio da cidade, local da vida coletiva.

A análise dessas narrativas não foi contemplada nesta investigação. Por intuição, percebo que alguns desses discursos, de tão completos ou com grande carga crítica, buscam antecipar a percepção do local, seja para o mais belo edifício constru-

ído no século XIX, para aquele que espelha a multifuncionalidade da sociedade contemporânea ou até para os mais feios e banais edifícios construídos. Seria possível fazer mapeamentos não tão rígidos a fim de contemplar o passeador, aquele que anda para ver, que tem no andar errático o seu alimento e, por ser eu mesma, uma passeadora faço dos guias de arquitetura meu objeto de estudo?

O tema não se esgota nesta dissertação, que teve como premissa entender o caráter instrumental deste artefato e como o conhecimento sobre os edifícios e as cidades é organizado no espaço do livro. Creio ter contribuído com a constituição de um compêndio de diferentes propostas editoriais, para a delimitação de um campo de estudos que se desdobra, por exemplo, na intenção futura de investigar o tratamento dos mapas, as questões de legibilidade e o quanto ainda somos capazes dessa leitura, espacial e planar, em tempos de *smartphones* com aplicativos para traçados de rotas e deslocamentos na cidade. Pesquisas das questões gráficas – estilos de fonte, tamanhos, ênfases, entrelinhas – parecem promissoras quando direcionadas ao exame desta categoria editorial e relacionadas à arquitetura da informação.

REFERÊNCIAS

- AIA GUIDE TO CHICAGO. Champaign (IL0): University of Illinois, 2015.
- AIA GUIDE TO NEW YORK CITY. New York: Oxford Press, 2010.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.
- ArqPoa. Guia de Arquitetura de Porto Alegre [eletrônico]. Disponível em: <arqpoa.com.br>.
- BANDEIRA, Julio. *A Missão Francesa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. São Paulo: Casa do Estudante do Brasil, 1957.
- BARATA, Mário. *Guia para uma história urbana*. Rio Colonial. Rio de Janeiro: Fundação Rio, 1986.
- BASSANI, Jorge. *São Paulo. Cidade e Arquitetura — Um Guia*. São Paulo: Francisco Maximiano Zorzete, 2014.
- BOUVIER, Béatrice; LENIAUD, Jean-Michel (Dir.). *Le livre d'architecture, XVe-XXe siècle*. Édition, représentations et bibliothèques. Nouvelle édition [eletrônico]. Paris: École Nationale des Chartes, 2002 (généré le 30 mai 2021). Disponível em: <<http://books.openedition.org/enc/1111>>. ISBN: 9782357231405.
- BRILHANTE, M. N.; CORRÊA, C. Análise comparativa de guias turísticos em formato de aplicativo: Lonely Planet e mTrip. *Turismo: Visão e Ação* [eletrônica], v. 17, n. 2, maio/ago. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/issue/view/347>>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- BUENOS AIRES. *Guía de Arquitectura*. 2 ed. Ocho recorridos por la ciudad. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, 1998.
- CABRAL, Maria Cristina; PARAIZO, Rodrigo Cury. *Presença estrangeira*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2018.
- CARLOMAGNO, M. C; ROCHA, L. C. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, [S.l.], v. 7, n. 1, jul. 2016. ISSN 2236-451X. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- CARPO, Mario. *Architecture in the age of printing: orality, writing, typography, and printed images in the history of architectural theory*. Cambridge (MA): MIT, 2001.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). *Quando o Brasil era moderno: guia da arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados [eletrônica]*, v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CITY WALKS ARCHITECTURE: New York. San Francisco: Chronicle Books, 2009.

COHEN, Jean-Louis. *Le Corbusier: an atlas of modern Landscapes*. New York: MoMa, 2013.

COLEÇÃO RIO GUIA PARA UMA HISTÓRIA URBANA. Rio de Janeiro: Fundação Rio, s.d. 6 vols.

COMENIUS, Johann Amos. *Orbis sensualium pictus...*, *ourheritage.ac.nz | OUR Heritage*. Disponível em: <<https://otago.ourheritage.ac.nz/items/show/7296>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

CROSET, Pierre-Alain. The Narration of Architecture. In: COLOMINA, Beatriz; OCKMANN, Joan (Eds.). *Architectureproduction*. New York: Princeton Architectural Press, 1988. (Revisions, n. 2).

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Prefeitura do Rio de Janeiro, 2000a.

_____. *Guia da Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Prefeitura do Rio de Janeiro, 2000b.

_____. *Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Prefeitura do Rio de Janeiro, 2000c.

_____. *Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Prefeitura do Rio de Janeiro, 2000d.

D'AGIOUT, Guglielmo Thomas. *La rappresentazione progettuale dell'architettura*. Disponível em: <<https://independent.academia.edu/ThomasdAgiout?swp=tc-au-11055259>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DAZZI, Camila. O ensino na Escola Nacional de Belas Artes: o Prêmio de Viagem à Europa e os alunos da antiga academia. *Revista Gearte*, v. 5, n. 1, abr. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/78893>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

DOCOMOMO BRASIL BA SE. *Guia da Arquitetura Moderna em Salvador: Anos 30/80 (2020)*. [eletrônico]. Disponível em: <<https://docomomobase.ufba.br/guia-da-arquitetura-moderna-em-salvador-anos-3080-2020>>.

FARIAS, Priscila Lena; BRAGA, Marcos da Costa. O que é memória gráfica. In: *Dez ensaios sobre memória gráfica*. São Paulo: Blucher, 2018

FERREIRA, Fátima et al. *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*. Lisboa: Associação de Arquitetos Portugueses, 1987.

FICHER, Sylvia. *Guiarquitetura Brasília*. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.

FOCUS ROYAN FONCILLON. *Villas des Années 1950*. Royan (FR): Service Culture et Patrimoine, 2020.

FOCUS ROYAN LES ANNÉES 1950. *Le centre reconstruit*. Royan (FR): Service Culture et Patrimoine, 2020.

FOCUS ROYAN PONTAILLAC. *L'Invention du balnéaire à Royan*. Royan (FR): Service Culture et Patrimoine, 2020.

FRANCHINI, Aldo. *Canton Ticino: architetture recenti*. Milano: Clup, 1990. (Stella Polare Guide di Architettura).

FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

_____. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. São Paulo: Global, 2007.

GUIA DA ARQUITETURA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

GUIA DE TURISMO MICHELIN: Rio de Janeiro: Cidade e Estado. Rio de Janeiro: Arturial; Graphos, 1990.

GUIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BUENOS AIRES 8: *Arquitectura Art Déco*. Buenos Aires: Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, 2007.

HASLAM, Andrew. *O livro e o designer II*. Como criar e produzir livros. São Paulo: Rosari, 2007.

HERBST, Helio. A magia das imagens: representações do Brasil em Brazil Builds. In: *Anais do IV Seminário Docomomo Rio – o Moderno no Rio: do risco ao risco*. Rio de Janeiro: UFRJ/Proureb; COC/PPGPAT, 2017. Disponível em: <<https://docomomo-brasil.com/wp-content/uploads/2018/04/O-Moderno-no-Rio-do-Risco-ao-Risco.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2022.

HERMANN, Carla Guimaraes. *O Rio de Janeiro para inglês ver: o panorama de Robert Buford em Londres, 1827*. 2016. 221 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200003>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n.13, p. 25-44, Porto Alegre, jan./jun. 2012.

ITINERARIO nº 53. *Domus*, nº 712, jan. 1999.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética das favelas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 2, n. 013.08, Vitruvius, jun. 2001. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

JEANJEAN-BECKER, Caroline. *Les récits illustrés de Voyages pittoresques: une mode éditoriale*. In: *Le livre d'architecture, XVe-XXe siècle. Édition, représentations et bibliothèques* [eletrônico]. Paris: École Nationale des Chartes, 2002 (généré le 28 mai 2021). Disponível em: <<http://books.openedition.org/enc/1120>>.

KAIJIMA, Momoyo; KURODA, Junzo; TSUKAMOTO, Yoshiharu. *Made in Tokyo*. 16 ed. Tokyo: Kajima Institute Publishing, 2019.

KIMMELL, Laurence; TIGGEMANN, Anke; SANTA CECILIA, Bruno. *Architectural Guide Brazil*. Berlin: DOM, 2014. Disponível em: <https://dom-publishers.com/products/brazil?_pos=1&_sid=87e0dffe&_ss=r> e em: <https://issuu.com/detail-magazine/docs/220-2_insidess_brazil>

KUSCH, Clemens; GELHAAR, Anabel. *Guida all'Architettura: Venezia*. Realizzazioni e progetti dal 1950. Berlin: DOM, 2014.

LANCHA, Joubert. Apresentação. In: PALLADIO, Andrea. *Os quatro livros da arquitetura*. São Paulo: Hucitec, 2009 [1570].

LASSANCE, Guilherme et al. *Rio Metropolitano: Guia para uma Arquitetura*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012.

LATOUR, Bruno. On technical mediation – philosophy, sociology, genealogy. *Common Knowledge*, v. 3, n. 2, p. 29-64, Fall 1994.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: 34, 1993.

LIRA, José Tavares Correia de. Naufrágio e galanteio: viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [eletrônica].

2005, v. 20, n. 57, p. 143-176. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092005000100009>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos: um guia para designers, escritores, editores e estudantes*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____; PHILLIPS, Jennifer Cole. *Novos fundamentos do design*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MACEDO, Sérgio D. T. de. *Rio de Janeiro: Guia Turístico-Histórico-Sentimental da Cidade mais Bonita do Mundo*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1946.

MADE IN TOKYO. 16 ed. Tokyo: Kajima Institute Publishing, 2019.

MAGALHÃES, Adriana Mattos. *Guias de viagem como gênero editorial*. 2006. 182 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação / habilitação em Produção Editorial). Escola de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/313>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

_____. O campo do patrimônio cultural. *I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural*, v. I, 25-39. Ouro Preto, 13 a 16 dezembro de 2009. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2451674&forceview=1>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MORAES, Reinaldo Pereira. Design da informação: mapeamento de informação e diagramas na representação de um projeto de pesquisa. *DAT Journal*, v. 4, n.1, 2019.

MÜLLER-BROCKMANN, Josef. *Sistemas de grelhas*. Um manual para designers gráficos. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

NOELLE, L.; TEJADA, C. *Catálogo Guía de Arquitectura Contemporánea: Ciudad de México*. Mexico D. F.: Electro, 1993.

ORAZI, Stefi. *Perambulation – a Walking Guide to Modernist Houses*. London: Stefi Orazi, 2020.

PAIVA, Ricardo; Diógenes, Beatriz Helena N. *Sobre o guia da arquitetura (proto)moderna de Fortaleza (1932-1960)*. 3º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação, 2013, Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/336839255_SOBRE_O_GUIA_DA_ARQUITETURA_MODERNA_EM_FORTALEZA_1960-1982>. Acesso em: 13 jul. 2020.

PALLADIO, Andrea. *Os quatro livros da arquitetura*. Introdução de Joubert Lancha. São Paulo: Hucitec, 2009 [1570].

PEIXOTO, Ariane L; FILGUEIRAS, Tarciso de S. Maria Graham: anotações sobre a flora do Brasil. *Acta bot. bras.* 22(4):992-998. 2008. Disponível também em: <<https://www.scielo.br/j/abb/a/PQv6p6Vy6xXWp9hq4CWtnJr/?format=pdf&>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

PERALTA, Evelia; TASQUER, Rolando Moya. *Guía Arquitectónica de Quito*. Quito: Trama, 2007.

PERROTTA, Isabella. A construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro a partir de seus primeiros guias para viajantes. In: CASTRO, Celso et al. *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

PESSOA, J. COSTA, E. (Org.). *Bloquinhos de Portugal: a arquitetura portuguesa no traço de Lucio Costa*. Rio de Janeiro: Funarte, 2012, p. 83 e 97.

PIMENTEL, Rita de Cássia G. da Silva. *A produção editorial de guias de viagem: uma análise das publicações sobre o Brasil*. 2008. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Habilitação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/478>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

POLTOSI, Rodrigo; ROMAN, Vlademir. *Guia de Arquitetura de Porto Alegre*. Porto Alegre: Escritos, 2016.

PORTAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/>>. Acessos entre 2020 e 2021.

PORTAL DO IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acessos entre 2021 e 2021.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018, p. 133-150.

_____. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série, v. 4 p. 265-82 jan./dez. 1996.

RIBEIRO, Berta G. Os estudos de cultura material: propósitos e métodos. *Revista do Museu Paulista, Nova Série*, v. XXX, p. 13-41. São Paulo: Museu Paulista, 1986

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História* [eletrônica], v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200003>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano*. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____; CARDOSO, Tarcisio. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. *Matrizes*, v. 9, n.1, p. 167-185, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p167-185>>.

SÃO LUÍS, ILHA DO MARANHÃO E ALCÂNTARA: guia da arquitetura e paisagem. Sevilha: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. *Consequências funestas da cruel guerra contra Bonaparte e outros inventos da paixão*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigo_do_Patrimonio_Consequencias_funestas_da_cruel_guerra_contra_Bonaparte_e_outros_inventos_da_paixao_2009.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2022.

SEGRE, Roberto. *Rio de Janeiro: Guia da Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro: Viana e Mosley, 2005.

SERAPIÃO, Fernando. *São Paulo: Guia da Arquitetura Contemporânea*. Rio de Janeiro: Viana e Mosley, 2005.

SIMON, Philippe. *Paris Visite Guidée*. Paris: Pavillon de l'Arsenal, 2007.

TAVARES, André. *Uma anatomia do livro de arquitetura*. Porto: Dafne, 2016.

THE CAMPUS GUIDE: Harvard University. New York: Princeton Architectural Press, 2001.

TOWNER, John. The Grand Tour: a key phase in the history of tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 12, Issue 3, 1985, p. 297-333. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0160738385900027>>. Acesso em: 29 maio 2022.

TRINCANATO, Egle Renata. *Guida alla Venezia Minore*. Venezia: Canal, 1981.

TUFTE, Edward R. *The Visual Display of Quantitative Information*. Cheshire: Graphics, 1984.

TWYMAN, Michael. Using Pictorial Language: A Discussion of the Dimensions of the Problem. In: DUFFY, Thomas M.; WALLER, Robert. *Designing Usable Texts*. Orlando: Academic Press, 1985.

_____. The Long-Term Significance of Printed Ephemera. *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*, v. 9, n.1, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.5860/rbm.9.1.294>>.

TOUSSAINT, Michel; MELO, Maria (Coord.). *Guia da Arquitetura de Lisboa, 1948-2013*. Lisboa: A+A Books, 2013.

VALENTIM, Fábio (Org.). *Um Guia de Arquitetura de São Paulo: doze percursos e cento e vinte e quatro projetos (1925-2018)*. São Paulo: WMF Martins Fontes; Escola da Cidade, 2019 (2ª tiragem, 2021).

VALENZUELA, Catalina. *Guia de arquitetura de Roma: 26 obras que contam a diversidade de sua história*. ArchDaily Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/933573/guia-de-arquitetura-de-roma-26-obras-que-contam-a-diversidade-de-sua-historia>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

VIEIRA, Cesar Bastos de Mattos. *A fotografia na percepção da arquitetura*. 2012, 372 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura/UFRGS, Porto Alegre. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/53735>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

VILLGRATTER, Stefanie (Ed.). *Architekturführer Wien*. Berlin: DOM, 2014.

WOODWARD, Ian. *Understanding material culture*. London: Sage, 2007.

WURMAN, Richard Saul. *Access New York City*. 20 ed. New York: Access, 2006.

_____. *A ansiedade de informação*. São Paulo: Cultura, 1991 [1989].

XAVIER, Alberto. *Arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. São Paulo: Pini; Fundação Vilanova Artigas; Rio de Janeiro: Rioarte, 1991.

ANEXO A - Capas dos exemplares do corpus de pesquisa



ANEXO B - Características físicas dos exemplares do corpus de pesquisa

		ano	edição	dimensões da página (mm)	número de páginas	esp. (mm)	capa	acabamento	cor	ilustração	modo de usar	clarezza nos campos de foto técnica	informação sobre tábua	idioma	glossário	índices	encarte	codificação	info adicional no verbete	info adicional no volume
1	AIA Guide to New York City	2010	1968, 1978, 1988, 2000	12,2x 26,4	1064	3,5	com dobra	cola	pb+cor especial	foto	sim	não	sim	ing	não	assunto, endereço	não	alfa numérica	pictograma	demolidos
2	AIA Guide to Chicago	2014	1ª	12,2x 26,4	552	2,5	refilada	cola	pb+cor especial	foto	sim	sim	não	ing	não	index	não	numérica	não	não
3	DOM Viena	2014	1ª	13,5x 24,5	540	2,2	com dobra	caderno costurado	polícromia	foto, desenho	sim	sim	não	alemão	não	projeta, endereço	não	alfa numérica	QR-code, transporte	em projeto
4	DOM Venezia	2014	1ª	13,5x 24,5	280	1,8	com dobra	caderno costurado	polícromia	foto, desenho	sim	sim	não	italiano	não	projeta, endereço	não	numérica	QR-code, transporte	não realizados, efêmera
5	Veneza minore	1981	2ª (1948)	11,3x21	72	0,5	refilada	caderno costurado	p&b	desenho livre	não	sim	não	italiano	não	não	não	numérica	transporte	não
6	Guia Arquitectónica de Quito	2007	1ª	14x28	552	3,2	com dobra	caderno costurado	polícromia	foto, desenho	não	sim	não	espanhol + fra, ing	não	alfabético	não	alfa numérica	uso original/ atual	bibliografia
7	Catálogo Mexico	1993	1ª	11,8x23	176	1,3	refilada	caderno costurado	pb+cor especial	foto, desenho	não	sim	não	espanhol	não	projetas	planta dobrável	numérica	bibliografia	bibliografia
8	Buenos Aires Recordos	1998	2ª	13x28	248	1,6	com dobra	caderno costurado	p&b	foto, desenho	não	sim	sim	espanhol	não	projetas	não	numérica	não	info turísticas / biblio
9	Buenos Aires Guia Art Déco	2007	1ª (1/7)	11,9x22,5	216	1,2	com dobra	caderno costurado	polícromia	foto	sim	sim	sim	espanhol	não	não	sim	alfa numérica	peq mapa	bibliografia
10	Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa	1987	1ª	16,2x24,2	312	2,2	com dobra	caderno costurado	p&b	foto, desenho	não	simplif.	não	port. + fra e ing no final	não	tipológico, projetistas	não	alfa numérica	premiação	não
11	Guia da Arquitetura de Lisboa	2013	1ª	13,7x18,4	384	2,5	capa dura tecido	caderno costurado	p&b + especial?	foto, desenho	sim	sim	não	port + inglês	não	projetas	não	numérica	premio, transp. biblio	não
12	Tokyo	2019	16ª (1991)	14,7x 21	192	1,5	refilada + sobrecapa	caderno costurado	p&b + especial?	foto, desenho	não	sim	não	japonês + ing	não	não	não	numérica	não	bibliografia
13	São Luis Ilha do Maranhão e Alcântara	2008	1ª	13x28	448	4,5	capa dura	caderno costurado	polícromia	foto, desenho	não	sim	sim	port + inglês	sim	projeta, endereço	sim	alfa numérica	não	bibliografia
14	The Campus Guide: Harvard University	2001	1ª	16x25,5	344	2	com dobra	caderno costurado	polícromia	foto, mapas aquarelados	não	sim	não	inglês	não	index	não	numérica	não	bibliografia
15	Paris Visite guidee	2007	1ª	14,5x21	226	1,3	com dobra	caderno costurado	polícromia	foto, reprodução fotografica	sim	sim	sim	inglês	não	tipologia e index	sim	numérica	não	bibliografia
16	São Paulo: Cidade e arquitetura	2014	1ª	12,9x21	291	1,8	com dobra	cola	polícromia	foto, reprodução fotografica	sim	sim	não	português + inglês	não	autores, verbetes por roteiro	sim	numérica + cor	não	não
17	Um guia de arquitetura de São Paulo	2021	2ª (2019)	12x17	448	2,6	refilada	caderno costurado	p&b	foto, desenho	não	sim	não	português	não	alfabético	não	numérica	não	não
18	Rio Metropolitano: Guia para uma arquitetura	2012	1ª	15,6x22,9	288	2,3	com dobra	caderno costurado	p&b + especial?	desenho	não	sim	não	port + inglês	não	não	não	alfa	web site	não
19	Rio: Guia para uma historia urbana	1988	1ª (1/6)	26x12,8	52	0,4	refilada	caderno costurado	p&b + especial?	foto	não	sim	não	português	não	não	não	numérica	não	não
20	Guia da Arq. Colonial	2000	1ª	11x26	220	2,2	com dobra	caderno costurado	pb+cor especial	foto, desenho, reprodução fotografica, mapas aquarelados	sim	sim	não	port. + ing no final	sim	tipologia e projetistas	mapa dobrável	numérica	uso original/ atual	bibliografia
21	Guia da Arq. Edética		1ª		220	2,2									uso original/ atual				bibliog e edif. desaparecidos	
22	Guia da Arq. Déco		3ª (1996, 1998)		164	1,4									uso original/ atual				bibliografia	
24	IO Guia de Arq. Moderna		1ª		212	2									uso original/ atual				bibliografia	
24	Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro	2016	2ª	12x25,2	488	2,8	capa "dura"	caderno costurado	pb+cor especial	foto	sim	sim	sim	português	sim	tipologia e projetistas	não	numérica	não	bibliografia